This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

G
540
V4

VEIGA
VIAGEM...

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

VIAGEM

DA

CORVETA VITAL DE OLIVEIRA

AO

OCEANO PACIFICO

NO ANNO DE 1876

POR

L. A. V.

RIO DE JANEIRO
Typographia—Academica—rua Sete de Setembro n. 73

1877

G540
V4

AO LEITOR

O presente folheto resulta da reunião das cartas que sobre a viagem da corveta *Vital de Oliveira* forão publicadas no *Jornal do Commercio*, reunião a mim pedida por alguns amigos, como um meio de poder-se conservar melhor aquella narração.

É a reproducção do que naquella folha foi impresso, com as seguintes pequenas differenças: ter sido levado á conclusão, ter sido supprimido um paragrapho que prestava-se, ou prestou-se, a um sentido menos conveniente, e não ser perfeitamente igual á parte que se refere á estada em Guayaquil, pois, não tendo podido fazer acquisição do impresso no *Jornal*, tive de refazêl-o com as notas que ainda possuia.

Apezar de reconhecer que muito do que ha ahi carece melhor redacção ou suppressão, nada comtudo alterei, por ser isso cousa que em nada interessa a verdade da narração. Essas linhas forão escriptas ao correr da penna e sem a minima pretenção; no mesmo estado as conservaremos.

A CORVETA VITAL DE OLIVEIRA

levou por commandante e officiaes os Illms. Srs. abaixo declarados

Commandante — Capitão de fragata Luiz Maria Piquet.
Immediato — Capitão-tenente José Candido Guillobel.
Instructores — 1º Tenente Eusebio de Paiva Legey.
» » » Candido Tertuliano Ewerton Quadros.
» » » Luiz Pedro Tavares Junior.
» » » João de Andrade Leite.
» 2º Tenente Innocencio Marques de Lemos Bastos.
Officiaes — 1º Tenente José Porfirio de Souza Lobo.
» » » Alvaro Nuno Ribeiro Belfort.
» 2º » José Ramos da Fonseca.
» » » Gustavo Antonio Garnier.
» » » Ceryllo Gonçalves de Negreiros.
» Guarda Marinha João Baptista das Neves.
» » » Joaquim Francisco Corrêa Leal.
Alumnos » » Francisco Thomaz Alves Nogueira.
» » » João Baptista Gonçalves Tinoco.
» » » João Fernandes de Almeida.
» » » Carlos de Souza Ferreira.
» » » Fernando Carlos de Carvalho.
» » » José Fructuoso Monteiro da Silva.
» » » Estevão Teixeira Junior.
» » » Affonso Cavalcanti do Livramento.
» » » Frederico Marques de Sá.
» » » Pedro Paulo de Oliveira Santos.
» » » Lindolpho Malveiro da Motta.
» » » Gastão Barreto da Costa.
» » » João Maximiliano Algernon Sidney Schieffler.
» » » Joaquim José Rodrigues Torres Sobrinho.
» » » Antonio de Souza Reis.
» » » Luiz Carlos Freire de Souza Junior.
» » » Arthur Henriques Freire de Carvalho.
» » » Elpidio da Gama Bentes.
» » » Julio Alves de Britto.
» » » José Coelho Gomes.
» » » Manoel Joaquim Nobrega de Vasconcellos.
» » » Adolpho Joaquim Penna.
» » » Arthur Pereira de Vasconcellos.
» » » Arthur Velloso Rebello.

Saude — 2º Cirurgião Dr. Luiz Agapyto da Veiga.
» » » Dr. Guilherme de Paiva Magalhães Calvet.
» 2º Pharmaceutico Francisco Hermelindo Ribeiro.
Fazenda — Official de Fazenda de 3ª Classe João Antonio da Silva Picanço.
Culto — Capellão de 1ª Classe Silvestre Carucço.
Machina—1º Machinista, 2º Tenente honorario José Joaquim Gonçalves.

No dia 28 de Dezembro de 1875, á meia hora depois do meio-dia, estando limpo o céo e a viração fresca, moveu-se a corveta. As unhas de ferro, que a retinhão ao solo brazileiro, pendião já da amarra, para por muito tempo deixarem de, nas arêas do fundo da bahia-rainha, prender á terra natal sua filha, pois essa corveta é tambem, como os que transporta em seu seio, filha do brazileo torrão, onde brotárão e crescêrão as madeiras de que se formou.

Todos em cima, os que estavão de serviço no posto respectivo, os desoccupados nos xadrezes dos portalós, ou curvos nas portinholas, dispunhamo-nos para ainda uma vez contemplar esses montes queridos, essas praias que alvejão graciosamente em caprichosas curvas e as casas gentilmente sentadas á beira-mar.

Todos aquelles pontos trazião-nos recordações. Ainda na vespera passeavamos pelas ruas em que se alinhão aquellas casas cujos tectos viamos de bordo; ião todos desapparecer de nossos olhos, mas em nossa memoria estão gravados seus perfis, como estão vivas muitas scenas a que alli assistimos.

Ao passar pelo navio chefe fez-se com a bandeira o comprimento do estylo; diziamos-lhe adeus, e esse adeus assim dito com bandeiras iguaes bem semelhava o aceno amigavel de irmãos. Dahi a pouco tudo devia ficar esquecido no bulicio da grande cidade, para os que sabião que então sahia em longa viagem a corveta que nos transportava; mas a nós por algum tempo ainda havião ficar presentes á memoria todos esses objectos que fallavão ao nosso coração como a imagem de um ente querido. Consola-nos a idéa de que tambem ficava-nos ahi, a seguir-nos pelos campos da fantasia, olhares solicitos de mãis extremosas, de esposas desveladas e de pais vigilantes.

Um a um forão-se sumindo nas quebradas das praias, por detrás dos montes, os differentes segmentos da opulenta capital. Em breve ella sumio-se completamente por detrás do Castello, Santa Luzia foi-se tornando indistincta, e forão tambem desfilando os faceiros arrabaldes até que o morro de S. João tudo nos encubrio.

Dahi a pouco só viamos indistinctamente o fundo da bahia e os mastros dos navios por entre o enfumaçado que embaciava o panorama. Via-se apenas ainda Villegaignon, frisada de amarello, attenta sentinella postada á espreita no meio da bahia, alongando a vista pela barra fóra.

Não sei porque não ouvia eu estas phrases queixosas, repassadas de saudade, que sempre tenho ouvido ao deixar aquelle porto; parecia que iamos fazer apenas uma pequena viagem, de prompto regresso ao porto de que sahiamos, e não uma viagem longa, por mares dos mais tempestuosos do mundo, e em outro oceano differente do que o que banha o nosso litoral.

Passámos a ilha Rasa, ponto de mira para a entrada do mais bello porto do mundo; tomámos á SSO., e afastámo-nós com uma velocidade de seis á sete milhas dessas terras que pouco e pouco forão-se confundindo com as nevoas, até que á tardinha as perdêmos de vista.

Parecia que já tudo estava esquecido, que já havia dias tinhamos deixado o porto. Cada qual entregára-se á sua occupação ou ao prazer da palestra. Desfizera-se o agrupamento de junto ás bordas do navio, d'onde não se descortinava mais que a vastidão solitaria e núa do alto mar.

Só daqui a onze mezes, meu caro torrão, tornaremos a avistar as tuas graciosas collinas, os teus serros azulados! Que prazer então quando ao primeiro grito de— terra! corrermos á amurada, e alongando a vista pudermos distinguir por entre as brumas do horizonte o perfil de teus montes, tão conhecido a nossos olhos, quanto caro a nossos corações! A Gavea! lá está á Gavea!... Só póde saber quanto prazer enche-nos o peito, ao ouvir uma exclamação semelhante, quem uma vez deixou por longo tempo a cidade em que passou a feliz infancia e a esperançosa adolescencia, e aonde tem o lar, a familia e os amigos, todos os vinculos do coração, se não todas as esperanças de sua vida, quem errou por estranhas e longinquas plagas, quem soffreu nos mares os incommodos da vida de bordo, a desordem irada dos elementos, a privação de todos os encantos e consolos do lar.

Iamos então no isolamento, perdidos a todas as vistas humanas, comprimidos nos flancos de um navio, correr grande parte da costa do nosso continente. Ja tinhamos o panno aberto a uma boa brisa á popa. O helice parára, a machina tinha-se immobilisado; só as grandes azas impellião a gentil corveta. O mar estava quieto, mosqueteado de pequenas vagas, que simulavão frocos de arminho semeiados sobre um manto azul-escuro. E' bello navegar assim; enleva-se docemente o pensamento na scisma, como o navio ao sôpro do vento sobre a vaga em que manso se balança. Como influe sobre o nosso pensamento esse deslisar sereno, a brisa amena a nos convidar o corpo a abrir-se ás sensações!

« Viajar é, por mais que se pretenda o contrario, diz Stael, uma das mais tristes occupações que se possa ter.» Se ha muitas circumstancias em que assim de facto é, muitas outras ha em que se dá o contrario. Viajar sem o espirito pezaroso, sem ser em um wagon de estrada de ferro, em que estamos como que presos, á mercê da fumaça e da poeira, não é, certo, agradavel; mas, ir cheio de saude, com o espirito despreoccupado em um bom navio de

vela, com bom vento e mar tranquillo, é um prazer, um encanto para mim, e deve sêl-o sempre para quem ama o devaneio. Movem-se então ao mesmo tempo o corpo e o espirito, este nas azas da fantasia e aquelle nas do vento; e ambos têm um horizonte sem fim, um o do alto mar, outro o da imaginação.

Dissemos o adeus ao anno de 1875 em pleno mar. O dia de anno bom surgio bonito, luminoso. Celebrou-se o santo sacrificio da missa singelamente, mas com a pompa do alto mar. Trazião ao espirito a magestade da religião essa abobada immensa que nos cobria e a vastidão do oceano sobre que vogava o fragil lenho em que nos ajoelhavamos. Falla-nos do que é grande tudo que lembra a nossa pequenez, e essa immensidade que nos cercava fazia que nos sentissemos pequenos e obrigava-nos a render adoração a quem juntou aquellas aguas e fixou no espaço esse globo luminoso que alumia e vivifica a creação. Tinhamos, como dizia Chateaubriand, a immensidade sobre nossas cabeças e a immensidade sob nossos pés; estavamos sós, mas certos de que ahi, onde perdia-se na solidão do espaço a voz do sacerdote, havia um olhar vigilante e um ouvido attento que furtavão-se ás nossas vistas, mas a que chegava distincta a prece e que avistava o mesquinho marujo reverente de joelhos.

Só nestes ultimos dias avistámos navios. O prazer que se sente ao avistar na solidão do oceano um companheiro, é grande. Todos têm visto navios ás centenas, nos portos e no mar largo; todos podem reproduzir com exactidão na mente a perspectiva que offerece á sua vista e no emtanto todos procurão vêl-o. Affirma-se a vista e assesta-se a luneta. Ainda está muito longe e indistincto, mas busca o olhar conquistal-o ás brumas do horizonte.

Eil-o que se approxima; aquillo não é um conjuncto de madeira, panno e cabos; é um ser animado, um amigo a quem quizeramos apertar nos braços. Salve! o companheiro que comnosco partilha os perigos do mar, salve! bons ventos o conduzão!

Serião 8 1|2 horas da manhã do dia 4 quando se avistou terra. Não erão as graciosas e altaneiras montanhas que se descortinão longe do porto que tinhamos deixado, mas collinas e terras espraiadas, areentas, amarelladas, das cercanias de Maldonado. Era, porém, terra e para quem a tem perdido de vista por uma semana, seja ella como fôr, sempre ha prazer em avistal-a. Viamos pela prôa a ilha dos Lobos, e por estibordo foi-se tornando distincta, a pouco e pouco, uma columna que parecia fincada no meio das aguas. Era o pharol de Maldonado.

Havia pouco mais de um anno que eu alli estivera e subira ao fóco do pharol, bem longe de suppôr então que tão cedo havia de tornar a avistal-o. E elle sempre alli, erguido como um braço da humanidade empunhando o facho que deve guiar os que navegão e auxilial-os a evitar os escolhos.

Adeus, amigo. Nós vamos nosso caminho; continúa no teu posto, mergulha a luz de tua lampada nessas trevas que desnorteão o navegante; tu és o anjo de pedra da entrada do rio-mar.

Lá estão as Flôres, tão pequenas e escuras como é alvo o pharol que sustentão! Todos esses pontos são conhecidos de quasi todos nós. « Atrás da ilha Gurriti que alli está, no porto de Maldonado, diz um, já nos abrigámos de um feio tempo de suéste.» « Alli está mergulhada a *Bombay*, diz outro.» « Destas ilhas, diz ainda um, indicando as Flôres, em tal rumo e a tantas milhas, está o banco inglez.» «Lá estão as rodas do *Pedro II*.»

E as narrações succedem-se e entrecruzão-se. Os que ainda não vierão aqui indagão dos que já vierão.

Já se avista o Cerro, o monte que, segundo se diz, deu o nome á cidade. A approximação vai tornando distincto o que a distancia furtava a nossos olhos.

Eil-a, a cidade de Montevidéo, mais bonita nas suas ruas do que vista de fóra. Para quem a contempla do porto, com as casas de assoteias e vistas de lado parece uma cidade em ruinas, ou uma dessas do Oriente que a photographia torna conhecida. Entretanto a sua disposição não deixa de ser graciosa. Não está emmoldurada por collinas, olha para todo o horizonte. E' uma agglomeração de casas um tanto arida, cercada de terras baixas, mas recrêa a vista.

Erão 7 1|2 horas da tarde quando fundeámos no ancoradouro dos navios de grande calado, onde se achavão duas fragatas, uma ingleza e outra allemã, que a pouco tinhão vindo do Rio de Janeiro, a *Volage* e a *Vineta*.

Eis-nos chegados com felicidade ao primeiro porto de nosso itinerario, ao primeiro pouso da estrada maritima que temos a percorrer. Agora vamos aos passos mais difficeis, aos pontos mais perigosos que ella tem. Ainda bem que é á nossa volta que devemos dobrar o cabo que, mais do que o outro, mereceria o nome de tormentoso; ainda bem, porque delle é que se deve dizer o que dizião outr'ora os navegantes a respeito do Cabo de Não:

« Quem dobrar o Cabo Não, voltará ou não. »

Applique-se o ditado ao Cabo de Horn e veja-se se incorremos em grande pezar ou perigo, se o tendo dobrado para cá, não voltarmos ao Pacifico, onde creio que é bastante ir uma vez na vida.

Mas não é por elle que temos de passar agora, do Atlantico passamos ao Pacifico, por esse braço de mar que faz da terra do Fogo uma ilha, e que tem o nome do arrojado navegador que primeiro sulcou-lhe as aguas.

Bom e bonito é o navio em que navegamos, mas não fosse elle em viagem de instrucção e bem iriamos. E', em verdade, para causar pezar que nós, que temos annualmente uma turma de guardas-marinha a fazer viagem de ins-

tracção, não tenhamos um navio proprio, com accommodações precisas para um pessoal tão numeroso, como o que exige o fim de uma viagem semelhante. Vimos de passagem no Rio de Janeiro, como navios-escolas, os de maior vulto, os mais espaçosos, náos, como a *Bayard* e a *Jean Bart*; não precisamos de tanto talvez porque as nossas turmas de guardas-marinha devem ser menores que as da França; mas é já guardando as proporções que fallamos; os nossos navios são muito pequenos para serem destinados a uma viagem dessa ordem. So temos soffrivel a *Nitherohy*: a corveta *Vital de Oliveira* não está nessas condições.

Se não receiassemos alongar-nos aqui, fariamos um estudo detido dos requisitos que deve ter um navio que se destina a tal fim; fariamos um confronto do que se dá nos navios estrangeiros, com o que se dá entre nós, e exporiamos as condições deste navio.

Esta corveta, nas condições ordinarias de lotação, era um lindo e bom navio que iriamos levar á admiração das republicas transandinas como um fragmento de nossas matas virgens amoldado em nossos estaleiros, uma amostra do estado das nossas officinas.

Ah! é certamente um bom navio a faceira corveta; bem estaria a esquadra brazileira se contasse mais cinco iguaes, mas para navio-escola falta-lhe tudo.

E' preciso que se indique o mal que exige prompto remedio: preciso é que a autoridade competente o saiba, e por isso o dizemos. Não havia então outro navio de que lançar mão, sabemol-o, mas é bom lembrar que este estado de cousas póde ser funesto. Será bom que esta corveta não continue a ter semelhantes commissões, assim o aconselha a prudencia ao menos.

Isto que dizemos em poucas linhas, com uma concisão extrema, que prejudica a inteira manifestação de nosso pensamento, parte do interesse que a essas cousas póde dispensar quem tem patriotismo, mas sente não poder fallar mais longamente, pois é o fim destas linhas a descripção da viagem, a sua vida exterior, e não estudar a sua vida intima. Entretanto, fossemos ouvidos e muito teriamos a dizer, certos de que haviamos de levar ao espirito de quem é competente a convicção da veracidade do que expomos.

Até Valparaiso, leitor; de lá contarei o que tiver succedido neste Montevidéo, de que temos muito que dizer. Pede aos bons genios que não enviem máos tempos, nem ventos contrarios.

Até lá. — Montevidéo, 7 de Janeiro de 1876.

Montevidéo, 10 de Janeiro de 1876.

Achando-me a bordo da corveta nacional *Vital de Oliveira*, que segue viagem pará o Pacifico em instrucção de guardas-marinha, propuz-me a escrever as impressões que me forem causando as diversas localidades que visitarmos.

E' o que começo a fazer hoje, com relação á cidade de Montevidéo.

I

Montevidéo está triste como quem tem mesmo a bolsa vazia e não tem credito na praça. As nações são como os individuos. As ruas permanecem desertas, como se por ella transitasse em liberdade alguma *onça* bravia. Os theatros estão fechados; os *recibos* recolhem-se; tudo é mudo, tibio, sorumbatico. *No hay plata.*

Pois é pena, porque é uma bonita e risonha cidade. O nosso Rio, que tem muitissimo mais vida, extensão e população, que é muito mais importante, emfim, tem em muitas cousas bastante que invejal-a.

Se, pondo de fóra os nossos pittorescos arrabaldes, confrontarmos os centros commerciaes das duas cidades, as *cités*, leva vantagens Montevidéo. Sua disposição em declive, suas ruas largas e bem alinhadas, cortando-se em angulo recto, permittem prompto escoamento de aguas e facil accesso aos ventos e á luz. Ar não lhe falta; as brisas não encontrão obstaculo algum que desvie o seu sôpro benefico.

E' na architectura, entretanto, que mais temos que invejar. Montevidéo é ao contrario do Rio; lá ha natureza, aqui arte; pois se é feliz a disposição do terreno em que se assenta a cidade, é pauperrima a natureza á vista da opulencia que a nossa tem. Nota-se aqui a elegancia e o gosto do architecto italiano, unidos á maior conveniencia sob o ponto de vista hygienico; *utile dulci.* Em vez da nossa pesada e sombria architectura, têm as casas elegancia, são espaçosas, artisticamente enfeitadas, pintadas com essas côres nobres e severas, opulentas e graciosas a um tempo, que tanto influem sobre o aspecto da cidade.

Isto por fóra; vejamos por dentro.

E' a disposição interior das casas daqui que deviamos ter lá. Não bastava

que a cidade fosse toda de tão facil accesso ao ar: procurou-se tambem que no interior das habitações fosse livre o seu curso e que não houvesse um aposento onde fosse difficil o seu renovamento.

Entre nós, que estamos n'uma latitude muito inferior, que vivemos em um clima quente, construem-se as casas como deveriam ser construidas na Siberia: tudo é conchegado, acanhado, escuro e sem ventilação. A construcção das casas no Rio de Janeiro seria mais supportavel em Montevidéo, como a construcção em uso nesta seria muito mais favoravel para nós.

Em qualquer casa em Montevidéo ha logo proximo á entrada uma área para a qual se abrem communicações de todos os aposentos que lhe ficão ao redor. A área é em geral ladrilhada de marmore ou de tijolo, e a essa primeira succede, quasi sempre, segunda, e ás vezes terceira, entremeiadas de aposentos, bem niveladas, quasi ao rez do soalho. Esta disposição não é só muito conveniente á hygiene physica, mas tambem á hygiene moral, pois ella torna as casas alegres, faceiras.

Não se vê aqui os escuros e estreitos corredores, as abafadas alcovas e os sepulchraes aposentos do nosso Rio de Janeiro, nem ha esse ar de vetustez e descalabro que existe lá; tudo é desabafado, tudo parece novo, bem feito, ora com simplicidade, ora com opulencia, com imponencia, ou com modestia; mas a modestia raramente chega á exclusão do marmore, que o constructor italiano espalha com profusão; as casas mais modestas têm vestibulos e áreas ladrilhadas de marmore em geral.

O que é para notar é que se ha casa modesta aqui, não as ha feias.

Tudo é tão asseiado, tão decente! Dir-se-hia que esta cidade acabou de banhar-se no rio que lhe passa aos pés, e sentou-se sobre a coxilha para enxugar-se aos raios do sol e ao sôpro dos ventos.

Quereriamos expôr ao leitor as circumstancias em que esta cidade se avantaja á nossa, sem lembrar-lhe as nossas infelicidades; mas *ce n'est qu'en comparant que nous pouvons juger*, como dizia o ameno Buffon, Podia, bem sei, deixar ao leitor o outro termo de comparação, o Rio de Janeiro, e só tratar de Montevidéo; mas muito perderia assim do colorido o confronto, e talvez o leitor não me acompanhasse devidamente na apreciação.

Nem sempre basta apresentar-se o modelo, é, ás vezes, preciso indicar os vicios da cópia tambem, quando é em uma occasião passageira que se os confronta, e que não ha tempo para o estudo e comparação detalhada.

Quando de um ponto alto da cidade, da azotea de uma casa alta, por exemplo, corre-se os olhos sobre a cidade, quanto contraste offerece á vista este asseio e igualdade do todo das casas d'aqui com aquelles supplementos enfumaçados, sujos, fóra do nivel do corpo da casa, quasi sempre occupados pelas cozinhas na cidade do Rio de Janeiro?!

Montevidéo tem uma apparencia de asseio e bem-estar que encanta. Fossem as suas ruas planas e bem calçadas, que muito poucas o são, e seria soberba a perspectiva de qualquer dellas, ou, ao menos, da maior parte.

O uso de construirem-se as casas com as *azoteas*, se tira-lhes certo ar de suave doçura, de acariciador abrigo que dão os telhados, imprime-lhes graça e desabafo. Quando nas tarde de verão ellas ficam povoadas pelos habitantes que ahi vão tomar fresco, parecem formar uma cidade situada ácima da outra, onde póde refugiar-se quem quer evitar o ruido das ruas e o pó das calçadas.

Montevidéo, pois, sob o ponto de vista de localidade e compartimento das habitações é um typo de hygiene, ou muito proximo d'isso. Prova-o a sua salubridade reconhecida, que, bom é que se attenda, não lhe provém sómente do clima, mas tambem do modo hygienico por que está construida.

Nós agora é que começamos a sacudir verdadeiramente o jugo da antiga metropole, é agora que começamos a nacionalisar-nos. Até aqui tinhamonos contentado com transplantar para o nosso solo, sem attenção alguma para a diversidade do clima, todas as usanças de Portugal. Montevidéo nasceu melhor; os seus primeiros habitantes trouxerão para ahi usos que, se erão da metropole, não estavão deslocados pela semelhança do clima dos dous paizes. Ainda assim mais cedo procurou-se adaptar tudo ás particularidades da localidade e ás exigencias da nova região.

Oh! sem duvida esta cidade não tem a vida do Rio de Janeiro, repetimos; quem passa pelas suas ruas acha-as desertas em comparação com as de lá; não se vê aqui a actividade commercial da nossa grande capital; raros são os carros que transportão mercadorias. Não ha essa concurrencia de vehiculos que nos atropellão nas nossas estreitas ruas, esse fluxo e refluxo de transeuntes que se encontra nas nossas calçadas; mas a impressão deste panorama é muito mais agradavel, as ruas são mais desertas, mais mudas, porém mais bonitas.

E' muito mais pobre Montevidéo; mas veste-se com mais luxo e mais elegancia. Tem mesmo espirito mais progressivo de maneira a fazer sentir-se mais a sua pobreza do que admirar-se a riqueza do Rio de Janeiro. Pois esta pequena republica, que não alardêa, como nós, diffundir a instrucção, isenta de direitos de importação os materiaes de instrucção e de imprensa, semêa escolas e funda bibliothecas populares em suas povoações mais afastadas!...

E' pobre, mas o que tem é com ordem, é regular. Tudo, leitor, tanto as cousas importantes, como as insignificantes. Haja vista a insignificancia que passamos a expôr: E' uma minucia, mas nas minucias reflecte-se a indole o espirito que francamente se podem ostentar nas cousas de vulto.

E' o exemplo, nem mais, nem menos, do que o bilhete de loteria d'ahi.

Nem fallo já da organisação da loteria, mas sómente do modo por que estão feitos esses bilhetes.

Quem compra um bilhete de loteria no Rio de Janeiro não acha nelle nada que indique quando nem onde se effectua a extracção, qual o numero de bilhetes emittidos, o dos premiados, quaes sejão os premios... nem cousa nenhuma. Parece assim uma cousa de aldêa, onde tudo se faz compadrescamente, onde tudo é sabido, onde raro chega estrangeiro. Aqui lê-se tudo no bilhete, tudo, tudo, nao podemos dizer melhor, e dispensamo-nos de estar a enumerar essas circumstancias, que se póde desejar saber. Não tendes necessidade de dirigir uma só pergunta ao cambista.

Entrai nos mercados. Vêde se ahi se retalha a carne sobre feio balcão de madeira, e se ella é pesada na suja balança, cujo metal, se o quizerdes reconhecer, tereis de recorrer á applicação prévia de algum processo de limpeza. Vêde se ha ahi o amontoamento desordenado, a balburbia, o lamaçal, a immundicie. Nada disto encontrareis, leitor; o marmore é branco, os metaes brilhão, a ordem preside.

Os edificios foram construidos com a propriedade necessaria ao fim a que são destinados.

Eu quizera conhecer a edilidade daqui, em que muito pouco ou nada ouço fallar.

A Bolsa! Bello e gracioso edificio!

Quanto a minha fibra patriotica estremeceu contemplando-o! Quanta graça e nobre simplicidade tem elle, quanta elegancia e fino gosto no seu risco!

E' tambem para mim, e creio que para todos, o edificio mais bonito de Montevidéo. Pena é que não esteja em um lugar que mais aproveite á sua perspectiva.

Está erguido, mas ainda não acabado, um templo importante, de estylo pouco commum. Ha de ser digno de chamar a attenção de viajados e exigentes *touristes*; é o templo de S. Francisco.

O correio... que inveja teria o do Rio se o visse e se estudasse a sua organisação?

Bem sabemos, leitor, que Montevidéo não é o setimo céo da civilisação. Não é Pariz, nem Vienna, nem Berlim, nem Londres; mas pudesse ella ser transplantada e aggregada a qualquer das mais bellas cidades da Europa, e acharia as portas abertas, pois ellas não tinhão o direito de fechar-lh'as.

Se quizerdes, leitor, ver bonitos chalets, encantadoras quintas, ide ao *Passo del Molino*, que ahi as ha de todos os gostos e de todos os tamanhos. Tomai o bond ou (*si le gusta mas*) o *tram-via*, na *Calle Vinte e Cinco de Maio*. Se quereis fumar, sahi para a plataforma, se o bond é fechado. Ireis puxado por tres cavallos, que um cocheiro agaúchado incita por meio de um

som guttural, selvagem, incommodo, de que usão os cocheiros daqui. Vai-se depressa; os animaes comprehendem ás maravilhas o tal grito do cocheiro.

Não ide ao Prado, leitor, soffrereis a mesma desillusão por que passei, quando no coração desse passeio ainda perguntava por elle, se lá fôrdes levado pela esperança de ver cousa que corresponda ao que ouvis continuamente dizer. Com effeito, quem vê tanta cousa em Montevidéo, ou quasi tudo revelar tanto gosto e grandeza, espera, indo visitar o Prado, ter de consumir uma tarde, ao menos, percorrendo bellas avenidas, ver rios e lagos artificiaes com bateis e aves aquaticas, repuxos, cascatas, *buenos retiros*, chalets, estatuas, etc., e admirar o gosto de seu ornato e belleza de sua disposição ou planta. No verão ouvis fallar a cada momento do passeio á tarde ao Prado, e para lá vêdes dirigir-se grande numero de bonitos e luxuosos trens, cavalleiros e amazonas, que devem lá passar de carro ou apeiar-se para dar uma pequena volta a pé.

Ouvindo fallar tanto assim do Prado, e que lá se passeia de carro, ficareis suppondo que ides entrar n'um passeio vasto, e essa crença vos acompanhará até qualquer das suas duas grandes entradas, pois ellas ainda promettem um jardim de grande extensão. Mas o pequeno circulo que constitue o Prado ahi está; qualquer das suas entradas tem, creio eu, mais extensão que o seu diametro. Nada ha ahi digno de nota; ha um *restaurant* no centro que roubalhe muito espaço, como é de imaginar, ao pé um tanque com repuxo no centro, tendo em redor um parapeito cercado de gradil; uns atalhos que o cortão em differentes direcções e vão terminar na rua que circumda o jardim, pela qual passão carros e cavalleiros; uns grupos de pequenas arvores de permeio, e nada mais. Nada digno de ver-se.

Vale mais a pena ir pela rua *Dezoito de Julho*, a mais bonita da cidade, até a praça da Cagancha, assentar-se em um dos bancos de ferro que lhe estão ao redor, e dahi ver transitar os passeiantes, as graciosas *ninas*, e ver brincar os meninos e meninas que, vigiados por suas amas, saltão na corda e jogão a peteca em roda da estatua da Liberdade.

E' este o lugar mais bonito da cidade, o ponto mais alto e mais alegre; entretanto se vos enfadais ahi, tomai o trem-via e ide ver no caminho de Atahualpa, entre bonitas quintas, uma graciosa capella, de cujo nome não me recordo agora, que bem vos pagará a longa caminhada de bond que fizestes para ir vêl-a.

Quereis mais? Ide a alguma tertulia para ver, ou mesmo dansar uma habanera, que tanto ou mais se dansa com a cintura do que com os pés.

Com isto ou pouco mais vos deveis contentar, pois são escassos os divertimentos em Montevidéo.

Mudemos de conversa. Outro assumpto tem mais importancia para nós, pois se essa cidade falla-nos ao interesse como um modelo a seguir sob o

ponto de vista da hygiene de sua construcção, lembra-nos tambem conveniencias mais interessantes em relação á nossa politica.

Quando se entra em seu porto e ahi se vê estacionados navios brazileiros, recorda-se a gente de quanto custa-nos a navegação desse rio e seus affluentes, quanto custa-nos a communicação com a provincia de Mato-Grosso, com as fronteiras do Imperio. O que se dá nesse porto dá-se ao correr de todo esse caminho fluvial; temos estações navaes espalhadas ahi pelo continente a dentro, destinadas a fazer nos respeitar a liberdade da navegação desses rios, que nos é já garantida por tratados. Véla ahi no socego da estação grande parte da nossa esquadra, consumindo-nos o dinheiro e prosperidade da marinha!

E não é com pezar que se deve ver cahir no estrangeiro esse ouro, que tanto bem iria fazer ás nossas provincias maritimas, se nellas estacionando os nossos navios de guerra, elle ahi fosse dar animação aos mercados e concorrer para o bem estar dos seus habitantes?

O custeio dessas estações não é nenhuma ninharia; com o que elle importa talvez pudessemos manter uma estrada de ferro para a provincia de Mato-Grosso, estrada que nos libertaria para sempre dos caprichos das republicas do Prata, e que nos deixaria a marinha para guarnecer os nossos portos e entrar em serviços mais uteis dentro do Imperio.

Podião os Estados do Prata e seus affluentes conflagrar-se, dilacerar-se, prosperar ou definhar, que pouco nos affectaria isso os nossos interesses; mais facil seria então a vigilancia e guarda das fronteiras, unico cuidado que viriamos a ter.

Que nos importaria que fechassem ou deixassem livres á navegação os seus rios? Absorvessem-se uns aos outros, fossem-nos hostis ou amigos, em que teriamos de nos envolver em sua politica?

Nem mesmo elles nos serião mais hostis quando nos vissem fóra da sua dependencia, cuidando unicamente dos interesses internos do paiz, sem pretender absolutamente influir sobre o estado politico das republicas.

E não são só as estações que dispendem grande somma de dinheiro; faça-se o calculo de quanta despeza mais acarretão ellas; as que se dispendem com estas mesmas republicas, tudo emfim, quanto dispendemos por ahi com o unico fim de termos caminho para as fronteiras, e ver-se-ha a que cifra fabulosa sobe ella. E essa anciedade de todos os momentos, o perigo de novas guerras, sempre imminente, que além de muito dinheiro devorão-nos muitas vidas?

Dir-se-ha que trabalha o Imperio para a subsistencia das republicas que lhe estão na passagem fluvial de Mato-Grosso.

Pense-se por outro lado nas vantagens que traria uma tal estrada de ferro; imagine-se que messes abundantes iria fazer-nos colher esse arado da

civilisação, quando passasse pelo interior de nossas terras uberrimas, inexploradas, pelos nossos sertões virgens! Onde passa uma estrada de ferro surgem-lhe á beira os povoados. Essa arteria do progresso vai levar a vida a membros robustos que dormitão exangues; a industria desperta ao sybillo da locomotiva, como sob a influencia de um som magico; creão-se fabricas, lavrão-se os campos, erguem-se cidades.

E' este o braço que precisamos para semeiar homens nas vastidões dos nossos sertões.

Quando fosse preciso levar forças ás nossas fronteiras teriamos o transporte facil e celere do trem de ferro para movel-as, e sempre terião caminho facil para o litoral esses productos de nosso solo, que jazem infructiferos no interior do Imperio por falta de vias de communicação e meios proprios de transporte.

Cada um póde bem imaginar os beneficios que deverá trazer o estabelecimento de uma linha de tal importancia. Custar-nos-hia alguma cousa, muito mesmo, a sua construcção; mas era esse custo semente que cahia em solo nosso, e que promettia grandes colheitas para um futuro proximo, emquanto que com a communicação fluvial que temos, além de ser infructifero o grande dispendio que acarreta, sempre ficará no mesmo pé essa despeza, que será eterna e sujeita aos accrescimos monstruosos motivados por desintelligencias que podem apparecer, que hão de mesmo apparecer de vez em quando.

A nossa marinha sahiria da infructifera e damnosa vigilia nesses rios para adestrar-se nas viagens do mar, guardar os nossos portos, navegar os nossos rios.

Parece-se teimar em pôr fóra do paiz pelos cofres da nação o dinheiro que ahi accumula a prosperidade do seu commercio. Não se pensa tambem em semeiar para o dia de amanhã, colho-se hoje e consome-se; do que ha de vir cuidaremos em tempo. Isto que é um variante do que ha pouco dissemos, dizemos agora com relação á encommenda que, consta, fez-se na Europa de tres ou quatro corvetas pequenas do typo da *Magé*.

Acreditamos que seja uma medida economica o construir no estrangeiro navios que poderião ser fabricados nos nossos estaleiros, mas é esta uma economia de momento, e pequena é; se construissemos no Brazil esses navios e o que formos precisando gastavamos mais, mas serião feitos com melhores madeiras, mais solidos e duradouros: attrahir-se-hia á construcção naval maior numero de operarios, o que deve mais tarde baixar o preço da mão de obra, tornar mais exercitados os operarios, aperfeiçoar a arte e, o que mais é, o dinheiro que havia de sahir do Imperio ficaria nelle, seria dado á classe operaria que cumpre desenvolver e animar.

Que se faça construir na Europa machinas de guerra que apresentem

aperfeiçoamento. que os nossos arsenaes estão muito atrasados para fazel-as ter, comprehende-se; não se póde de repente tornar os nossos arsenaes sufficientes para isso; mas, que aquillo que podemos fazer e fazemos muito bem, mande-se fazer lá, é realmente querer ficar em uma mediocridade indolente que nada tem de lisongeira.

E se não queremos habilitar os nossos arsenaes, para que mandamos officiaes estudar os melhoramentos da construcção naval nos estaleiros e officinas da Europa? E se os mandamos, porque não os havemos de aproveitar?

A economia... é esta uma palavra a que não correspondem em rigor, creio eu, os factos em nossa terra. A economia que fazemos é semelhante ou do mesmo genero que a daquelle sujeito que sahia da côrte, pagava 400 rs. de passagens de barca para Nitherohy afim de fazer a barba, o que ahi custava dous ou quatro vintens mais barato que na côrte. Faça-se o calculo de todas as despezas que acarreta a construcção de navios na Europa, as passagens dos officiaes, as gratificações necessarias, o transporte de guarnição, etc., e ver-se-ha que, se ha economia, é ella muito pequena, sem vantagem alguma para nossos arsenaes, sem melhoramento da arte entre nós.

O grande argumento é o exemplo que se vai buscar nas nações cultas da Europa, que, apezar de disporem de melhores arsenaes, mandão tambem construir navios no estrangeiro. Mas não procede esse argumento, falta-lhe a paridade. As nações cultas em que a arte está adiantada, que mandão construir navios no estrangeiro, é porque querem especimens de innovação estrangeira; e ainda que assim não acontecesse não seria para imitar *in littera* o exemplo.

Com o que deixamos exposto não queremos dizer que, supprimindo as estações inuteis que temos, deixemos de todo de concorrer nas relações das nações; mas escusado sera tambem a ostentação de forças quando os nossos portos estão absolutamente desarmados, indefesos para uma occurrencia insultuosa e vergonhosamente sem garantias para os estrangeiros que lhe pedirem abrigo.

Perdôa, leitor, esta longa e pezarosa divagação. Prometto não tornar a cahir em outra semelhante.

II

DE MONTEVIDÉO ÁS ILHAS FALKLAND

No dia 15 de Janeiro, ás 11 horas da manhã pouco mais ou menos, sahimos do porto de Montevidéo. O tempo estava soberbo e o rio quieto. Soprava um pampeirito, ou antes uma brisa de SO., por isso que o nome de pampeiro não concorda bem com o de — mansidão.

Deixavamos a joia do Prata, como se diz, e deixavamol-a com saudade,

pois já temos affeição a essa cidade; quasi todos passámos alli horas bem agradaveis em outras occasiões. Além disso diziamos adeus aos companheiros embarcados nos nossos navios ahi estacionados, e ás pessoas de terra com as quaes entretivemos relações. Viamos então pela ultima vez talvez, até tornar a esse porto, tremular a bandeira brazileira na carangueija de um navio, e sentiamos que era essa a occasião em que nos iamos separando de todo do Brazil.

— Sente a gente saudades ao deixar Montevidéo (dizia um companheiro, quando juntos no partaló viamos distanciar-se a faceira cidade) como si se deixasse um porto do Brazil. Estamos tão habituados com ella, que consideramol-a como nossa, como parte da nossa terra! E' que para o sul ficão regiões que nos são estranhas, mares que só ha muito forão sulcados por um navio da nossa armada.

Em Montevidéo recebémos á bordo o pratico do estreito de Magalhães, Mister John Georges Levy, um inglez de setenta e tantos annos, baixo, cheio do corpo, olhos claros, que lacrimejão copiosamente quando o vento vai fresco pela pôa, corado, barba raspada, cabello branco, pernas curtas e arqueadas, braços tambem arqueados, etc. Tal é o homem.

Deveis conhecêl-o, leitor, e para isso vol-o apresento. E' um homem precioso em todos os sentidos: tem viajado Séca e Mécca, diz não haver buraco por ahi pela costa onde não tenha entrado, e sabe contar historias do Rio de Janeiro, do tempo colonial e da época da independencia, que são espirituosas, por isso que Mister Levy é bastante espirituoso e até mesmo bastante espiritualisavel. Falla-nos de D. João VI e do 7 de Abril, etc., como se fallasse de hontem, como elle proprio o diz.

O homem está ainda forte comquanto já tenha os passos pesados e um tanto vacillantes, mas não é lá muito valente para o frio, e por isso, logo que a temperatura foi baixando com a latitude, elle foi se encadernando em um sobretudo, que já passou o estreito de Magalhães cinco vezes, um bonet ou barrete, que já o passou nove vezes, e umas calças, que não lhe permittem dobrar o joelho, taes são a sua espessura e consistencia, e que não sei se passárão alguma vez o estreito.

Creio que se elle sahir com geito de dentro da sua roupa ella ahi ficará arranjada, como quando elle a tem sobre si, como, ou melhor ainda do que uma daquellas armaduras d'aço dos cavalheiros da idade média, pois que não tem engonços. Não é verdadeiramente roupa, é casca, ou casulo em que, qual larva, Mister Levy habita. As calças principalmente podião servir de apparelho orthopedico, e, se não aproveitão-lhe, endireitando-lhe as pernas, é que muito tarde veio elle a usal-as.

— Bom tempo, Mister Levy, diziamos-lhe nós no principio da viagem! Ôôôôh! bom como o diabo, dizia elle: ou então: bôôm como S. Gregorio;

porque, segundo elle conta, um marinheiro em palestra com os seus camaradas, querendo, em sua simplicidade e enthusiasmo, dar idéa do valor ou bondade de S. Gregorio, santo de sua predilecção, dizia: « S. Gregorio é bom, bom como diabo! »

No que o homem não é forte é nos prognosticos meteoricos. Se elle diz depois de um prolongado e necessario ôôh: o vento vai rondar para NE., ou vamos ter vento de NE., é porque nesse dia, ou na manhã do seguinte, temos vento de SO. Quando o tempo estava bom, predizia sempre tormenta. Felizmente não acertava, mas, caramba! um homem não é infallivel, a não ser papa, e Mister Levy não é papa.

Entretanto Mister Levy é um bom practico e como tal goza de muito conceito. E em boa escola andou elle, navegando com Fitz Koy, Law e outros celebres navegadores do Atlantico sul, ou melhor, do hemispherio sul, onde ha terras ou localidades que têm os seus nomes. Já dobrou o cabo de Horn ahi uma duzia de vezes, já naufragou umas duas no estreito, mas espero que, se quizer naufragar uma terceira, escolha outra occasião que não a presente viagem.

Mister Levy tem bastante lucidez de espirito e graça; notão-se nelle todas as virtudes do homem do mar e um pouco dos seus defeitos.

Quando elle quer se definir diz: « Iò sò muto patife, vagabundo; pero ladron, non! »

Para mim elle tem um grande titulo ao meu respeito, além do que devo votar a seus velhos annos; é o ter passado a maior parte de sua vida no mar, e principalmente nas altas latitudes do Atlantico sul, nestas paragens habitadas pelos tufões e pelas tempestades.

Eu levo muitas vezes bons momentos a contemplal-o; emquanto miro os seus cabellos que têm embranquecido sob o sôpro dos ventos, imagino quanto esse homem deve ter lutado com os temporaes, quanta anciedade deve ter curtido, até que chegasse a habituar-se com a luta se não com o perigo! Tem elle a sagração dos que lutão contra forças superiores sem descançar, que podem ser comprimidos mas não se abatem, e que ante a força do bruto poem a energia de sua vontade.

Agora que conheceis Mister Levy, leitores, vamos proseguir nossa viagem; e se tive muitas formalidades em apresental-o é porque espero ter muita occasião de fallar a respeito delle, e cumpre portanto que o leitor o conheça bem.

Não sei o que vos diga dos primeiros dias de nossa viagem. Pobre de successos foi a vida desta corveta durante esse tempo, tanto em relação á vida interior como á exterior, á navegação. As aulas funccionárão regularmente. O vento, que a principio foi-nos favoravel, rondou depois, e quando não era

pela prôa muito perto disso andava, pois as mais das vezes soprou-nos do lado do sul, sendo mais ainda do terceiro quadrante.

O vento é a maior novidade para quem caminha em alto mar. Como em nada esse lugar nos attrahe duradouramente, o que mais podemos desejar é o porto do destino; e é o vento que decide da brevidade da nossa chegada, como mesmo da commodidade da viagem.

Que mais póde interessar tanto ao navegante nesse panorama sempre o mesmo, e cuja monotonia só se quebra quando se anima ao sôpro violento dos ventos?

Nem a vista acha recreio nessa immensidade uniforme, e de tal modo fica ella por fim sedenta de objectos novos, que o phenomeno mais ordinario, que nos possa offerecer a mais ligeira variação, é sufficiente para vos attrahir a attenção. Fixais a vista, por exemplo, nas nuvens, com uma constancia que não se conseguiria de vós em terra, e estudais os caprichos das suas fórmas; levais horas a notar-lhes a côr, a disposição, o modo de grupamento, a achar nellas configuração de objectos vulgares ou de seres phantasticos. E não sei bem mesmo se são ellas que vos fixão a attenção ou o devaneio em que vôa a imaginação emquanto tendes os olhos fitos nos céos.

Tivemos tardes, comtudo, em que ellas estiverão tão esplendidamente matizadas pelo sol no poente, tão lindo era o seu variado colorido, tão soberbo emfim o crepusculo, que eu enlevava-me na contemplação da grandiosa téla em que o Supremo Artista dispuzera côres, luz e sombras, que não é dado ao homem reproduzir a pincel.

Tire-se esses quadros a que o scenario do alto mar empresta muita grandeza ou amenidade; tire-se o esplendor dessas noites limpidas, de luminoso e poetico luar, e tambem muito pouco ou nada nos ficará. Sempre o mar! como diz a conhecida estrophe das Orientaes:

La mer, toujours la mer, des flots, des flots encore,
L'oiseau fatigue en vain son inegal essort,
Ici des flots, là bas des ondes;
Toujours des flots sans fin, par des flots repoussés;
L'œil ne voit que des flots dans l'abime entassés
Rouler sous les vagues profondes.

Tal é a monotonia; e por isso tudo que a quebra, por insignificante que seja, attrahe energicamente a attenção do homem do mar; uma pequena vela branca, que surge de entre as vagas nos confins do horizonte, um rastilho de fumo que se eleva nos ares, e eil-o de olhos fitos.

Nada tão monotono como esses dias de calma, em que mollemente balouçado pela onda, além da aridez da immensidade das aguas e do silencio

completo que ha em derredor, o navio fica quieto, parado, como se se enquadrasse na immobilidade que o cerca. Silencio interrompido ás vezes e sómente ou pelo grito aspero, rouco, dos passaros que pairão junto, ou pelo gemebundo ranger das vergas e outros páos, attritando uns de encontro aos outros, movidos pelo balanço do navio. E juntai a isso uma cerração que ás vezes não permitte ver a mais de tres braças de distancia, e fareis idéa de quanto se póde ficar enclausurado na solidão do mar, e quanto emparedado na immensidade.

Toninhas, que nadavão ao correr do costado do navio, deixando-se ver através a transparencia da agua, ou saltavão á distancia, umas grandes balêas que passavão junto, plantas ou fragmentos de plantas aquaticas que encontravamos em quantidade, ora isoladas, ora em camalotes, eis as novidades ou accidentes que teve a nossa viagem, durante quinze dias.

E' bem pouco, vê o leitor; mas, assim mesmo, tinhamos satisfação em ver passar essas algas, que parecião dizer-nos que já estavamos sobre aguas que vinhão do estreito para onde nos dirigiamos e de que já não estavamos muito longe; erão lindos *fucus* de diversas especies, de que apanhámos alguns individuos, pertencentes á especie *palmella*.

Assim estivemos até 30 á noite, vespera do dia em que deviamos entrar no estreito. A' tarde o horizonte estava prenhe de nuvens ao SO. Pelas 10 horas cahio o vento; veio a principio fraco, mas foi refrescando até attingir a violencia que o faz ser tão temido.

...Eis-nos *á capa*, leitor. Eis-nos capeando quando deviamos, ou contavamos, estar sulcando mansamente esse estreito, cuja visita tão interessante é.

E sabe o leitor o que é a capa?

Oh! nunca queira sabêl-o por experiencia propria. Estar á capa não é só aproar o navio ao vento o mais que se póde com o auxilio de pouco panno, procurar sustentar lugar, não perder o caminho andado; não é isto só: é tambem ter sempre diante de si espumantes cerros d'agua, avançando para o navio que ameação engulir; é ser sacudido constantemente por um balanço, que tudo faz cahir, homens, moveis e louça; balanço em que parece que o navio, perdendo o centro de gravidade, vai emborcar, mostrando a quilha ao sol.

E' não dormir por causa do balanço, é não cozinhar, comer conservas de prato na mão, precisar segurar-se para fazer qualquer movimento, precisar escorar-se quando quizer estar sentado ou deitado, etc., etc., tudo emfim quanto ha de incommodo, por causa do balanço.

Quem se deita, fica dentro em pouco perfeita e completamente molhado com a agua que entra pelas costuras do costado e do convez do navio, abertas pelo balanço. Quem está na tolda, é banhado pelos golpes de mar, se está embaixo corre o risco de ter a cabeça quebrada por algum objecto que

o balanço faz saltar do seu logar, uma arma que salta do cabide, por exemplo.

E o que póde acontecer ainda de mais serio, e que faz temer ainda mais o futuro do que o presente? Não é muito para deleitar a perspectiva, bem o vêdes.

O homem não é feito de ferro ou de aço, leitor; tal situação, quando duradoura, ha de por força prostral-o physica e moralmente, muito embora pareça inesgotavel a sua energia, e muito o habito.

Não é o temor do desastre nem o sentimento do contratempo que o originão; não, é o conjuncto de todas essas circumstancias reunidas, que o homem não póde soffrer impunemente, como se fosse de natureza insensivel. E' esse balanço, é o vento impetuoso carregado de agua salgada pulverisada em fina chuva, é a vigilia obrigada, a má alimentação, todos os incommodos emfim que constituem um supplicio, que excede a resistencia e a maleabilidade da natureza humana.

Por isso, a apathica indifferença em que se fica lançado, que transparece através toda energia, e que é a expressão eloquente do cansaço, prostração, esgoto physico e moral.

Oh! por sem duvida, não ha, como bem diz Martinenk, profissão humana mais fatigante, mais debilitante, mais pathogenica, mais consumidora emfim, que a do rude e não natural mister do homem do mar.

Sempre essa esperança no dia seguinte, sempre desilludida! Sempre essa duvida sobre a época do termo, sobre os caprichos do tempo! O tormento do homem é maior que o do mar, que é causa delle.

Muito e muito merecem da solicitude dos Estados esses homens que trabalhão no mar em serviço da nação, com todo o sacrificio, os marinheiros. E' em occasião de máo tempo que se vê quanto é duro o seu mister. E' quando tudo que vive sobre a terra procura um abrigo, quando chispa o relampago, ronca o trovão e assobião os ventos desencadeiados, é quando cahem torrentes de agua, quando desaba prompto o aguaceiro, que o marinheiro, ao inverso de todos os habitantes da terra, mais se afadiga, súa, molha-se, gasta mais forças e despende mais actividade no exercicio da sua profissão.

E esse risco continuo de cahir no mar? Quando, com o balanço do navio, os mastros descrevem um longo arco, parece que o homem que nelles se acha torna-se um projectil, que a laia de funda elles querem arremeçar no espaço. Uma vela que paneja quasi a rasgar sob a furia do vento, e que cumpre ferrar... seria longo enumerar as peripecias dessa luta incessante, que constitue o trabalho do simples e bravo marinheiro.

Todas as noites recolhiamo-nos com a esperança de que o dia a surgir nos trouxesse a bonança. Vã esperança e cruel desillusão! Era justamente pela

manhã que o vento soprava mais rijo. A' tarde, ás vezes, acalmava prolongando-se a calma pela noite. Aproveitavamos a occasião para approximarmo-nos a vapor, mas de novo descahiamos com o vento pela manhã. Dir-se-hia que este caprichava em não nos deixar entrar.

Se não fosse o esquecimento dos males passados, poucos serião os navegantes. Ha, felizmente, esse esquecimento salutar; entra o homem do mar no socegado porto; ou mesmo em mar, venha apoz a tormenta a bonança, que o vereis, depois de algumas horas de somno reparador, travar do violão nas horas de folga e cantar com pleno descuido a sentida canção de sua terra, como se nada tivesse interrompido a monotonia de sua existencia. Entretanto, os acontecimentos felizes, as boas aventuras, ficão impressas na lembrança com uma fidelidade de memoria inquebrantavel!

E' que a tudo que falla ao sentimento do homem do mar preside a saudade. E' ella quem murmura-lhe ao ouvido a cantilena do sertão em que nasceu ou as balladas e barcarollas de suas noites nas cidades. Entre o porto conhecido que se deixa e o desconhecido para que se vai o que, em verdade, ha de fallar-nos ao sentimento senão a saudade?

Não se entra em luta com a tormenta sem que se traga vestigios de seus golpes. Tivemos gavea e traquetes rotos, partida a carangueija do traquete latino e perdêmos a antenna de bombordo. Perdêmos tambem um escaler no dia 9, quando passava, umas duas milhas distante, um paquete do Pacifico que vinha do estreito.

Seguia o paquete de panno largo e a bom correr, pois não tardou muito a sumir-se no horizonte. Lá ia elle vento em pôpa, emquanto a corveta ficava arfando sobre as vagas. Assim é a sorte das cousas! Entretanto, não lhe tive inveja: comprazia-me até vendo que aquelle vento, se não era dos mais uteis á navegação, não era comtudo sem utilidade para os que caminhavão no seu rumo, e continuei a pensar que estavamos do mesmo modo tão sós no meio do mar irritado, como se eu estivesse vendo o paquete passar em pintura atrás do vidro de um cosmorama.

Emquanto assim estavamos ia o nosso carvão escasseando até chegarmos a ter para dous dias e meio apenas. A' vista disso e da pertinaz violencia do vento, o commandante reunio em conselho os officiaes, e tendo-os ouvido, determinou arribar ás ilhas de Falkland, ponto marcado no nosso itinerario.

Era pela manhã do dia 10 de Fevereiro. O mar estava nesse dia como ainda não estivera nos outros e como eu nunca o tinha visto. Achavamos-nos a umas sessenta milhas do Cabo das Virgens, situado á entrada do estreito de Magalhães.

Erão nove horas da manhã quando desfizemos a capa e fizemos prôa para as ilhas Malvinas ou de Falkland em gaveas risadas. Pela tarde vio-se a capear um navio que parecia de guerra.

No dia 13, pelas 3 1|2 horas da manhã, avistou-se terra por estibordo. Navegámos com ella á vista até ás 3 horas da tarde, em que nol-a occultou a cerração de um aguaceiro. E lá se foi a ilha; ventos, cerração e correnteza, tudo nol-a tinha roubado; durante a noite tinhamo-nos afastado muito della. Tinha-se mostrado para tornar a occultar-se.

As Malvinas ter-se-hião combinado com o Cabo das Virgens em negar-nos accesso?

O vento de OSO. continuando fresco, o commandante decidio ás 2 horas da tarde arribar a Montevidéo; para lá tinhamos feito prôa havia duas horas quando o vento saltou para ONO., e de novo virámos de bordo fazendo rumo para as ilhas.

III

AS ILHAS DE FALKLAND OU MALVINAS

Na indecisão do variado rumo de que os ventos sopravão, ora mostrando-nos o caminho de Montevidéo, ora o das ilhas Falkland, tivemos no dia 14 vento de NO., que nos impelha de novo para as ilhas.

Ora, ainda bem.

Se ha ente caprichoso neste mundo, é Eolo. Oh! que por certo é terrivel o seu capricho, pois se algumas vezes nos sorri prazenteiro ao largo ou á pôpa, em outras, quando se nos apresenta pela prôa, é impertinente e mordaz o seu sorriso, e, ainda em outras, afrouxando todas as contracções do sorriso, elle apresenta-se abertamente irado.

Quando assim é, o marujo indaga se a sua ira implica sómente o tedio intolerante, ou a colera que destroe; se é o primeiro, elle resigna-se ás forças do tyranno, e pára á espera que lhe passe a raiva, voltando a tolerancia; mas, se é a segunda, que é a exclusão de toda tolerancia, que parece não querer soffrer a presença do fragil barco sobre as aguas, que procura rasgal-o, partil-o, destruir e submergil-o emfim, ou arremeçal-o sobre uma praia ou baixio, ou atiral-o de encontro á penedia: então elle foge.

Em poucas palavras ainda, leitor, quando Eolo sorri prazenteiro e faz-nos alegre e facil o caminhar, elle nos apparece pelo lado da pôpa: quando abhorrido está caustico e o diverte a difficuldade do homem, elle manda um vento do lado da prôa, mas ainda o deixa caminhar, e então o navio anda a bolina; quando massado, soturno, sombrio, quando quer se concentrar na sua ira, não o deixa navegar; e o navio então põe-se á capa; mas quando a sua ira não póde mais concentrar-se e faz explosão, violenta, destruidora, então o navio foge, porque só na fugida tem salvação da furia que tenta submergil-o.

Feliz do navio ainda quando póde fugir á vassoura eolica, quando não é desfeito por ella, ou por ella varrido da superficie do mar até ser expellido

para sobre uma praia, ou esmagado de encontro aos rochedos! Feliz se tem diante de si livre campo para fugir, ou se encontra abrigo atrás de uma ilha, ou dentro de um porto bem protegido.

Entretanto, diz-se que a personificação do capricho é a moça bonita; pois por tudo quanto ha, leitor, quero antes os caprichos desta do que os do poderoso Eolo.

Pois, como ia dizendo, quiz Eolo no seu capricho aproar-nos á feição no dia 14, e eis-nos de prôa a essas ilhas de Falkland, que parecem, com seu numero infinito de portos, golfos e enseadas, collocadas providencialmente pela mão do Creador nestas paragens ermas e tormentosas, como um ponto de abrigo e descanço ao nauta perseguido pelo temporal, ou cansado de uma longa travessia. Não diz isso com effeito a sua posição? Vêde: de um lado os navios que, acossados pelos temporaes de Oeste, forem impellidos para longe da costa, aqui acharão facil e seguro refugio; os que, acabando de passar pelo cabo de Horn sem achar, em uma viagem duradoura, um porto conveniente, quizerem refrescar, ahi terão as hospitaleiras ilhas.

Para ellas singrámos.

Era bella a tarde do dia 15; o céo estava limpo, azulado, comquanto não francamente, porque a atmosphera achava-se um tanto embaciada, o horisonte um tanto encinerado.

Estavamos alguns officiaes conversando na tolda, apreciando a suave temperatura de então, e á espera de avistarmos terra, quando ouvimos partir do portaló d'estibordo, onde se achavão alguns officiaes, o sempre alegre e commovedor grito de — terra!

Commovedor!... Imagine, leitor, o quanto devia sel-o então esse grito, o quanto devia elle echoar no coração daquelles que, havia um mez, tinhão soffrido longe della os rigores de uma prolongada capa, que tinhão supportado a raiva tenaz do pampeiro e o choque das altas vagas de um mar irado! Imagine que impressão deveria causar a perspectiva do porto promettido áquelles que por tanto tempo não conhecião o socego, o repouso, o somno reparador, sacudidos constantemente nesse elemento inquieto e inhospito que se chama — o mar!

Vimos terra ás 6 e 40 minutos da tarde ao rumo O 4 S O. Era um gracioso monte bem proximo ao sol que então descambava. Era, portanto, difficil divisal-o como póde imaginar o leitor.

Pouco a pouco, com a nossa aproximação e com o descambar do sol que ia mergulhando atrás de terra, forão-se-nos tornando mais distinctos e visiveis em maior extensão os contornos desta. Dir-se-hia que o astro rei, unica testemunha visivel das nossas lutas no mar, que erão justamente mais violentas durante o dia, sensibilisado pelo nosso lutar, tomára a cargo mostrar-nos a terra em que deviamos achar abrigo. Eu agradeci-lhe, leitor, de

bom coração, *in petto*, o compassivo interesse que por nós tinha tomado, sem que por isso elle crescesse na minha estima, pois que a ninguem deve elle ser mais caro do que aos que navegão.

Erão oito horas e meia quando se avistou o pharol que fica na ponta do cabo Pembroke. O dia finára-se e o astro rei cedêra a luz á casta Diana. Era soberbo o luar; e quando iamos mais aproximados e que sulcavamos suavemente em aguas quietas, achei um encanto indefinivel em mirar na superficie do mar levemente enrugado pela brisa uma restea luminosa que nos seguia á pôpa, como esteira auri-fulgente que o navio deixava após si.

Como bemdissera do sol, bemdisse tambem da lua.

Luz! luz! como pedio Goeth, pedem todos os que caminhão, quer na terra, quer no mar; triste é caminhar apalpando, quando com luz se póde ter firmes os passos.

Estava marcado que nesse dia deviamos chegar ao porto: tiveramos os pharóes do céo e tinhamos agora o da terra. Deus e a humanidade nos tinhão aclarado o caminho.

Dêmos fundo á meia hora depois da meia noite. Quando ouvi o grito de larga a ancora, o ruido do martello do mestre, e o da amarra a correr nos escavens, estremeci de prazer, como se ouvisse uma melodia de Beethoven. Aquelles ruidos seccos, asperos e inharmonicos, tinhão uma significação muito agradavel, para não fallarem-me ao prazer ou á alegria. Havia um mez só, em realidade, que tinhamos deixado o porto; mas nesse mez quinze dias tinhão durado como quinze semanas, e occupado largo espaço da nossa memoria.

Para assim se sentir o prazer da chegada é preciso ter passado longo tempo longe da terra hospitaleira, ou ter soffrido muito das tormentas do mar; eu, pela suavidade e calma que senti diffundir-se em mim como influencia do que me cercava, fiz idéa do prazer que deve experimentar quem perigou em feia, desastrosa e prolongada tormenta, e que vê no porto em que fundêa a salvação de sua existencia.

Havia tantos dias já que não gozavamos de semelhante quietação, que, naquellas poucas horas da noite que ainda tinhamos, dormimos com esse somno profundo e reparador que tem o viajor cansado, prostrado por longa e penosa jornada.

No dia seguinte pelas sete horas da manhã vierão a nós dous escaleres; um trazia o pratico do porto, o outro um fornecedor de viveres. Um delles deixou-nos e voltou em breve com o medico do porto.

Esses e os homens que guarnecião os escaleres, como os primeiros que viamos habitantes da terra em que entravamos, attrahirão-nos a attenção. E' natural desejar-se assim satisfazer a curiosidade nestas occasiões; quer-se

logo pela inspecção dos primeiros especimens, *servatis servandis*, fazer um juizo sobre a salubridade do paiz e gráo de civilisação dos seus habitantes.

Erão homens robustos, tez corada, usando toda a barba, de aspecto rude, um typo semelhante ao que devião ter os seus avós, os rudes Anglo-saxonios.

O pratico entregou logo as instrucções do porto e um papel que chamaremos de registro, em que se devia declarar o nome e nação do navio, numero de equipagem, porto do destino, etc., cousas,emfim, proprias da regularidade caracteristica da indole ingleza; tudo está previsto e regulado.

Como era forte o vento pela prôa esperámos que amainasse, o que succedendo começámos a suspender ás onze horas e deixámos o ancoradouro sob a direcção do pratico.

O porto William, que deixavamos, é um porto bastante espaçoso, em fórma irregularmente conica, com uma ampla entrada, a que limita de um lado o cabo Pembroke, onde se ergue o pharol, e do outro, ao norte, a Ponta William. E' um bom porto e as terras que o orlão, comquanto lisas, sem vegetação mais do que um uniforme tapete de relva verde amarellado, não deixão de ser graciosas com seu accidentado suave e os cimos das suas elevações coroados de pedras esbranquiçadas, regularmente polyedricas e acastelladas umas sobre outras, de maneira a simular de longe uma agglomeração de casas. A' noite, principalmente com o luar, a illusão é perfeita.

Fizemos uma curva, deixando uma esguia enseiada á direita, e afinal passámos por um breve estreito de decimo e meio de milha de largura, apertado entre duas estreitas lingoas de terra, que nos levou á enseada, onde em pouco fundeámos — Stanley Harbour.

Bonita e abrigada enseada é essa! E' uma doca natural, uma fita de mar que corre leste oeste, com largura de meia milha, estreitando progressivamente para o extremo de oeste, comprida de quatro milhas e meia. Toda cercada de terras um tanto altas, placida como a enseada de Botafogo, tendo por unica communicação para fóra aquella estreita passagem por onde penetrámos, ella é mais um lago d'agua salgada do que um porto maritimo; mas, como quer que seja, é graciosa essa recolhida bacia, esse Stanley Harbour, com seu terreno relvado, accidentado em suaves curvaturas em derredor.

Sobre a vertente no terreno elevado está edificada a povoação Stanley. Não lhe achei muita graça; têm para mim, que nunca tinha visto habitações em regiões desta latitude, um aspecto original essas casas de tectos acinzentados, de duas abas elevadas donde surgem tubos de chaminés e onde se abrem janellas de sotãos; mas que o seu aspecto deleite a vista é o que parece-me não ser facil: ha uma tal aridez na sua apparencia, têm de tal modo a mudez da paisagem que as cerca, que antes repelle do que attrahe o seu aspecto. Só em miral-as a gente sente frio.

E' uma pequena povoação Stanley. Quando a avistámos ao entrar na en-

seada, disse-me em francez sufficientemente arrastado o medico do porto que junto de mim estava no xadrez de porta-ló :

— C'est un petit village.

Tal é com effeito Stanley. O medico inglez, na nudez de sua phrase, não dizendo feio nem bonito, bom nem máo, exprimio-se com mais espirituosa precisão do que tinha em mente fazel-o.

Pouco depois de fundear, salvou-se á terra.

Responderão da terra logo que a salva foi terminada; e essa resposta, sabiamos já então. era dada com duas pequenas peças de campanha assestadas em improvisada bateria, o que entretanto não a fez ser muito lenta.

Essa promptidão em responder fez-me lembrar logo a demora que em notavel contraste costuma dar-se em Montevidéo, onde, havendo um porto com bastantes peças em bateria, a salva pela manhã só tem resposta á tarde.

Veio um official que commanda a força aqui estacionada visitar o commandante em nome do governador, M. d'Arey, sympathica e respeitavel figura, que tive occasião de ver mais tarde. E' coronel e reside n'uma commoda habitação no extremo oeste da povoação, no sitio mais aprazivel de Stanley.

Stanley tem umas duzentas casas, pouco mais ou menos, e umas quinhentas almas.

E' a unica povoação das ilhas de Falkland, que pódem contar ao todo mil e duzentos habitantes : os setecentos restantes achão-se espalhados pela campanha em estancias de criar, unica industria exercida. As casas estão disseminadas em um espaço de milha e meia, a pouco mais.

Vista de dentro, Stanley é mais bonitinha que de bordo. As suas ruas rectas, compridas, bem nivelladas, têm bons lampeões, sendo o azeite o illuminador. As casas, na maioria de madeira, outras de pedra, são toscas, é verdade, mas quasi todas enfeitadas por estufas de flôres, quer no alpendre envidraçado da porta da rua, quer na varanda que corre pela frente da casa, quer nos fundos.

Para quem deixa um clima como o nosso, em que a vida está espalhada pela natureza, em que o que vive é convidado a expandir-se, a abrir-se á influencia alimentadora e creadora dos meios exteriores, sente-se confranger-se á vista desta vida artificial, em que tudo que vive tem necessidade de recolher-se, fugir á frieza esteril da natureza, abrigar-se ao calor da estufa, aquecer-se junto ao fogão, criar um clima em sua casa, que isso não é mais uma adaptação simples ás exigencias do clima do paiz, mais uma ruptura com elle e criação de outro.

E entretanto não é ainda rigoroso o clima daqui. Stanley, collocado aos 51' de latitude, se por estar no hemispherio austral, mais frio que o do norte, em igualdade de latitude, já tem clima bastante frio, não tem comtudo muito mais do que outros paizes da Europa em igual latitude. Ella goza da beni-

gnidade dos climas maritimos, em que não ha esses extremos do calor e de frio que se observão nos continentes. Agora que estamos no verão conserva-se aqui o thermometro centigrado de seis a doze gráos ao ar livre, conforme a calma ou vento, e o rumo do vento. Temos tido baixas até 3° gráos pelo amanhecer. No inverno, segundo nos informão, a pouco mais desce.

O céo está quasi sempre encoberto, e conforme nos referirão em terra, conta-se com o sol ahi umas duas vezes por semana, o que parece-me ser exacto porque quando o céo está mais limpido elles não cessão de dizer: *a very fine day to day.*

Parece que isto é condão britanico: onde ha inglez ha nevoeiro, céo toldado.

Quanto ao vento é mais difficil ainda ver-se a gente sem elle do que sem o sol.

Temos tido, entretanto, dias bonitos, apenas affagados por brandas brisas nos poucos que aqui temos passado; dias mesmo em que não faz muito frio. Comtudo, quando passeámos em terra, caminhámos com prazer ao sol, ás horas de maior calor, e lembrámo-nos então do que em contraste deve estar acontecendo no mesmo momento ahi no Rio de Janeiro, onde todos hão de procurar evital-o, a não querer alguem correr risco de fundir-se em suor, ou ficar torrado como um camarão secco.

Decididamente o marinheiro não tem clima!...

O caso é que sentimos menos frio, ou pelo menos não o sentimos mais, do que os habitantes do lugar, o que não é para admirar tendo-se em conta que sahimos de um paiz quente, como é o Rio de Janeiro, e no verão, pois é esse um phenomeno muito observado e explicavel, embora á primeira vista pareça contrario ao que devia acontecer.

Como é de prevêr, á vista do que temos dito, não ha actividade commercial; mas ha todavia bem sortidos armazens, que em muito se assemelhão, pela heterogeneidade de mercadorias, aos que existem lá pelo interior das nossas provincias, na roça.

O que ha de mais notavel para o comprador é que, em todos elles, tudo que se compra custa tantas libras ou tantos shillings *and six pences*. Essa é a quantidade constante, e conta-se já tanto com ella, que, quando os guardas-marinha e officiaes perguntão o preço de qualquer objecto, apenas o negociante vai acabando de dizer o numero das libras ou dos shillings, logo accrescentão—*and six pences*! Cousa em que elles achão muita graça, sobretudo uma ingleza que tem um armarinho, mas que não os faz desistir dos taes *six pences*.

Encontrámos aqui o que era necessario: bom carvão, boa roupa para o frio, bom gado, boa farinha de trigo e de batata, agua, que não é lá muito boa, etc., etc.

Bom leite ha aqui; bem mostra a boa qualidade de pasto que encontra o gado nesses longos taboleiros de relva. Bom gado ovino; os carneiros attingem um tamanho pouco commum, e assegurarão-me que os que vi erão pequenos em relação aos que possue um estancieiro. São de uma raça transplantada e cuidadosamente cultivada, que sobre serem de grandes proporções têm um pello precioso por sua qualidade e comprimento.

Ha em abundancia patos selvagens e perdizes na Campanha. Os *pingouins* ficão no litoral; andão em bandos numerosos, aos milheiros. Os primeiros constituem boa caça; mas não se os vá caçar sem guia porque corre-se o risco, ou de ficar perdido nas solidões uniformes da Campanha, ou mergulhado para sempre em uns atoleiros que é preciso ter pratica para reconhecer, porque são traçoeiramente disfarçados. Além disso, se o passeiante deixa-se sorprehender pela noite nestas paragens sem abrigo, o resfriamento nocturno, o relento, e ás vezes um vento desapiedado, roubão-lhe o calor, cansão-o e prostrão-o em enterpecimento, que ás vezes conduz á morte.

Ha tempos lá morrerão dous officiaes da marinha ingleza, de um navio que aqui estava de passagem, os quaes tinhão se aventurado naquellas paragens, sem levar guia.

Quando a demora da ausencia fez que se temesse algum desastre, foi muita gente de Stanley á procura e encontrarão-os cadaveres.

Hoje uma cruz de madeira attesta o fatal lugar, como muda recommendação de prudencia.

Tres companheiros lá forão ter hontem, a cavallo, para caçar patos e ver pinguins; mas como o vento estava muito forte só puderão matar um ou dous patos, o que foi bastante para verificarmos o sabor da tal caça, que é soffrivel.

Virão elles tambem os perigouins, bonitas lagôas d'agua doce, e o lugar onde perecêrão os dous officiaes inglezes, cujos restos mortaes forão trazidos para o cemiterio desta povoação, que é um pequeno quadrilatero cercado de muro, situado no extremo léste da povoação, onde alvejão significativamente as lousas de marmore branco. E' a primeira cousa que avista o navegante ao entrar em Stanley Harbour, o cemiterio.

No momento em que escrevo estas linhas, a 21 de Fevereiro, estou ouvindo do meu camarote roncar lá em cima, nos páos e cabos do navio, o maldito pampeiro. Pois acreditais, leitor? Nem essa abrigada e tranquilla enseada de Stanley elle deixa quieta quando sopra. Nem a esta recolhida bacia elle permitte a placidez. Ella está revolta, cheia de vagas, que correm regularmente enfileiradas umas atraz das outras como linhas de disciplinada infanteria, com os cimos espumantes, de maneira a parecer de longe um mar branco. Infelizmente o maldito sopra justamente no sentido de comprimento da enseada.

Quando o vento vem do sul ou do norte, abrigada como se acha, a enseada pouco sente.

Felizmente a furia do pampeiro não chega a dispôr de forças para nos mover e estamos quietos. O mesmo não aconteceu aos pequenos navios que ahi se achão aos corcovos, cortejando a cada vaga que se apresenta.

No meio dos onze cascos que aqui encontrámos, alguns dos quaes, os grandes, desarmados, está uma escuna norte-americana, cuja guarnição foi toda atacada de scorbuto. Ha dez mezes andavão elles por esses mares sem refrescar de alimentação, eis o que sei a respeito. São malaios de Cabo Verde que andavão occupados na caça dos lobos marinhos, quando a terrivel molestia obrigou-os a procurar refugio nesta ilha.

Leitor, queria enviar-vos esta daqui, mas os paquetes deste lugar, aliás bonitos, são á vela, e só sahem de mez em mez a mez e meio, indo só até Montevidéo. Na vespera de nossa chegada tinha sahido um e só teremos outro a 2 de Abril. Julguei portanto melhor guardal-a para ser enviada de Punta Arena, no Estreito de Magalhães, se fôr possivel. Quando mais que tenho assim a vantagem de poder contar mais alguma cousa daqui.

Tal é Stanley Harbour, leitor. No primeiro momento em que a vi, considerei a posse das ilhas para a Inglaterra como um capricho dessa nação. Parecia-me que era a vaidade britanica, lisongeada de ver tremular o seu pavilhão em todas as regiões do mundo, que tinha determinado a sua acquisição; hoje que a conheço melhor vejo que não foi esse futil motivo, mas uma previdencia digna do seu bom senso. Estas ilhas podem, em realidade, prestar-lhe muita utilidade, tanto como excellente ponto estrategico, como estação commercial, para uma nação, cuja maior força é maritima, cujos navios têm as mais longinquas expedições, e cujo commercio abraça o globo. A posição destas ilhas, em relação ao Cabo Horn, dá-lhes muito valor, e, se não fosse a navegação a vapor pelo Estreito de Magalhães, muito depressa devião prosperar.

IV

EM STANLEY HARBOUR

Stanley é possessão ingleza desde 1833. Ouvi contar alguma cousa da época em que deixou de pertencer a Buenos-Ayres e passou para o dominio da Inglaterra; mas, como não são informações completas, e apenas insignificantes pormenores, cuja exactidão não sei até que ponto chega, não os repetirei aqui. O que direi simplesmente é que parece-me que, tanto para a ilha, como para todos os povos, deve ser mais vantajoso que ella seja ingleza do que argentina, pois a Inglaterra póde achar-lhe mais utilidade, e está mais em condições de fazel-a prosperar do que a referida republica do Prata.

Não se vê uma arvore nas ilhas de Falkland. O seu terreno, de alluvião moderna, é constituido pela turba, terra rica de detritos organicos, cheia de alimento para o vegetal, que o frio não deixa, entretanto, prosperar. Aqui, como em certos paizes da Europa, essa terra serve de combustivel e para fertilisar os terrenos, que, por estarem á beira-mar, são mais arenosos.

Decididamente é uma cousa providencial a turba. A natureza, que recusou aos habitantes destas paragens florestas onde achassem lenha, dá-lhes terra combustivel, e combustivel de grande força.

Sua população é quasi toda ingleza, e, como tal, a lingua ingleza é a fallada; mas, como vestigio da antiga dominação, as pessoas mais antigas do lugar fallão tambem, em geral, o hespanhol, o que para a maior parte de nós era um grande soccorro, porque faziamo-nos entender muito melhor nessa lingua do que na de John Bull.

E' realmente aborrecido achar-se a gente em um paiz cujo idioma pouco ou nada se entende; pois se ha muitas occasiões em que nada se perde com isso, outras ha em que se sente grande pezar em não se poder nem comprehender, nem fazer-se comprehender. Só para os surdos-mudos é que póde ser indifferente estar em Moka ou Pekim sem saber arabe nem chinez.

Os marinheiros é que não se incommodão com isso; sabem dizer: *some bread* ou *some biscuits*, e com o *some bread* e o *some biscuits* nos labios embarafustão pela padaria ou pelo armazem dentro com um *imposant* que poderia fazer crer que erão capazes de comprehender, ás maravilhas, o inglez dos originaes de Byron ou de Shakspeare.

No que não se enganão sobretudo é em negocio de *pounds*, *shillings*, *pence* e *penish*: esse é o seu forte.

O caso é que se arranjavão perfeitamente com o seu inglez de *some* (que assim se poderia chamal-o), pois o *some* era o introito indispensavel de todas as suas phrases ou pedidos. E si não se havião muito bem com a lingua ingleza, nem por isso se derão mal com Stanley, onde puderão repousar do muito que tinhão trabalhado no mar, robustecendo-se bastante no pouco tempo que alli passámos.

Em Stanley venta sempre. Creio que já lh'o disse. Nem sei como os seus habitantes, e sobre tudo os que alli nascêrão, ainda não se acostumárão com isso, pois estão sempre a dizer: *much wind*, *much wind*. E' raro haver apenas aragem, ou brisa mesmo, e mais raro ainda a calma. Eu pela minha parte já não reparava no vento, tão identificado com Stanley o considerava. O que era para admirar, a meu ver, era que, estando nós então no estio, aquella gente sentisse tanto frio para estar a toda hora com o *very cold* ás voltas. Imagino o que deve acontecer no inverno, que, comquanto relativamente benigno, não ha de deixar de ser inverno.

Mas o que faz com que se sinta tanto frio nas Malvinas é o muito vento

que ahi ha; ás vezes, nas poucas occasiões em que tivemos calma ou aragem, a temperatura foi quasi sempre muito mais baixa do que quando zunião os ventos de oeste, e no entretanto não se sentia o quarto do frio. E para se fazer idéa da influencia do vento bastará dizer que a temperatura mais baixa que tivemos ao ar livre e pela madrugada foi de 3° centigrados.

Durante o dia, o que mais faz baixar o thermometro é a saraiva; de vez em quando lá surge uma nuvem escura e dahi a pouco cahe á terra a saraivada sem a menor gota d'agua. Apezar do augmento na intensidade do frio que traz, é isso sempre menos desagradavel do que a chuva, que, com taes ventos e se fôr abundante, deve ser cousa insupportavel ahi. Lembra-me que no primeiro dia em que tivemos saraivada houve um casamento em Stanley, o que constituia um motivo de festa para a pequena povoação, como sóe acontecer em todos os pequenos povoados. Todas as casas que têm páos de bandeira tinhão-na içada, e bem assim o telegrapho, que, collocado no alto da montanha, tem por fim fazer signaes indicadores do movimento do porto.

Tambem em Stanley iça-se bandeira por qualquer cousa. No dia em que entrámos todas as casas içárão as suas bandeiras, como é de estylo que o fação os navios de guerra fundeados no porto de que se sahe ou em que se entra.

Eu não assisti ao casamento e tive pena. Não fui á terra esse dia; não porque não soubesse que devia haver um casamento, pois que o grande acontecimento era conhecido em toda a Stanley, mas porque não me lembrei que não havia elle de ter as mesmas formalidades que entre nós, como succedeu, segundo me contárão alguns officiaes que a elle assistirão. Eis a razão por que tive pena.

Além da diversidade do vestuario do noivo, que trazia ao peito um grande florão de fitas brancas de pontas fluctuantes, etc., deu-se a seguinte e mui singular circumstancia, que não sei si é do costume em algumas terras da metropole ou em mais alguns paizes da Europa, mas que para nós é realmente muito de estranhar. Quando os noivos sahião da igreja, forão recebidos por um tiroteio de porções de terra gramada, que um numeroso bando de meninos divertia-se em atirar-lhes no meio de alegre e ruidosa vaia. Os pobres noivos vião-se em apuros com os taes mimos; a terra atirada, a turba de que ha pouco fallei, massa agglutinada e preta, cahia sobre elles, sujando-lhes as vestes.

Os noivos erão de condição modesta, mas ião muito bem vestidos, sobretudo a noiva, que era a creatura mais linda e elegante de Stanley, e trajava bellas vestes de noivado, perfeitamente em regra segundo o uso da nossa terra.

Não sei si tal costume é só das classes mais modestas; o que é certo é que não parece ser propria de um povo civilisado a brutal usança.

Quem quer ver os pinguins, leitor, caminha a umas duas ou tres leguas de Stanley, até a praia do Oceano, e ahi os encontra em bandos numerosos, aos milheiros. Poderia vol-os descrever, mas não o farei, para não ser fastidioso; só vos direi que o coitado do inoffensivo animal tem azas e não vôa são nadadeiras com a configuração de azas, tem pernas e não corre, tem ventas e não se assôa, como se dizia na praça d'armas, em uma galhofeira adivinhação de que elle era a incognita.

O pinguin serve para dar uma idéa de mister Levy; se o leitor ficou conhecendo bem, mister Levy serve para dar uma idéa do pinguin.

Em Stanley, como nas demais terras britanicas, o domingo é dia semsaborão; tudo fecha-se, e quem não vai ao campo caçar não põe o nariz na rua.

Entretanto creio que não é para levar o dia a ler a Biblia que se fechão assim; ahi anda volta *espirituosa*; o alcool tem tambem grande culto alli, como em quasi todos os paizes muito frios.

Melhor que os domingos estiverão os dias de carnaval. Que festa! Era realmente esplendida. Eu vi mascaras de todas as fórmas e coloridos, de todos os preços, de todos os graos de espirito, de todos os graos do chiste. Ouvi o som das trombetinhas, o tinir dos guizos, o ruido dos estalos fulminantes, tomei uma bisnagada nos olhos, e tive de fechal-os no meio do borborinho de um povo compacto, como o que nesses dias foliões, sobretudo á noitinha, costuma haver na rua do Ouvidor.

Chegou-se mesmo a mim uma mascara, bastante graciosa, quando eu estava no salão do theatro encostado á antepara dos camarotes da primeira ordem, a mirar aquelle torvelinho, e me disse não sei o que de tão doce graça, que fiquei ternamente commovido. Mas não me movi. Aquelle povo continuava a rodomoinhar no salão como um formigueiro, cruzando-se em todos os sentidos, misturando as côres variadas de seus vestuarios, de maneira a formar uma cambiante caprichosa, um furta-côres *sui generis*. Que movimentos! que gritos! Vinhão alguns saltando, e ao passar diante de mim fazião umas momices, uns comicos tregeitos, e gritavão-me na sua voz de falsete para de novo perderem-se na multidão. Eu os seguia todos com philosophico olhar, sempre mudo, meditabundo, inalteravel, em pé, com uma perna traçada sobre a outra a tocar o solo com a ponta do botim e sempre encostado a antepara, peitoril, ou que melhor nome tenha, da primeira ordem de camarotes.

O tumulto foi augmentando até chegar um momento em que senti um braço nú passar-se-me ao redor do pescoço, apertar-me de encontro a um peito, empurrarem-me pelas costas, e uma voz dizer-me ao ouvido em tom natural:

— Que diabo estás a scismar ahi?

Pouco depois achei-me em um carro a rodar velozmente pelas ruas illu-

minadas da cidade... Não sei como dahi a nada estava eu parado de novo em pé a uma esquina a ver desfilar pela rua, no fluxo e refluxo, o povo alegre e ruidoso. Veio a mim mais um mascara e gritou-me pelo nome, apertando-me nos braços, e foi-se; veio outro que me puxou pelo nariz, e afinal outro que esguichou-me outra bisnagada nos olhos. Incommodado com a historia, vendo que, decididamente, não me deixavão quieto, retirei-me das ruas frequentadas para as que se achavão mais desertas, e ahi, quando estava a esfregar os olhos, que ainda me ardião fazendo-me a vista escura, senti uma mão pousar-me no hombro e voltei-me para reconhecer de quem era...

Qual, leitor, foi um sonho! Sonhei acordado. Quando senti o contacto da mão e voltei-me, achei-me cara a cara com um official de bordo. Então é que reparei que estava já havia algum tempo no portaló do navio, com a povoação de Stanley em frente, mas com os olhos fitos nas aguas crespas do mar, e sem as ver.

E assim é que foi o meu carnaval. Em Stanley havia tanto carnaval como devia haver entre os Esquimós! Creio que essa festa não está marcada nas folhinhas do lugar. Eu vi o carnaval por momentos, mas nas reminiscencias do que vi ha seis annos no Rio de Janeiro, que ha já tanto tempo não passo os dias foliões na nossa capital. O que é facto é que eu estava tão embebido com a minha fantasia, tão real me parecia ella, que, creio, se lá no Rio estivesse, não havia de sentir melhor a impressão da realidade, como então senti. Olhei ainda para Stanley e vi-a tão muda e indifferente que duvidei que estivessemos com effeito em dia de carnaval, ou que Stanley fosse povoado e não antes uma pintura.

Vamos deixar Stanley, leitor, bem vêdes que é muito insipido. Não temos mais nada que fazer aqui; os officiaes instructores e os guardas-marinha já tirárão a planta do porto; já todos se têm sortido de roupas para o frio, com que devem poder affrontar os rigores das regiões polares, roupas do systema *mister Levy*, ainda mais correctas e augmentadas, creio mesmo que da ultima edição.

Antes, porém, daqui nos retirarmos, permitti, leitor, que vos apresente o Dr. Watt, a pessoa mais estimavel e culta com que tratámos em Stanley. E' um medico commissionado pelo governo inglez, que tem andado por muita parte, mas que do Rio só conhece a Tijuca, e isso mesmo, pouco mais que o hotel Bennett. Elle merece tanto a vossa sympathia como a nossa gratidão.

Na noite de 4 vim eu para bordo, dando-me por despedido de Stanley, visto como deviamos sahir na manhã seguinte. O dia 5, porém, foi todo de vento forte de SO., e o pratico do porto, por motivo razoavel não quiz sahir, de maneira que ficámos á espera que o vento amainasse.

Nesse dia ainda veio a bordo passar um momento comnosco o Dr. Watt, que, apezar do mar e vento, metteu-se em um pequeno bote de dous remos, um dos quaes empunhou, e, coberto de borracha dos pés á cabeça, aqui saltou a bordo.

V

DE STANLEY HARBOUR A VALPARAISO

O dia 6 surgio mais calmo. Aproveitou-se a occasião, e dahi a pouco, tendo o pratico a bordo, suspendêmos. Contou-nos então o pratico que constava-lhe que o forte ia salvar-nos á despedida; effectivamente dahi a momentos, tendo içado a bandeira brazileira, deu o forte uma salva de 21 tiros. Nós, que começavamos a mover-nos, fomos respondendo e caminhando de vagar, terminando a salva ao entrarmos no estreito.

E assim deixámos a recolhida bacia, a Stanley Harbour, onde tinhamos achado repouso, depois de muitos dias de máo tempo. Passámos pelo porto William, que tanto nos fôra agradavel, quando naquella noite, que nunca esquecerei, fundeámos em suas tranquillas aguas. Dahi a pouco já o navio arfava entrando no oceano e deixavamos o cabo Pembroke pela pôpa. O vento, que soprava de SO., quando suspendêmos, foi rondando para OSO., até soprar-nos ONO., bastante fresco, pela prôa.

Sempre o caprichoso Eolo!

Assim andámos proximos á costa, onde viamos espumar as vagas sobre os rochedos, até o anoitecer. Nessa tarde vimos muitas baléas, ou antes os esguichos d'agua que assignalavão a sua presença. Vimos mais uma goleta, cujas velas alvejavão junto á costa, e eis tudo quanto divisámos em aguas malvinenses.

Na manhã seguinte, pelas 7 horas, passou, a cerca de uma milha de nós, a corveta ingleza *Volage*, que tinhamos encontrado em Montevidéo. Ia bonita, a todo o panno, vento em pôpa, a comer milhas, veloz como o seu nome. Trocámos comprimentos com a antiga conhecida, que nas azas do pampeiro sumio-se, em breve, no horizonte.

Quando nos sorriria tambem a fortuna? A distancia era pequena, mas iamos chegar em breve a essa paragem, em que tinhamos capeado por tantos dias; fitos, vigilantes, os olhares perscrutavão o horizonte e interrogavão o barometro.

Felizmente não tivemos novidade maior. Passou por nós uma galera, o vento foi sempre contrario, e tivemos de andar a vapor; assim fomos indo, sem mais novidade, a não ser abonançar o vento, até o dia 11.

Nesse dia vimos terra. Foi isso por perto de 1 hora da tarde. O tempo

estava esplendido. Nunca tivemos dia igual em viagem nessa latitude. O mar manso espelhava em suas infinitas escamas um sol vivido, que uma atmosphera limpida, perfeitamente transparente, deixava passar em toda a sua pureza. Para dar uma idéa de quanto estava encantador esse dia, direi que até o SO. estava summamente agradavel, apezar de vir-nos pela prôa. Foi essa tambem a primeira vez que elle impressionou-me por esse modo; na verdade tinha a brandura da aragem e a temperatura e seccura as mais suaves que se possa desejar.

Um dia assim nestas paragens é tão raro, que a gente exulta em intimo contentamento, como se a natureza nos mostrasse então que não eramos os desherdados das suas bellezas. E' realmente para infundir satisfação e convidar á expansão, á vida, o espectaculo de um dia semelhante, quando se tem tido quasi sempre o céo *spleneticamente* nebuloso, ou o incommodo SO.

Estavamos, emfim, com a suspirada terra á vista. Era ella o cabo das Virgens, um extenso taboleiro de terra relvada, que se termina do lado do estreito com a configuração de uma prôa de encouraçado, uma ponta dessas terras habitadas por esses homens de alta estatura, a quem os marinheiros de Magalhães chamárão *patagões*, por verem-nos mal calçados, com um pedaço de pelle de llama aos pés.

A's 3 ½ horas estavamos norte-sul com ella, e ainda era a mesma a sua configuração, e talvez mais perfeita a prôa de encouraçado. A' esquerda tinhamos as terras baixas que correm da ponta do Espirito-Santo ao cabo de Santa Catharina. A maré enchia. Tinhamos, pois, para entrar no estreito um dia tão feliz quanto o fôra a noite em que entrámos no porto William. Só o sudoeste, que tanto nos repellio da primeira vez, é que ainda ahi estava a soprar; mas esse mesmo quasi se tinha aquietado, e como para compensar o mal que nos causára continuava a soprar do modo agradavel que já referi.

Entravamos no braço de mar a que deu o nome o navegador portuguez que primeiro sulcou-lhe as aguas. Ha já mais de tres seculos; foi no dia 21 de Outubro de 1520, que pela primeira vez conhecêrão ellas a nave do descobridor.

Que alegria não devia ter sentido nesse dia o velho marinheiro!

Mal sabia elle então que nunca mais havia de passar por alli; mal sabia que com esta descoberta, com que escrevia o seu nome na superficie do globo, devia terminar sua vida gloriosa; mal sabia que não muito longe, depois do lugar em que elle proprio escrevêra a sua epopéa, devia chegar áquelle em que devião escrever o epitaphio! mal sabia que nesse oceano que chamára Pacifico havia achar a morte na luta, em um pedaço de terra atirado no meio do mar, elle, que atravessára são e salvo o continente americano por passagem perigosa e inexplorada!

A descoberta do estreito, a que deu o nome, foi para Fernando de Ma-

galhães o canto do cysne, do cysne do occano. Assim o queria o destino! Lutar tanto com o mar, com os ventos, com as privações, com os seus companheiros em revolta, com a natureza e com os homens, e tudo subjugar ou vencer; levar á descoberta cinco navios da Europa ao Pacifico, ganhando gloria immorredoura, é feito que não se repete na vida de um homem, e cuja grandeza é bastante para enchel-a.

Dahi a pouco viamos quasi rente com as aguas o cabo Dungeness, projectando-se para dentro do estreito, tendo um marco pyramidal quasi no seu extremo, e atrás delle, e mais além, as terras mais altas do cabo de Possession. A pyramide ou marco alli foi postada pela Companhia de Paquetes para servir-lhes de ponto de reconhecimento. Existem muitas em varios sitios da margem patagonica.

Tinhamos já passado pelo monte Denero, ahi pelas 6 horas e tanto, quando passou por nós um paquete allemão, que se dirigia para léste, vento a pôpa. Trocámos o adeus; mas o nosso desejo não se limitava a isso; que reriamos gritar-lhe que fizesse constar no Rio de Janeiro o encontro que comnosco tivera, levando assim a tranquillidade a nossas familias, a quem uma demora de noticias, inesperada, póde ter causado o receio, a afflicção. Mas sempre tinhamos esperança que elle não calasse o encontro, e isso já nos alegrou bastante.

A's 6 ½ estavamos com o cabo Possession ao norte.

Iamos depressa porque a maré enchia. A lua ergueu-se bonita, mas a noite não devia ter a mesma transparencia que o dia, pois o ar começou a turvar-se, e em breve denso nevoeiro veio impedir-nos de gozar do esplendido luar, que nos era dado esperar.

O vento rondou para NO., como se adivinhando que iamos procurar a enseada da Possession, quizesse soprar-nos pela prôa.

E' decididamente a creatura mais embirrante destas paragens!

Fundeámos ás 9 horas da noite nessa enseada. E eis-nos dormindo nas aguas magalhanicas, leitor, em aguas quietas, que é a maior felicidade para quem dorme fluctuando; dormindo tranquillo como quem passou incolume por lugares mal agourados, se não eriçados de perigos. Tinhamos com effeito deixado atrás aquella paragem terrivel onde capeáramos doze dias. Não havia razão para sentirmo-nos alliviados de grande peso e podermos dormir placidamente?

Pelas 5 horas da manhã seguinte, dia 12, suspendêmos. Dahi a uma hora e pouco avistámos a boia do Banco Navoir e a pyramide do monte Direccion.

A's 8 horas entrámos na primeira garganta (First Narrow), onde o estreito, de quatorze a 15 milhas, que tinha á entrada e que se tinha alargado em frente á enseada da Possession, reduz-se a uma largura de pouco mais de duas milhas. Ahi as margens são pouco elevadas, quasi planas, cobertas de

relva verde amarellada como as terras das Malvinas. Os barrancos são cortados a prumo pelo desmoronamento que se dá em suas terras areentas, como se vê em muitos de nossos rios, ao passar pelos terrenos de alluvião do litoral.

Pouco póde, pois, ter de aprazivel essa nudez de descampado; mas, leitor, sempre é agradavel navegar entre margens e em quietas aguas; sempre o capricho de seu recorte, o colorido de sua relva ou de suas arêas recreião mais a vista do que a uniforme e monotona nudez do alto mar. Quando mais, que já ao longe azulavão montes com as cabeças envoltas em nuvens, que nos promettião panorama mais variado, pois alguns delles, sabiamos, estavão á margem do estreito.

Quarenta minutos depois estava transposta a garganta. Ella póde ter ahi umas doze milhas de extensão; vê o leitor que velocidade levavamos, ajudados pela maré de enchente e pelo angustiamento do estreito.

Era domingo; sobre aquellas aguas nunca sulcadas antes por navio de guerra brazileiro celebrou-se o santo sacrificio da missa. Bem condizia então a paz que nos cercava com a da religião, a cuja solemnidade assistiamos. Nós tinhamos muito por que dar graças ao Omnipotente; vogavamos tranquillamente nessas paragens tormentosas, cujo accesso tão difficil nos tinha sido, e tinhamos ahi, no contraste que offerecia-nos a natureza que nos cercava com a de nossa terra, um meio de apreciar quanto tinha sido prodigo para comnosco o Creador, que, em vez deste ermo esteril e quasi inhospito, desses ventos desapiedados, desse céo encoberto, desse sol sem calor, tinha-nos dado a opulencia das zonas tropicaes, a fertilidade luxuriante das terras, o céo azul, o sol vivificante, todas as riquezas da creação, que fazem do Brazil «a terra promettida dos naturalistas», como diz o botanico Richard.

Chegados ao lugar alargado (de umas 16 milhas), avistámos logo em frente, á direita, o cabo Gregory, e á esquerda a ponta de S. Izidro que limitão a entrada da segunda garganta — Second narrow. A's 9 horas passavamos pela ponta Barranco, onde ha tambem uma pyramide, ás 11 estavamos na garganta. Dahi a alguns minutos avistavamos ao SO. a ilha Elizabeth, e poucos momentos depois a ilha de Santa Martha, e mais ao longe a de Santa Magdalena.

O dia tornára-se mais bonito. Pelas 11 horas estava transposta a segunda garganta, e uma hora depois passavamos pelo Queen Channel, deixando á direita a ilha Isabel, que é grande, e á esquerda as pequenas ilhas de Santa Martha e Santa Magdalena, que ambas distão bem pouco da primeira.

Um pouco mais, e mudou-se-nos inteira e bruscamente o aspecto da paisagem; já não é mais a margem pouco accidentada e coberta de uniforme tapete de relva; são terras altas, cobertas de denso e copado arvoredo de um

verde pardacento, vegetação certamente para maravilhar nessas latitudes. Mais além estão montes altos, alguns dos quaes têm os cumes cobertos de neve.

A's 2 horas passavamos pelo cabo Negro. Dahi a pouco viamos pela prôa, longe, ainda muito longe, os mastros dos navios ancorados em Punta-Arena ou Sandy Point; mais uns minutos, e alvejavão as casinhas da povoação. Em pouco as alcançámos e fundeámos.

Punta Arena é uma pequena villa como Stanley, com a differença que as suas casas, tambem de madeira, são em geral menores e estão mais juntas. E' um presidio militar. Está bem situada; fica no sopé de uma comprida serrania de uns 600 pés de altura, que corre mais ou menos NS.

Não tem enseada, ella banha os seus pés directamente nas aguas do estreito, que nesse ponto tem de largura umas 15 milhas. Vê-se em frente os montes azulados da terra do fogo, e ao sul os picos nevados dos montes que primeiro alvejão.

Como os ventos dominantes alli são os de oéste, ella dá bom abrigo com a serrania, em cuja base se assenta. Assim, ahi entrámos com aguas quietas como as de um lago, apezar das brisas de O.

Goza-se uma bonita vista dahi.

Em redor da povoação ha uma floresta de troncos engalhados de arvores, cuja ramagem o fogo consumio; á esquerda o cemiterio cercado de gradil de madeira, e á direita a ponta arenosa que deu o nome ao lugar. As casas são em geral feitas de madeira, e pequenas.

Não cansarei a attenção do leitor com outras minuciosidades a respeito da pequena povoação; direi apenas que lhe está reservado um grande futuro; a modesta povoação de hoje ha de vir a ser talvez o emporio entre os dous oceanos que o estreito communica. Já os paquetes que passão fazendo alli escala, o commercio de pelles preciosas, de guanaco, lobo, cysne, lontra, veado, avestruz, etc., a mineração do carvão de pedra, que é muito abundante na Patagonia, e que se explora a umas tres leguas da povoação, attrahem grande concurrencia.

Já ha trilhos em que se transporta o carvão ao porto, carvão cuja qualidade não é muito boa, mas que nessa localidade é sempre uma fonte de riqueza. Além disso é de esperar se encontre jazidas de melhor qualidade, como ainda resta explorar outros mineraes que alli existem, entre os quaes se conta o ouro.

Nessa tarde não desembarcámos. Na manhã seguinte, ao içar a bandeira, salvou-se á terra. Respondeu-nos um forte.

Em Punta Arena, leitor, tivemos um acolhimento em que se revela a sym-

pathia que nos vota a republica do Pacifico a que pertence; e esse acolhimento não foi só o official, que a cortezia dispensa entre nações, foi tambem o particular, o popular, que franco e sincero sempre é.

Desde a visita que nos fizerão alguns officiaes da corveta chilena *O' Higgins*, bonito vaso que ahi está estacionado ha seis mezes, visita feita no dia immediato ao da nossa chegada, até o trato obsequiador dos habitantes do povoado, em tudo se revelou a benevolencia com que nos olhão.

Nesse dia o governador veio tambem a bordo. Recebèmol-o em segundo uniforme, e fizerão-se-lhe as honras do estylo. Elle visitou o navio com attenção. Ao passar pela praça d'armas, onde ainda se achavão os officiaes chilenos, convidou-nos, em phrases cheias de benevolencia para o Brazil, a um *lunch*, que offerecia-nos no dia 15.

A' tarde saltavamos em terra. Eu e dous companheiros percorrêmos o povoado, e afinal fomos casualmente ter a uma casa, onde, convidados a entrar, encontrámos já alguns officiaes de bordo, que não sei por que artes lá tinhão ido parar. Ahi estivemos distrahindo-nos em companhia de uma amavel familia, de quem devemos recordar-nos sempre com gratidão.

Não posso deixar de fallar em um lugar, que nada tem de recreativo, mas para onde a curiosidade leva-me muitas vezes, máo grado o sentimento de evital-o.

Fallo do cemiterio, do cemiterio, que a ninguem confrange o coração o visitar, como ao navegante. Ora imagina, leitor, que viajando-se por lugares quasi ermos e ao entrar-se n'um desses simplicissimos quadrados, vê-se singelas lousas aos pés de cruzes quasi sempre muito toscas, e que em grande numero dos epitaphios se lêm nomes de homens do mar; imagina que impressão deve causar a quem está longe da patria ver esses lugares onde repousão homens que, como nós, andavão ha pouco sobre esses mares, e que a imprevista morte veio depol-os no seio de terra estranha, longe dos seus, sem os carinhos do lar, sem os prantos dos que os estimão! Imagina o que se póde experimentar então, que eu não o sei descrever.

Posso sómente dizer que em Punta Arena, como em Stanley, entumecêrão-se-me de lagrimas as palpebras ao ler o eloquente —aqui jaz! — em diversas linguas.

São homens de nações diversas, de todos os pontos do mundo, que o corrêrão na vida aventurosa do mar; são filhos de cidades populosas, de alegres praias, de ferteis e risonhos valles, que vêm morrer nestas longinquas e tristonhas plagas, sem ter ao despedir-se da vida uma mãi, irmã ou esposa, a murmurar-lhe palavras de consolação, os soluços de dôr, o pranto ineffavel do seu sentimento.

Ai dos navegantes que assim a morte interrompe no meio da jornada.

No dia 15, ás horas convencionadas, os officiaes chilenos vierão a bordo

[illegible] vestidos em [illegible] [illegible] [illegible] chilenos e brazileiros e [illegible] [illegible] [illegible]

A' tardinha estavamos todos divididos em varias casas do povoado, acolhidos e festejados por toda a parte.

As scenas que acabo de delinear em pallidos traços devião ser pintadas com as côres vivas que na realidade tiverão, com o calor que as animou; ou devia tornal-as palpitantes; reproduzindo a vida, o sentimento que as produzio; só assim poderia transportar para aqui a impressão que em mim, como nos outros, deixou o acolhimento benevolo que nos foi prodigalizado em Punta-Arena.

Tanto na recepção official como na particular, em tudo se revelou a sympathia do Chile para com o Brazil. Dir-se-hia que eramos filhos de um paiz longinquo sim, mas com que os chilenos tivessem grandes relações, trato frequente, que lhes é muito conhecido, muito visitado. « Nós somos irmãos », dizião elles. E a mim tambem pareceu que não podem deixar de sêl-o os que habitão essa mesma zona da America, aquinhoados com os mesmos prodigios da natureza, acalentados pelo ruido de torrentes igualmente alterosas, que nascem á sombra de florestas irmãs em grandeza e viço, que pisão um solo igualmente rico, e se aquecem aos raios de um sol do mesmo modo vivido, prodigo de luz e calor.

« Os Andes nos separão, mas nosso pensamento os transpõe », disse no seu brinde o official chileno.

E assim acontece. E' pelo pensamento que se tem creado essa sympathia. Sabemos que além da extensa cordilheira, banhando-se no Atlantico, ha um paiz lindo, habitado por um povo de indole generosa e docil, de caracter franco e leal, e de sentimentos elevados. Nunca o vimos, mas conhecemol-o; nunca lhe apertámos as mãos, mas as nossas almas, onde se aninhão os mesmos sentimentos, já de ha muito se abraçárão.

Por mim, leitor, confesso-me captivado pelo acolhimento sinceramente sympathico, fraternal, que nos deu o Chile no posto extremo do seu territorio, alli á beira do estreito de Magalhães. E agora poderá causar-me prazer, mas não sorpreza, todo o acolhimento, todo o carinho que nos prodigalisarem em Valparaiso.

Punta-Arena foi a pedra de toque!

Os poucos dias que ahi passámos, graças a esse acolhimento, corrêrão-nos muito agradavelmente. De uma vez aprendeo-se alli a dansar a *cueca*, dansa nacional, a *habanera*, e exercitámo-nos em *el castillo tambien*.

Quando ahi chegámos havião doze dias que tinhão passado os guardas-marinha no paquete para Valparaiso, e aqui pensava-se, attendendo-se á grande demora, que tinhamos transposto o cabo de Horn.

Tive occasião de ver em Punta-Arena, Indios fueguinos e patagonios: tive tambem occasião de admirar estes destroços das raças aborigenes, tão perseguidas e martyrisadas por nossos avós, os Europêos. Dos fueguinos

que alli vi, dous erão mulheres de 15 a 18 annos, e um, menino dos seus 8 annos. Como caracteres communs as mulheres tinhão face larga e curta, bochechas muito cheias, narinas largas e olhos obliquos, os cabellos corridos, lisos, a côr trigueira amarellada, dentes alvos, caracteres estes ultimos que são tambem dos demais indigenas americanos. Pé pequeno, tornozelo fino, a estatura regular, o olhar intelligente e o sorriso gracioso.

O menino tinha o typo bastante regular: era delgado, dir-se-hia um filho dos nossos sertões do norte. Não fallavão quasi nada hespanhol.

Uma vez passava eu em companhia de officiaes chilenos e brazileiros pela praça, quando vi approximar-se um Patagonio. Era um destes homens que ainda são objecto de tanta crença fantastica, que o mundo civilisado por tanto tempo acreditou de estatura colossal, de instinctos ferozes, de costumes barbaros.

Tão extraordinario é sempre o desconhecido! Não sei porque este contraste; a distancia faz tornar menores os objectos aos olhos do corpo, emquanto que os augmenta aos olhos da imaginação! Chegou-se mesmo a crer que este sólo, a Patagonia, era habitado por homens tão extraordinarios que tinhão um só orgão de visão, que erão cyclopes. Além de augmentar, desfigurão!

Foi esta mesma illusão que fez luzir o Eldorado á cupidez dos aventureiros europêos, que os fazia sonhar com o palacio de ouro no interior da Columbia.

Bem longe vão esses tempos, felizmente!

Quando passava o Patagonio chamámol-o, e elle promptamente approximou-se. Era um homem bastante alto, cheio do corpo, de extremidades pequenas, robusto e bem proporcionado. Sua cabeça era um modelo digno de um bom pincel. Não imaginais, leitor, com quanta admiração, com que enlevo enthusiasta, mirei aquellas feições regulares, sobranceiras, que respiravão a energia mascula de uma raça altiva e indomavel! Como achei sombrio, cheio de tempestade, de uma ferocidade calma o seu olhar! Que maneiras confiadas e doceis a contrastar com a altivez intolerante pintada em seus traços!

Os seus olhos tinhão essa côr amarellada dos olhos do tigre!

Se eu fosse pintor e quizesse representar o genio das tormentas, havia de pintal-o assim, como o Patagonio, com a fronte levemente descahida, os cabellos eriçados, repartidos ao meio e atados por uma fita de couro, que os comprime em volta da cabeça, e, passando pela testa, vai enlaçar as pontas atrás da nuca, onde ficão pendentes; assim com o mesmo olhar penetrante e de uma calma prenhe de tormentas, com o mesmo sorriso de desdem, em attitude naturalmente sobranceira, physionomia onde se lê a ameaça de mis-

tura com a complacencia, a convulsão com o socego, a ira, o relampago, com a immobilidade. Assim é que por vezes se me tinha afigurado á fantasia.

Esse Patagonio com quem estive, apezar do ar distrahido que tinha, era muito docil ao que lhe pediamos.

Repetia machinalmente todas as palavras que lhe dirigiamos cuja significação não comprehendia, e procurava então sorrir complacentemente.

Disserão-me que era o Cacique de uma tribu, mas não sei se quem m'o disse estava bem informado.

Por unica vestimenta trazia o Patagonio uma capa de pelles das que elles usão com o lado velludo virado para dentro, sobre o corpo. Essa capa ou manta, em que se envolvem das pernas até os hombros, é que os faz parecer mui grandes á certa distancia. Esse de quem trato, por exemplo, logo que o vi, quando ainda afastado, pareceu-me de proporções muito mais agigantadas do que na realidade era.

O que eu muito desejava saber é a impressão que lhes causa á primeira vista um homem civilisado; queria conversar com elle, mas infelizmente não nos comprehendiamos, porque poucas são as palavras de hespanhol e inglez, cuja significação elles sabem. Quando eu o fitava, reparei que elle tambem tinha o olhar fito em mim, e o passeiava como que distrahidamente a mirar a minha roupa e o sobretudo que eu tinha penso ao braço, a corôa bordada do meu boné; mas dir-se-hia que estava preoccupado com outro pensamento, o que era muito provavel, porque elle vinha a Punta Arenas trazer pelles para mercar, como costumão fazer os indigenas mais vizinhos.

Esse era antigo conhecido do lugar, onde vem frequentemente, como outros mais, não só vender pelles, como já dissemos, mas tambem fazer compras, entre as quaes tem principal lugar a aguardente e a bolacha, e principalmente armas, que elles manejão com a superior destreza que os distingue em todos os exercicios. São magnificos atiradores; servem-se do rewolver com admiravel precisão. Costumão vir montados em bons cavallos, pois, como se sabe, são bons e bonitos os cavallos dos pampas da Patagonia; arreião-os commodamente e incitão-os com esporas feitas com pregos fincados em roletes de madeira, que atão aos dous em cada pé.

Duas ou tres vezes por anno vêm elles á Punta Arenas em bandos numerosos. Não fogem, pois, dos Europêos quando os não perseguem; pelo contrario procurão o trato desses homens, cujos usos e costumes mostrão um gráo de adiantamento, que por certo não desconhecem. Quando algum viajante vai ter á sua errante habitação, elles o tratão com uma hospitalidade e agrado dignos de nota, o que, aliás, é partilha quasi geral dos selvagens da America.

Disse errante habitação, porque o Patagonio não tem pouso certo; onde

lhe apraz, finca na terra uns páos, estendendo-lhes por cima um manto de pelles, e ahi se abriga para dormir.

O Patagonio não se ocupa senão da caça e venda das pelles; é á mulher que cabem os demais trabalhos: o despojo da caça, o preparo das refeições, o cuidar das pelles, cosel-as, etc.; e vai a tal ponto a exclusão do trabalho do homem, que é costume tambem a mulher ir á caça, e então cifra-se o mister do homem unicamente em matar o animal, que a mulher deve transportar. E' o que acontece tambem quando vem ao mercado acompanhado da mulher, a cujo cuidado ficão os objectos comprados.

De tudo quanto a industria do homem civilisado tem produzido a nada o Patagonio dá maior apreço, leitor, do que á aguardente; mas a ninguem tambem é mais funesta a traidora bebida: elles bebem-a com avidez, e a embriaguez em que cahem enche-os de uma furia cega, que os faz ter rixas que frequentemente terminão pelo assassinato, sendo ás vezes as victimas as proprias companheiras.

Todos evitão por isso fornecer-lhes liquidos espirituosos e creio mesmo que o governo chileno prohibio que se lhes vendessem bebidas alcoolicas; pelo menos, ouvi fallar nisso vagamente. Como quer que seja, é de humanidade negar a esses homens taes bebidas, sabendo-se quanto abusão dellas e que consequencias terriveis resultão desse abuso.

Actualmente, os Patagonios estão em guerra; duas tribus pelejão não sei por que motivo. O que é certo é que deve ser tremenda a luta entre homens de uma raça tão forte e valorosa. E' pena que sejão elles os primeiros a concorrer assim para o seu exterminio; é pena que esses restos dos aborigenes vão desapparecendo da superficie da terra. Daqui a tempos, da opulencia primitiva pouco restará; os homens e as florestas muito têm sido ceifados pelos emissarios da civilisação; só ficaráõ ahi como vestigios da primitiva grandeza essas correntes esmagadoras, esses cursos d'agua que são os maiores do mundo, essas cordilheiras onde se escadeião todos os climas.

Os *Fueguinos*, habitantes da Terra de Fogo, são muito doceis tambem; mas alguns são mais ferozes. Ha ainda lá tribus antropophagas; e triste do que naufragar nas immediações do cabo de Horn, se consegue a salvação pondo o pé em terra e não no convez de um navio, que o soccorra; ai delle! porque tem diante de si a perspectiva de ver-se cortado em bifsteaks!...

Mas deixemos os *Fueguinos*, com quem nos havemos ainda de encontrar, e voltemos para bordo, que é tempo de seguir viagem.

Nada vos direi do papel que fez esta corveta no modesto fundeadouro de Punta Arenas, leitor, nem tão pouco do que póde fazer nos logares que temos de visitar, onde ella vai ser mostrada, examinada e julgada como um padrão da nossa marinha, e quiçá uma amostra do que seja o Brazil. Devem querer applicar-lhes o — *ex digito gigans*.

Esse assumpto ficará para mais tarde, pois vale mais fallar com os factos, do que com douradas illusões ou infundados temores.

Na vespera da sahida de Punta Arenas fui a bordo da corveta chilena, e tive occasião de ver um navio perfeitamente em ordem, como os das marinhas mais caprichosas. No que está á vista pelo menos, tudo se acha bem provido, arranjado com elegancia e muita decencia, se não luxo. No Chile, parece, ainda não se conhece a economia de palitos.

Sahimos de Punta Arenas ás 9 1/2 horas da manhã. Ao passarmos pela corveta chilena, o Sr. commandante mandou subir a gente ás enxarcias e ahi dar tres vivas, ao mesmo tempo que se arriava outras tantas vezes o pavilhão nacional.

A corveta chilena respondeu do mesmo modo.

Bello e commovente adeus! Em uma e outra corveta vião-se agitar no ar os lenços brancos e os bonés dos officiaes, que estavão nos xadrezes de ré e do portaló ou debruçados sobre a amurada. Despediamo-nos com a cortezia e carinho que nos merecêrão esses companheiros das mesmas lides e dos mesmos perigos, exprimindo a gratidão que o seu acolhimento benevolente tinha gerado em nós. Poucos tinhão sido os dias, mas forão todavia bastantes para que nascesse em nós reciproca sympathia.

Não me esquecerei mais de Punta Arenas. Sempre hei de lembrar-me que alli vi apertarem-se cordialmente as mãos, cheias de fraternidade, filhos do mesmo continente, marinheiros do Atlantico e do Pacifico, ahi nesse estreito, onde se encontrão e confundem-se os dous oceanos, que banhão as praias de suas patrias.

Tão longe quanto a vista distincta alcançava os lenços ainda se agitavão.

A' uma hora e meia, passavamos pelo cabo Famine e ás duas pelo de S. Isidro. As margens tornão-se gradativamente mais accidentadas e já ahi branqueia a neve nos cimos dos montes. Nas altas montanhas, que se avistão ao longe, a neve se estende em extensos lençóes ou cinge-lhes as frontes como se fossem alvas grinaldas.

D'ahi á pouco avistámos uma canôa de indios parada em nosso caminho. Era uma leve e graciosa piroga, com duas crianças e duas mulheres. Ao approximarmo-nos, as mulheres gesticulavão como pedindo que parassemos, sem se aperceberem ou sem se importarem que com a gesticulação fugialhes dos hombros a manta de pelles, deixando-as em inteira nudez; mas a corveta foi seguindo, e quando passámos pela canôa redobrárão de instancias, gritando distinctamente: — *tabac, tabac, galleta, galleta!* — apontando ao mesmo tempo para umas pelles que tinhão no fundo da piroga. Reparei que os meninos, apezar de serem muito pequenos, erão os que manejavão os remos.

A's 4 horas entrámos na enseada de S. Nicoláo, onde fundeámos. Bonito

espectaculo offerecem as margens do estreito no espaço que acabavamos de percorrer. Bosques copados que cobrem as terras desde a orla banhada pelas aguas até o cimo das montanhas menos altas; montes despidos de vegetação com uma côr afogueada, fulvos, pardacentos e arroxeado-escuros com a neve a pratear-lhes os cimos e as anfractuosidades, a cíngir-lhes as frontes como diamantinos diademas, ou a desenrolar-se em brilhantes lençóes sobre as suas planuras. O colorido da vegetação não é ainda aqui o verde-negro das nossas florestas, é o verde acinzentado das zonas temperadas; mas ha lugares de pequena grandeza, em que elle é de um verde-claro summamente bello.

Fundcámos proximo a uma ilha extremamente pittoresca, cuja vegetação tinha esse colorido. Nesta ilha se achão alguns postes de madeira que têm inscriptos os nomes de alguns navios que ahi têm fundeado.

Deve ahi estar o de *Fytz-Roy*, segundo me disse o nosso pratico, mestre Levy.

E' uma bonita enseada a de S. Nicoláo; nesse ponto o estreito é orlado por altas montanhas muito graciosamente cortadas. Um dos montes proximos, á direita da enseada, é bem digno da téla e de amestrado pincel. De um variado e lindo matiz, em que se repousa agradavelmente a vista, tem o cume salpicado de frócos de neve que se refletem e destacão como palhetas de prata sobre o seu colorido castanho escuro. E' de um effeito esplendido e sorprendente o tal monte; os pequenos arroios que delle derivão pelas quebradas, e a neve pollida, tudo a simular prata, fazem-nos trazer á idéa as fontes desse metal, com que sonhavão os descobridores da America!

Alli veio á tarde outra piroga com indigenas. Dous homens, um dos quaes, cousa rara, barbado, com a barba cortada rente, deixando apenas costelletas, duas mulheres e crianças, eis os que a tripolavão. Ainda vinhão á distancia e gritavão já: *Altona! Altona! tabac, tabac! galleta!*

Estiverão atracados á escada do portaló e dando pelles, pontas de veado e armas: arcos, flechas, lanças, punhaes de osso, etc., tudo bem trabalhado em troca de cigarros, fumo, bolachas, roupa, etc. Um delles trazia á cabeça um boné, dado provavelmente por algum passageiro do paquete ou outro navio qualquer, pois elles sempre vão ter a bordo.

Esses indigenas do estreito, por isso que estão acostumados a tratar com os navios que passão, já estão muito ladinos, já vão perdendo essa confiança propria da simplicidade primitiva, e já fazem ás vezes difficuldade em entregar as pelles sem ver o objecto com que trocão.

Porque ha de a civilisação destruir tanta cousa boa?!...

Na manhã seguinte, dia 18, ás 6 horas, deixámos o porto de S. Nicoláo. A's 7 1|2 estavamos NS. com o cabo Froward, o ponto mais meridional das terras da Patagonia, e onde o estreito, que até ahi tem descido para o sul,

começa a inclinar-se para o norte. E' ahi que fica o cotovello desse braço do mar. As montanhas das margens, ou antes as margens têm alli uma elevação de 2,500 pés e são cobertas de neve.

E' lindo o panorama que se desenrola á vista desde esse lugar até Puerto Gallante, onde fundeámos nesse dia. Aqui, alli, e além, a neve a branquear o cimo dos montes, que simulão por vezes paredões de granito, cortados direitos como altos barrancos de um rio. Pelas quebradas dos montes ou sobre a rocha correm ou deslisão-se jorros de crystalina agua.

A's 2 horas e tanto fundeámos em Puerto Gallante. O tempo estava muito encoberto e o outro porto conveniente estava muito longe para podermos alcançal-o com claridade; tivemos portanto de nos resignarmos a perder essa tarde.

Como proximo, beirando a enseada, havia montes cobertos de neve, alguns officiaes fomos dar um passeio e procurar subir o monte até tocar a neve. Uma pequena ilha estreita e comprida separava-nos das praias da enseada de Puerto Gallante: o seu extremo direito fórma o limite esquerdo da entrada do Puerto, pois que não é propriamente ao lugar em que tinhamos fundeado, já bastante abrigado, que cabe o nome de Puerto Gallante, mas sim a uma linda enseada, que fica por detrás da ilha mencionada. Realmente bem merece o nome de Gallante, que tem, porque é muito bonita a enseada. Corrêmol-a, em toda sua extensão, em escaler.

Voltámos da montanha sem ter visto neve alguma, porque tinhamos tomado um caminho muito comprido,

O extremo Oeste de Puerto Gallante é limitado por uma vargem ou valle de arvoredo copado, onde serpeia um rio que desce das montanhas em cachoeira ou salto, pois ouviamos distinctamente o ruido da quéda d'agua. Já que não tinhamos chegado á neve, quizemos vêr a cachoeira, e com esse fito puzemo-nos a subir o rio no escaler, por entre margens razas, cobertas de basto arvoredo, sob cujos ramos vogavamos. Foi um passeio pittoresco e que muito divertio-nos. O rio corria mansamente; subimol-o em grande extensão; mas por fim, de tal modo se encruzavão os galhos das arvores deitando-se sobre a corrente que renunciámos vêr a cascata e regressámos ao clamor de hurrahs e vivas que infantilmente davão os companheiros quando traspunhamos qualquer obstaculo, uma curva do rio ou uma arcada de galhos.

Ao chegar a bordo encontrámos uma piroga atracada á escada do portaló. Quando subi á tolda lá encontrei o indigena vestido de calça branca e um paletó preto, em que o tinhão encadernado.

Estava muito satisfeito com a roupa e com um chapéo de papel que lhe tinhão posto á cabeça. Quando chegou a bordo trazia sobre os hombros uma calça de casimira de côr, que tinha achado mais commodo usar assim do que

calçada. Deu-se-lhe comida, tirada do nosso jantar, que elle saboreou como creio não ha de saborear a sua carne assada ao espeto, sem grande preparo.

Ha algum tempo, contou-me o pratico, via-se em um monte proximo um marco ahi collocado por Magalhães, onde o audaz navegador tinha encerrado papeis, cujo assumpto ignoro. Não sei quem foi o vandalo que dalli arrancou o glorioso commemorativo. Nada desculpa a sua destruição; porque se era a acquisição dos papeis que encerrava que a motivou, acquisição justificavel no interesse da historia, bem se podia têl-a effectuado, deixando alli o singelo e eloquente monumento. E' a veneração da posteridade o galardão desses homens que sacrificão-se á gloria de serem benemeritos da humanidade; tudo que se tire do que guarda-lhes a memoria, tudo que se destrua do que lembra seus feitos grandiosos e que os recommenda á veneração dos posteros póde bem não ser um crime, mas, certamente, é uma profanação.

E assim se apagão as letras da epopéa nautica! O navegante passa hoje por essas paragens sem ver um só vestigio de quem foi o primeiro a passar por ahi. Só em mente vê elle pairar sobre essas regiões o nome do celebre Portuguez. Os indios, os selvagens havião ter visto o singelo marco, comprehendido que intenção o tinha alli erigido, e respeitárão-o; veio o polido europeu e derrubou-o!...

E bem tinha feito o descobridor em deixar em Puerto Gallante o vestigio da sua passagem, que é elle o mais lindo das numerosas enseadas que o estreito contém.

No dia 19 andámos de Puerto Gallante até a enseada Tamar. Fizemos uma linda e longa jornada. O estreito desde pouco adiante de Puerto Gallante, desde a ilha de Carlos III, até a Punta de Havannah, espaço de perto de cincoenta milhas, tem uma largura constante de umas duas ou tres milhas. Caminha-se, portanto, com as margens muito proximas, margens altas, de montanhas dispostas ás vezes como barranco, ás vezes mamelonadas como terras sublevadas por convulsões vulcanicas que lhe agitassem o seio. Por toda a parte a neve cobrindo a cumiada dos montes; geleiras, ora alvas, ora azuladas, occupando as depressões das montanhas, a simular cascatas espumantes ou grandes cachoeiras a descer-lhes pelas gargantas. Soberto espectaculo! « Nunca vi cousa tão bonita », exclamou um official no seu enlevo —« nunca vi! »

E' realmente bella, a mais bella porção do estreito essa que percorriamos. A nós, que pela maior parte, se não todos, era a primeira vez que viamos montes cobertos de neves eternas, á belleza do quadro juntava-se o attractivo da novidade. Nessa porção do estreito é a neve muito abundante. « E' tanta, dizia um companheiro, que só com o vêl-a sente-se frio. »

E' ahi tambem onde as montanhas são mais elevadas e a vegetação mais rica. As cascatas multiplicão-se: são pequenas, em geral pobres mesmo, mas

mpre concorrem muito á belleza da paisagem. Cabe-lhes mesmo melhor o ɔme de corregos. Ja viamos o Pacifico.

Em Punta Havanna alarga-se de novo o estreito: ahi fica ao lado da ilha e Sant'Anna a entrada do golfo de Xaultegua, cujos limites, as montanhas ue lhe estão ao fundo, azulavão ao longe.

Dahi empobrece tambem a vegetação. Vê-se montes acinzentados, mameɔnados, nús como se tivessem sido calcinados.

A's 6 1|2 horas demos fundo proximo do cabo Thamar, na enseada do nesmo nome.

A's 7 horas da manhã seguinte singrámos em direcção ao cabo Pillar, na ɔca oéste do estreito. Passando a ilha Thamar tem-se á direita a entrada do anal de Smith, que caminha por detrás das ilhas da costa do Pacifico e leva é o golfo das Penhas, distante uns seis gráos apenas de Valparaiso. E' boa abrigada essa passagem, mas o bom tempo ajudando, é mais breve a pasɣem pelo mar, pois que pelo canal perdem-se as noites. Tem-se além disso andar só a vapor, pois que o canal é mais estreito ainda que o estreito de galhães. Prefere-se passar por elle quando o barometro está baixo e o po máo, porque é perfeitamente abrigado; mas nós tinhamos o baroɛtro alto, o tempo nublado, como é de costume no estreito, e o vento sul, r isso o Sr. commandante preferio ir pelo mar.

Continuámos, pois, a caminhar para o Pacifico. A's onze horas e tanto ssavamos por Westminster-Hall, ilha que tem uma configuração semelhante o conhecido edificio de Londres. Ao meio-dia, passavamos pelo cabo Pillar ntravamos no Oceano Pacifico.

Pelas quatro horas da tarde passavamos pelas Evangelistas, quatro otas que alli erguem-se. D'ahi a pouco parámos a machina e eis-nos, vento ɔôpa, sulcando as aguas do Grande Oceano, o mar do Sul de Balbôa, o cífico de Magalhães.

Andámos com terra á vista até á noite. Erão altas montanhas, os primeis degráos da longa cordilheira que percorre quasi todo o comprimento da nerica.

Pela manhã do dia 22 o vento refrescou ao ponto de fazer-nos andar nas dez milhas por hora. O mar estava cavado: mas as vagas, como a cornteza, ajudavão o vento a beneficiar-nos. Mas esse estado favoravel não ıroü muito, o vento soprou pela prôa.

Ao amanhecer do dia 28 vimos terra na direcção de Valparaizo.

Desde que sahimos do Estreito, desse nebuloso lugar, tivemos tempo nasi sempre bonito. A temperatura subia com a latitude, e nós a tirar as ɔupas de frio. Mais tarde já sentiamos calor.

Como o nevoeiro era denso, só proximos pudemos ver distinctamente a rra; apparecião, entretanto, sobre a cerração os cimos altaneiros dos Andes,

e viamos então essa grandeza da America, essa cordilheira mais comprida do mundo. Alli é que habita o condor, a maior ave de rapina conhecida: ahi é que rugem os mais violentos e extensos volcões do mundo. Tudo que ha de mais grandemente sublime ahi está na America: os Andes, o Amazonas, o Niagara, o Pechincha!

A's dez horas e tanto avistámos o pharol, que fica á esquerda da entrada do porto. Ao meio-dia viamos a cidade, e d'ahi a uma hora davamos fundo.

Valparaizo, 30 de Março de 1876.

VI

EM VALPARAIZO

Foi no dia 28 de Março que chegámos ao porto de Valparaizo (Valle do Paraizo), a perola do Pacifico, como ouvi denominal-a ahi. Depois de tanto caminhar por paragens quasi ermas, chegámos, emfim, a uma boa cidade. Experimentavamos o prazer de entrar em um porto frequentado, onde viamos uma floresta de mastros de navios, floresta movel como a actividade, e que traduz a vida de uma localidade maritima em relação aos homens, como a floresta frondosa traduz a vida em relação á natureza.

O que vos direi de Valparaizo, leitor? Ainda tenho o coração abalado docemente pelos carinhos que nos dispensou esse povo amigo; ainda sinto-me commovido pela hospitalidade benevola que ahi tivemos e só me fallão á lembrança essas reuniões, jantares e saráos, para que todos os dias eramos convidados, e onde nos acolhião com trato summamente cortez e obsequiador, tudo unicamente porque somos officiaes da armada de um paiz a quem todos aqui tributão muita sympathia.

Patriota como sois, leitor, ha de em vós repercutir tudo que experimentamos neste pedaço do Brazil que aqui fluctua ao longo das praias estrangeiras. Deverá encher-se-vos de satisfação e agradecimento o coração, ao vêr essa pequena fracção da grande familia brazileira ser aqui acolhida e carinhosamente festejada, do mesmo modo que vos encherieis de colera por qualquer affronta que lhe fizessem. Ouvireis de certo com gratidão que todos os membros da melhor sociedade de Valparaizo parecião porfiar em acolher-nos, a nós que traziamos nos nossos uniformes as armas da nação brazileira e no penol da carangueija da corveta o pavilhão auri-verde.

Aos Chilenos diremos d'aqui de sobre as vagas, já longe de suas formosas praias, que não semeiárão em terra esteril. Como o solo de nossa terra, é

fertil o nosso coração; como a natureza é prodiga e generosa, assim tambem elle é. Verde e viçosa, recta e altaneira, limpa e rija como a palmeira de nossa terra, brota e cresce em nossa alma a gratidão.

. . . . . .

Valparaizo é um bom porto, tem a fórma de ferradura e olha para o norte por uma larga entrada. Na estação quente dá elle bom abrigo porque os ventos soprão então geralmente do sul e as terras que o margeião são altas, montanhosas. No inverno, porém, como são mais frequentes os ventos do norte, contra que não offerece o porto paradeiro algum, não dá bom abrigo, de tal modo que sahem daqui os navios de guerra estrangeiros e alguns nacionaes para estacionar em Coquimbo, onde ficão bem resguardados.

A cidade está edificada sobre uma faixa de terreno plano, de aterro, á borda da bahia, e sóbe pela vertente da serrania, coroando as collinas mais baixas com alegres habitações. O seu aspecto de porto não é muito gracioso, mas vistoso, porque ella se patenteia toda logo á primeira vista. E' um tanto arida; as terras montanhosas sobre que está assente são pouco vestidas de vegetação e vê-se a côr do terreno, que uma verdura falhada mal encobre. Concorrem para a aridez do seu aspecto os tectos de zinco acinzentado que pela maior parte têm as casas.

Valparaizo tem umas oitenta mil almas. E' já uma boa cidade. Essencialmente commercial, ella é o porto de Santiago, capital da republica.

Logo ao entrar percebe-se quanta actividade ha nesse porto, um dos principaes da America do Sul no Pacifico, o emporio maritimo do Chile. Vê-se tambem por elle quanto é prospera a republica que comporta um porto de tal actividade: ahi achámos grande numero de paquetes em carga e descarga, uma multidão de navios mercantes de grande calado e navios de guerra inglezes, americanos, francezes e nacionaes.

Pouco depois de chegarmos, salvámos á bandeira chilena; respondeu-nos um forte. Do mesmo modo comprimentámos e fomos correspondidos quanto aos navios estrangeiros.

Dentro em pouco vinha a bordo o nosso consul o Sr. João Antonio Rodrigues Martins, acompanhado do Sr. Augustin Viollier, que muitos leitores devem conhecer.

Logo apparecêrão tambem alguns dos guardas-marinha que aqui se achavão havia 22 dias, todos enlevados pelo acolhimento que tinhão encontrado. Os commandantes dos navios de guerra estrangeiros vierão visitar o nosso commandante, e guardas-marinha chilenos vierão tambem visitar os do nosso bordo.

A' tarde saltava eu em terra, onde já se achavão alguns officiaes que

tinhão ido mais cedo; desembarcava em um excellente caes em frente á Bolsa, pela qual se passa para entrar na cidade.

Valparaizo tem uma planta irregular, como é facil prever, attendendo ás condições da localidade. A sua architectura é elegante, no estylo da das demais cidades das republicas de origem hespanhola na America.

Tem ruas bonitas, muito asseiadas, mal calçadas na verdade, com essas pedrinhas arredondadas que martyrisão os pés de quem não está a ellas acostumado, a não ser que use de um forte calçado. Algumas, entre as quaes está a da Planchada, são realmente bellas. As casas têm em geral as côres que têm as de Montevidéo e são de proporções grandiosas, apalaçadas. Ha lindos palacetes de bom gosto e imponente aspecto, de architectura variada. Entre elles sobresahe o do banqueiro Edwards na praça da Victoria, elegante e faceiro edificio, talvez o mais bello de Valparaizo, e que occupa um lado todo da praça.

Nada falta ahi de uma cidade importante. Bellos e vastos armazens, em cujas vidraças ostentão-se os productos da industria da culta Europa e da prospera America. Bonds commodos e baratos, carros de praça, em geral bastante usados, mas muito baratos. Os bonds percorrem a cidade de um extremo a outro. A avenida das Delicias, onde parão, dentro em pouco ha de ser uma soberba rua e um agradavel passeio.

No dia 29 fiquei a bordo. Já nesse dia tivemos a visita de uma familia chilena que vinha ver o navio; a tarde passei-a eu na tolda a respirar o ar livre e fresco, a ouvir tocar as bandas de musica dos navios de guerra, que estavão bastante proximos de nós para que podessemos ouvil-as distinctamente. De um encouraçado chileno, de uma fragata americana e de uma ingleza, de todos partião trechos alegres das conhecidas operetas de Lecocq, ou sentimentaes das operas italianas.

Só a *Vital* estava muda. Fiquei então bem triste, vendo que nesta viagem, que é tão longa e de largas travessias, tinhamos sido desherdados da banda de musica que sempre têm os navios em viagem de instrucção.

E quanta falta faz ella á bordo! Uma vez ouvi do meu camarote um imperial marinheiro que estava na praça d'armas dizer a um companheiro, a mirar uma caixa de musica que tocava melancolicamente sobre uma mesa: «Eis-ahi a banda de musica do corpo de imperiaes marinheiros, que a corveta *Vital de Oliveira* trouxe em viagem.»

No dia 30 veio á bordo o nosso ministro o Sr. conselheiro José Duarte Ponte Ribeiro.

No dia 1º de Abril o Sr. consul deu em sua casa um jantar á officialidade da corveta, e como somos muitos forão dous officiaes represental-a e o Sr. commandante e o Sr. immediato.

Foi um mimoso jantar de quatorze talheres, a que assistirão as pessoas

mais gradas de Valparaizo, e as suas primeiras autoridades. Trocárão-se varios brindes ás nações alli representadas e a seus respectivos chefes.

Pouco depois de jantar chegárão os convidados para a *tertulia* com que ainda nos festejava o Sr. consul; e foi essa a primeira vez que estive em uma reunião da sociedade chilena.

Amavel gente essa; e á affabilidade de seu trato une a graciosidade de maneiras dos povos de origem hespanhola.

— Senhorita, dá-me a honra de bailar commigo esta quadrilha?

— Como no, caballero.

Como no... eis-ahi a expressão favorita e cuja frequencia de emprego não acha correspondente no nosso idioma. Tornou-se ella em breve tambem a expressão predilecta dos officiaes e guardas-marinha que a tudo respondião, imitando a entoação com que os do paiz e sobretudo as senhoritas o pronunciáo — *Como no!*

Outra particularidade de linguagem que sorprende o estrangeiro é a applicação frequente que fazem do *no*. Qualquer narração que fação tem no fim das phrases um invariavel *no* ?, como uma pergunta á comprehensão ou confirmação do ouvinte. Por exemplo: Valparaiso és una ciudad commercial, no? No tiene muchas diversiones, no? pero, etc...

Gracioso, digo eu agora em portuguez e castelhano a um tempo:

Por suppuesto.

Nós já eramos conhecidos da sociedade de Valparaizo pelos guardas-marinha que ahi se achavão quando chegámos; todos tratavão-nos como a antigos conhecidos. Já algumas senhoritas tocavão ao piano uma polka que por varias vezes tinhão ouvido um guarda-marinha nosso tocar — *As diabruras do Souto.*

Passámos uma agradavel *soirée* em casa do nosso consul; é muito grata a recordação que della conservamos.

No dia 2 recebêmos a visita do Sr. intendente de Valparaizo, a primeira dignidade da cidade; o Sr. Echaurren veio acompanhado do seu estado-maior em segundo uniforme. Fizerão-lhe as honras do estylo.

O Sr. Echaurren é um cavalheiro distincto. Dispensa muita sympathia aos Brazileiros e por sua recommendação, consta-me, é que em Punta Arenas tivemos uma recepção official muito obsequiosa.

Na sua physionomia, calma, grave e intelligente, reconhece-se o integro magistrado. Entre muitos Chilenos que eu recommendaria á sympathia e consideração dos meus compatriotas está esse respeitavel cavalheiro na primeira plana. Servidor dedicado de sua patria, severo e bondoso, procurando todos os meios de fazer prosperar a importante cidade, cuja administração lhe foi confiada, elle bem merece dos seus compatriotas, como merece o respeito do mundo civilisado, pelo seu talento e virtudes.

O Sr. Echaurren, que goza de uma boa fortuna, cede os seus honorarios em beneficio de alguns estabelecimentos ou instituições da cidade que administra; serve seu paiz unicamente pelo amor que tem á sua prosperidade e pelo bem que elle tem consciencia ser capaz de proporcionar-lhe. E' facil comprehender o quanto ha de abnegação, de amor patrio, em uma pessoa que deixa todas as commodidades da vida tranquilla do cidadão respeitado para entregar-se á ardua e espinhosa tarefa da administração sem movel algum á não ser, e quando muito, a legitima gloria de ser util á terra em que vio a luz.

Nesse dia fomos a convite do intendente jantar em sua residencia, o palacete da intendencia. Eramos o Sr. commandante, o Sr. immediato e uma commissão de officiaes que ia representar a officialidade da corveta, commissão composta de um 1º tenente, um guarda-marinha, o capellão e um medico. Fomos em companhia do nosso ministro o Sr. Conselheiro Ponte Ribeiro, e lá encontrámos o nosso consul e sua Exma. senhora.

Estavão alli reunidas as primeiras autoridades civis e militares da cidade, e em maior numero as de marinha.

A mesa, perfeitamente servida, tinha em cada extremo uma *pièce montée* em que se achavão as bandeiras brazileira e chilena. Os convivas erão em numero de trinta a quarenta.

Imagine-se qual foi a minha sorpreza, quanto commovido fiquei, quando ao principiarmos o jantar ouvi executar em uma peça interior do edificio o nosso hymno nacional!

Imagine quanto fiquei enlevado a escutar aquellas notas cheias de gravidade, que não é dado a um Brazileiro ouvir sem commoção. Havia já tanto tempo que não ouvia o bello canto nacional que pareceu-me um adeus paternal e saudoso da patria distante. Não, não se póde ouvir indifferente em paiz longinquo o hymno que nos retumba ao ouvido desde a mais tenra infancia e com que tanto se habituárão os nossos ouvidos, como os nossos olhos com o verde-negro de nossas florestas, com as copas folhudas das mangueiras seculares, com as esbeltas palmeiras da nossa terra. Ouvil-o assim de sorpreza produzio o mesmo effeito que se tivessemos visto ante nós essa secção da serra dos Orgãos, que azula no fundo da bahia do Rio de Janeiro. Estamos tão habituados com elle, e desde tão cedo o ouvimos, que parece-nos que não é feitura dos homens, mas parte da natureza da nossa terra, cuja opulencia partilha: é como sua voz, sua modulação.

Distrahido com a minha impressão eu não tinha sabido disfarçal-a; estava comendo, mas calado, ainda com o pensamento entregue ao devaneio em que me lançára o hymno brazileiro. Ao meu vizinho, o commandante de um encouraçado chileno, não passou desapercebida a distração, pouco demorada como foi, nem tão pouco o motivo.

Voltou-se para mim e perguntou-me se conhecia a peça que se tocava. Supponz gracejo e fitei-o a indagar da sinceridade da pergunta; o commandante não conhecia a musica. Era a primeira vez que na cidade de Valparaizo e talvez em territorio chileno uma banda marcial tocava o hymno brazileiro. Tinha o Sr. intendente Echaurren feito a banda aprendel-o expressamente, ou guardado a sua execução para esse dia. Seja como fôr, o que é certo é que bem escolheu elle; sorpreza maior e mais grata não podia ter-nos preparado; ella dá idêa do quanto não se esqueceu o Sr. intendente do que podia ser-nos agradavel, do quanto foi delicada a sua cortezia para comnosco.

Correu magnificamente o banquete ao som de boa musica. O Sr. intendente deu principio aos brindes saudando a marinha brazileira. O nosso commandante brindou á marinha chilena e ao presidente do Chile. Seguirão-se muitos brindes trocados entre as pessoas presentes, e encerrou-se a festa com o brinde ao Imperador do Brazil, erguido pelo Sr. intendente Echaurren.

D'ahi a pouco, pelas 9 ½ horas, eu sahia com o immediato em companhia da um official superior da marinha chilena que nos convidára a ir até sua casa, onde apresentou-nos á sua Exma. senhora, deixando os demais companheiros na Intendencia.

Foi, pois, a primeira autoridade de Valparizo, o primeiro Chileno a assim obsequiar a officialidade do navio brazileiro; ha de o Brazil sentir com este punhado de filhos a gratidão que merecem as attenções e sympathias do Sr. Echaurren.

D'ahi em diante tivemos sempre convites para jantares e tertulias. Só fallarei daquelles que erão dados á officialidade em geral e a que ia uma commissão representar, como tendo feição mais official, mais precisamente dados em attenção á nação do que ao individuo.

O Sr. Thomaz Ramos, um dos homens mais abastados de Valparaizo, deu-nos no lindo palacete em que habita um lauto banquete em que reunio selecta sociedade. Ahi se trocárão varios brindes entre as duas nações e entre as pessoas presentes. Mais tarde crescido numero de damas e cavalheiros vierão tomar parte na tertulia, uma das mais agradaveis a que tivemos o prazer de assistir em Valparaizo.

Foi essa uma noite bem aprazivel; todos guardamos muito gratas recordações della. A familia Ramos, do mais fino trato, nada esqueceu em sua extrema obsequiosidade para proporcionar-nos uma noite agradavel.

Mas tarde o Sr. Agostinho Viollier, digno genro do muito conhecido e estimado exportador do Rio de Janeiro, o Sr. E. Romaguera, deu tambem um jantar á officialidade da corveta.

Brazileiro de coração, o Sr. Viollier e sua Exma. senhora, que é filha do Rio de Janeiro, são ahi bastante conhecidos para dispensar-me o leitor relatar-lhe o acolhimento franco e fraternal que nos prodigalisárão. Póde-se bem

fazer idéa disso; o que se póde esperar de bons compatriotas nós encontrámos no seu trato, sempre de uma obsequiosidade cordial, de uma affabilidade franca a nos penhorar o reconhecimento.

Contar-vos a nossa vida em Valparaizo é fazer uma enumeração de reuniões, de jantares, tertulias e visitas, em que constantemente nos achavamos sempre bem acolhidos. Todos os officiaes de folga descião á terra e distribuião se pelas casas conhecidas que mais lhes comprazião. Por outro lado, a bordo, tinhamos sempre familias chilenas que vinhão ver o navio, officiaes de navios estrangeiros, cavalheiros filhos do paiz. Aos domingos vinhão muitas familias ouvir missa a bordo, aqui almoçavão e depois bailavamos em improvisada *matinée* dansante.

Não nos deixárão ter um momento de tedio os Chilenos de Valparaizo. Não podemos ter melhor recepção nos lugares que ainda temos de visitar, mas se ainda tivermos a felicidade de encontrar em alguns delles um acolhimento semelhante, deve por certo considerar-se feliz o Brazil em ver-se assim tratado com tanta sympathia nas pessoas dos seus officiaes nas plagas do Pacifico.

Valparaizo tem um clima ameno e goza das vantagens dos climas maritimos. Já não acontece o mesmo a Santiago que, no interior das terras e proximo á cordilheira, tem as estações muito mais pronunciadas; o inverno é lá bastante frio e o verão abrazador. Tivemos a bordo o thermometro quasi sempre entre 15° e 18° centigrados; o tempo quasi sempre lindo e calmo.

Não era festiva a quadra; estavamos em quaresma; nos theatros representavão-se peças religiosas, as sociedades de bailes tinhão-se retrahido. Se ahi tocarmos na volta, em Setembro, teremos occasião de vêl-a então em toda a sua animação, porque é essa a época em que vêm de Santiago muitas familias á procura da suavidade do verão de Valparaizo e dos banhos de mar, e porque é essa tambem a época dos festejos commemorativos da independencia do Chile.

Dou conta ao leitor agora das visitas ou passeios que fiz aos lugares e estabelecimentos principaes.

Um dia, eu e tres companheiros, chegámos á praça da Intendencia, tomámos um carro para subirmos ao Pantheon, que está situado no cimo de um serro. Fomos muito bem até o principio da ladeira que lá conduz; ahi passava por nós uma carroça puxada por dous cavallos, um dos quaes era montado pelo conductor.

A convite do nosso cocheiro, o conductor desligou o cavallo da carroça e veio prendel-o ao extremo do varal do nosso carro a ajudar os dous rocinantes que por si sós, previa-se facilmente ao seu aspecto, não davão conta do recado. Começámos então a subida ao som das incitações dos cocheiros, ao estalido dos chicotes; mas o cavallo que se tinha ajuntado era, ainda

mais do que os que tinhamos antes, proprio para descer ladeiras do que para subil-as, e eis-nos a parar frequentemente, ás vezes a descahir com o carro, etc., etc., de tal modo que, aborrecido, emfim, com tanta massada e com o espectaculo pouco imponente que dava o nosso trem, dei ao demo o cocheiro e animalia, todos embrulhados na mesma phrase, e apeei-me, deixando os companheiros no carro e segui a pé.

Quando eu já estava quasi á porta do cemiterio, vinha o carro á desfilada. Não sei se á custa de muita pancada os bucephalos tinhão creado ardor; aproveitei-o, tornei a entrar no carro que sem mais novidade levou-nos ao alto do serro.

Custára-nos a ascensão como se tivessemos emprehendido ir sobre rodas ver o Pechincha ou o Chimborazo.

Se algum dia, leitor, emprehenderdes visitar o cemiterio de Valparaizo, ide a pé; cansais-vos muito menos e poupais-vos de uma massada extraordinaria.

O cemiterio está dividido em dous: de um lado, na porção do serro que olha para o mar, está o cemiterio catholico; do outro o protestante. Vale a pena visital-os. O cemiterio catholico tem uma bonitinha capella e delicados monumentos, entre os quaes sobresahe o mausoléo do corpo de bombeiros, que é sobremontado de uma figura de tamanho, talvez natural, representando um bombeiro no acto de dirigir o tubo de esguicho de uma bomba de incendio. Nos cantos estão representados os utensilios do seu mister.

A proposito de bombeiros, dir-vos-hei, que essa corporação em Valparaizo é creação do povo. Os jovens das familias mais distinctas de Valparaizo fazem parte della, e affirmárão-me que está organizada com toda a ordem, de maneira a preencher convenientemente o fim para que foi creada.

Do cemiterio passemos ás igrejas. Não são em grande numero, e, não sendo más, nada têm de extraordinario.

Ha uma entretanto, a dos Sagrados Corações, ou dos Padres Francezes, como cuvi chamal-a, que é muito bonita, de uma elegante e faceira architectura e muito bem disposta e arranjada interiormente.

Na quinta-feira Santa fui tambem visitar algumas igrejas; infelizmente fui já tarde, perto das 10 horas, e não achei mais a concurrencia que, disserão-me, costuma haver nessa ceremonia religiosa. Encontrei entretanto bastante gente para poder apreciar o acatamento que ahi ha e ver essa generalidade do uso do manto com o qual todas as senhoras vão a essa ceremonia, e com que cobrem a cabeça e o collo.

Não vi os theatros, mas pelo que me consta não têm muito que notar-se. E' em Santiago que está o primeiro theatro da America do Sul, o theatro municipal, que além da grandeza e disposição conveniente, está adornado com um luxo excepcional.

Em Santiago ha muito que ver, mas nada quero vos dizer do que sei somente por informações, quando nutro a esperança de poder ainda, na volta, visitar, rapidamente que seja, a bella capital chilena, que no dizer dos filhos do paiz é a perola dos Andes, como Valparaizo é a perola do Pacifico.

Vi um hospital, o maior de Valparaizo, o Hospital Geral de Caridade. Está ainda em construcção, mas em breve deve estar concluido. Magnificamente collocado, construido conforme os preceitos da hygiene, virá a ser um dos principaes estabelecimentos da cidade.

Actualmente contém uns quinhentos enfermos, média do seu movimento.

Apezar da amenidade do clima, Valparaizo tem uma mortalidade grande. Os ventos frios que descem das cordilheiras causão muito damno. E' preciso a gente acautelar-se que as pneumonias e rheumatismos assaltão um mortal com a maior facilidade.

Ah! que saudades já tenho das habaneras graciosas, ou sentidas como as cantigas de nossos sertões! Não as ouvi aqui com tanta frequencia como no Rio da Prata; mas a sorte da habanera ha de ser a das nossas modinhas; a musica classica, como tudo que ha de mais arte no mundo, vai afugentando essa musica simples e melodiosa que caracterisa a cada nação.

Poucos passeios bonitos ha em Valparaizo e seus arredores, e esses poucos mesmo não têm a belleza que lhes querem dar. Fui a um delles, á Laguna, pequeno e faceiro porto do Oceano, passeio em que gastei quatro horas em ir e voltar á cavallo. E' um passeio sobre montanhas. Rara é a vegetação, mas a terra é dura, o caminho bom. De alguns pontos o panorama é muito bonito; avista-se a cordilheira em toda a sua altura e seus pincaros cobertos de neve ou a atoufarem-se nas nuvens, o que não se vê de Valparaizo, donde pouco se lhes descortina.

Era um dia de descanso e recolhimento (Sexta-feira Santa) e por isso encontravamos muita gente a pé e a cavallo, que se dirigia a passar o dia no campo, ou que vinha para a cidade, assistir ás ceremonias religiosas. Entre os cavalleiros e amazonas encontrámos duas jovens e bonitas senhoritas, bellas amazonas montando bonitos e fogosos cavallos, e que ião sem companhia de cavalleiro, sós.

Quando, tendo ellas passado por mim, eu voltei a face a seguil-as com a vista, vi-as que se atiravão em rapida carreira no meio de uma nuvem de poeira. Eu comecei logo a scismar na differença de costumes para com os de nossa terra, e lembrei-me com pezar que dos paizes ou raças que tenho observado são os Brazileiros os que têm costumes mais reservados. Essa liberdade é mais innocente, mais respeitavel e mais util.

Passámos pela *Quebrada verde*, onde ha algumas casas no meio de uma vegetação cultivada, que contrasta faceiramente com a aridez da paisagem

de derredor. Filas de esguios chonpos fazem o papel de cercado para esses retiros, bastante estimados como lugares de pique-niquer.

Como em nossa terra, usa-se aqui tambem desses carros puxados por bois, cobertos de um toldo de brim ou palha, em que na roça transportão-se familias a esses agradaveis passeios campestres. E' perfeitamente a mesma cousa, e a ouvir dentro o riso das crianças assentadas sobre a esteira que forra a carreta, eu transportei-me para o tempo em que o mesmo me acontecia e de que tenho muitas saudades.

O que não é perfeitamente a mesma cousa é o costume dos guasos, ou gaúchos d'aqui, que, se trazem a pala sobre os hombros, o chapéo de palha ou de lebre, e o cigarro no canto na boca, trazem tambem uns estribos, que por si sós os tornarião distinctos de quanto guasco, gaúcho ou caipira eu tenho visto. Os taes estribos são umas enormes caçambas de madeira, se se póde comparal-os bem a sapatos ou caçambas, semi-lunares e de variado lavor.

Não tem elles esta fórma e natureza, tanto por conveniencia da equitação como para defeza em um celebre jogo chamado—pechada— luta de recreio selvagem em que dous cavalleiros fazem os cavallos investir um contra o outro aos encontrões. Vi eu junto á parede de uma casinha de campo uma travessa de madeira sobre postes, cuja serventia, segundo me informárão, é offerecer uma barreira para o exercicio dos cavallos em tal jogo.

Não pude ir a Vinha del Mar, o mais pittoresco lugar dos arredores de Valparaizo. Lá forão ter muitos companheiros a convite da esposa do Sr. D. Thomas Ramos, que lá tem uma linda quinta, onde elles achárão um lauto almoço, cavallos para passeio, etc., que a obsequiosidade do referido cavalheiro lhes proporcionára.

Vinha del Mar, á beira mar, é a estação de recreio de Valparaizo. As familias mais abastadas retirão-se para lá em certa época do anno a passar alguns mezes em uma sociedade mais conchegada no goso do aprazivel povoado, que nada menos é que uma reunião de faceiras quintas. Se algum dia eu fôr até lá mais alguma cousa vos direi; como creio que tocaremos ainda em Valparaizo quando voltarmos do norte, espero achar occasião de dar um salto de quinze minutos, que tanto tempo gasta o trem de ferro daqui até lá.

E os *temblores*?

Não assisti a um só. Entretanto por duas vezes, emquanto ahi estivemos, disserão-me de manhã que tinha havido um *temblor* pela noite. Afianço-lhe que não senti cousa nenhuma. Estava no bom somno de quem navega, a quem não interrompem quaesquer tremores. Tinha muita curiosidade de assistir a algum, comtanto que não fosse muito forte, pois se as casas têm, em grande numero, uma construcção já cautelosamente apropriada para

resistir ou soffrer menos com os tremores de terra, a maior parte não tem tal apropriação, nem eu queria fazer experiencias. São muito frequentes os *temblores*, mas poucas vezes causão desastres; são em geral de pouca duração, instantaneos mesmo.

Agora cousa triste, leitor. Deixámos sepultado no cemeterio de Valparaizo um companheiro de fadigas, o imperial marinheiro João Taborda Ribas. Tinhamos supportado a inclemencia do máo tempo em alta latitude; tinhamos atravessado as frias e desoladoras paragens do sul da America sem perder ninguem; não cahira um homem ao mar, nem de outro desastre foi alguem victima durante o máo tempo. Ninguem fallecêra nessas regiões de clima já alguma cousa rigoroso para filhos da zona torrida, e agora, que estavamos ao abrigo do porto, aquecidos por uma temperatura amena, que começavamos a ganhar um clima igual ao nosso, é que tivemos a dôr de deixar em terra estranha, longe das praias do paiz natal, o infeliz marinheiro.

Vamos deixar Valparaizo. Bem quizeramos ir a Coquimbo onde, consta, se nos prepara uma bella recepção: mas não é possivel, devemos ir quanto antes á California. Mas dou-vos parte que agora já temos mais um agradavel companheiro, de quem esperamos momentos amenos quando acaso nos quizer ganhar o tedio dos longos dias no alto mar: é um piano que comprámos em Valparaizo, e a cujo som bailavamos na tolda da corveta quando ainda nesse porto.

Antes de deixar esta terra, é preciso que enunciemos aqui com estima e gratidão dous nomes que representão os élos da sympathia que ha entre Chilenos e Brazileiros. São elles os dos conselheiros Lopez Netto e Aguiar de Andrade, que ahi estiverão na qualidade de ministros do Brazil. Quem fez conhecer alguma cousa do Brazil ao Chile, quem nos fazendo conhecidos elevou o Brazil no conceito dos Chilenos forão esses dous cavalheiros. Até ahi era pouco favoravel o juizo que do Brazil fazião os Chilenos; graças aos esforços desses estimaveis cavalheiros as cousas mudárão e sobre a sympathia que elles inspirão a todos com quem tratão consolidou-se a sympathia entre os dous paizes.

A par desses cavalheiros devemos nomear o nosso consul em Valparaizo, o Sr. Rodrigues Martins, que vemos com prazer quanto é sympathisado e estimado em Valparaizo. E é muito justa essa sympathia; o nosso estimavel compatriota bem a merece, como é credor da estima de nossos compatriotas pelo modo por que se conduz no desempenho de seu honroso cargo, em que serve com toda a dedicação do bom patriota.

Não lhe bate á porta um Brazileiro que elle não o receba com toda a hospitalidade, carinho e protecção, se de protecção carece. Sôa-lhe como de irmão o nome de patricio e a sua fibra patriotica estremece ao choque de tudo quanto se refere ao Brazil.

Emquanto ahi estivemos, no meio da sua atarefada occupação, a tudo providenciando com infatigavel actividade, sempre dava a nossa companhia parte do seu tempo desoccupado, dava-nos tertulias em sua casa, relacionando-nos com as familias chilenas.

Deve ser uma satisfação, uma felicidade para um paiz, o ter representando-o em paiz estrangeiro cidadãos de cujas qualidades são o melhor elogio a consideração, a estima e a amizade de que elles ahi são cercados.

VII

DE VALPARAIZO A ACAPULCO

No dia 20 de Abril, pelas 11 horas da manhã, deixámos o porto de Valparaizo.

Será preciso pintar a physionomia, a attitude da officialidade então, para que se possa fazer idéa do que é a partida de um porto para um navio de guerra, quando, em viagem longa, ahi fez escala demorada?

Deu-se o que quasi sempre se dá nessas occasiões; de todos os portos de onde sahe um navio ha successos a referir, aventuras a lembrar, juizo a emittir, mórmente quando o navio tem uma officialidade numerosa, como este, e quando deixa um porto amigo, onde teve bom acolhimento.

Parecia que era a manhã posterior a um comprido dia e extensa noite de folguedo. Imagine-se uma dessas noites festivas, em que nós ainda moços e amigos dos divertimentos, passámos em companhia de alegres camaradas e despertámos na manhã seguinte; é então a occasião de recapitular os incidentes da vespera, de descrever as scenas e os actores. Tudo se lembra então, mesmo daquillo que na occasião pareceria passar desapercebido; os ditos, as intrigas, os accidentes comicos ou graves, tudo é reavivado na memoria, tudo conta-se, commenta-se, analysa-se e retoca-se com o pensamento calmo então.

Pois era assim.

Nos muitos grupos em que se achava esparsa a officialidade, o thema da palestra erão os successos de nossa estada em Valparaizo. Os divertimentos a que assistimos, os usos e costumes, o typo do paiz e sobretudo do bello sexo, as aventuras, as pilherias, tudo era lembrado e commentado.

Para aquelle dia se transportava o que tinha occorrido durante os vinte dous que alli tinhamos passado. Os que vinhão *templados* ou apenas impressionados fallavão aos quatro ventos, ou segredavão, como sempre fizerão os *encamotados* ou *templados*, que de conformidade com o *similia similibus facilime congregantur* gostão muito de juntar-se para terem com quem fallar e nunca para ouvir.

E' facil imaginar tudo, leitor; é facil conceber o colorido e o calor que a inconstante e calorosa mocidade em tudo põe. Amanhã nada mais disso restará; a labareda extingue-se de prompto e as cinzas de palhas mais promptamente ainda se esfrião.

Como a distancia vai apagando as terras até que desappareção, assim se apaga o que vem á exaltação até que a razão calma fique vivendo a fantazia que se cala; e então, ao paiz afastado que se nos fugia á vista no horizonte, resta-nos em tributo: a gratidão que nos fugio tambem dos labios para aninhar-se no coração.

.....

Estamos a 7 de Maio, domingo.

Ha dezasete dias que deixámos o porto e aqui vamos ainda em pleno mar.

Bonita é a viagem que temos tido; sempre o vento á pôpa e manso o mar sobre que o navio deslisava quasi sem balanço. Tem sido realmente *pacifico* este oceano, mal a sua superficie se encrespa ao sopro do vento que nos impelle, e as suas mansas ondas antes embalão suavemente o navio do que o fazem jogar.

O tempo está e tem sido constantemente esplendido, com o esplendor que só tem esta zona em que navegamos, a intertropical; e o sol que brilha com todo o fulgor e aquece-nos com todo o calor de seus raios, faz-nos pensar na banda de além da America, onde o viamos do mesmo modo luminoso e o sentiamos do mesmo modo abrazador.

Já ha dias estamos na zona em que está a nossa terra. Não tendo nós a terra á vista, a fantazia, em vez de occupar-se com a costa proxima que ainda nos é desconhecida, [illegible] a America e ia correr as praias do Atlantico, beirando [illegible].

Quan[illegible] de latitude, não era o ponto da costa proxima com qu[illegible], com que se comprazia o scismar; era no Rio de Ja[illegible] tambem esta, que elle ia pairar travesso. Era a mes[illegible] geral que então nos impellia, a impressão que delle recebiamos a mesma que lá sentiamos, quando, demandando esse porto, começavamos a descortinar a Gavea.

Era a nossa Guanabára que a mente acariciava entrevendo-a através o ar enfumaçado dos dias de verão. Era mais tarde a Bahia, a cidade da montanha, como a chama a canção popular, mais tarde Recife, a Veneza do Brazil, depois S. Luiz, a Athenas brazileira, etc.

.....

E' a sorte de quem navega. Como miragem mental ha de o homem do mar sempre fitar as terras, as scenas que a nudez do horizonte uniforme que

tem diante de si lhe recusa. Em vão parece-lhe aos olhos que o mar toca o céo lá nos confins do horizonte; o seu pensamento caminha até encontrar a séde de suas preoccupações, ou os objectos de suas saudades.

E como não ser assim quando dias e dias, semanas e semanas, sua vista não alcança mais que o céo e a agua, nada mais que a vastidão e o ermo, ermo tão profundo que nelle não retumba o éco da sua propria voz..., que o alto mar tem tanta frieza e esterilidade; é tão só, que ahi perde-se sem céo a voz de quem ahi clama!

Horas ha além disso, em que não é só a monotonia insipida a sua feição; horas ha em que o seu aspecto infunde tristeza e melancolia. Quando á tarde amortece-se o fulgôr do sol e vai chegando a hora em que todos os animaes conchegão-se ao abrigo da habitação; quando chega a hora em que os homens em terra voltão fatigados do trabalho do dia para descançar no seio da doce e intima tranquillidade do lar; quando o crepusculo afoguêa e doura o céo e as nuvens; quando elle proprio, acudindo ao mesmo sentimento, pensa em procurar o descanço, é que desillude-se e sente quando está exilado no peregrinar sobre as vagas, e que se lhe aperta o coração com a lembrança de um ser perdido ou interrompido, ou a illusão de uma felicidade não gozada.

Ganha elle então o camarote silenciosamente, ou procura os meios de distrahir o seu pensamento, arrancal-o dessa impressão que o acabrunha.

« Mas o mar tem bellezas que encantão,
« Tem bellezas que o nauta namora.»

como diz a canção maritima.

Assim é bello ouvir desprender-se nesta solidão, ao clarão de esplendido luar que fórma comprida e larga esteira dourada sobre as aguas, ouvir o côro das vozes rudes dos marinheiros entoando a ladainha como aconteceu ainda hontem, sabbado. E' bello e muito para commover.

O mar estava manso e movia a corveta uma branda brisa á pôpa. Nenhum ruido vinha, pois, perturbar o silencio de derredor. Ajoelhados na tolda, inundados pelo luar, nós estavamos muito em condições de sentir toda a belleza que comporta qualquer acto da religião a bordo de um navio que paira em mar largo.

E' para notar-se, leitor, como avulta de grandeza, como se reveste de magestade qualquer acto sério a bordo; quanto a vastidão, o ermo, o silencio, incutem-lhe solemnidade. Seja de ordem profana ou religiosa, elle sempre reveste-se de uma gravidade que impõe, que faz-nos evitar a producção de qualquer ruido que perturbe a solemnidade do silencio; mas se é religioso, não é só o respeito ou o temor que inspira, mas enche-nos ainda de ternura, infiltra-nos tal melancolia e faz-nos nascer no coração tão bons e generosos

sentimentos, tão mansas e suaves tendencias, que do fundo d'alma volta-se os olhos para o céo, agradecido do influxo de paz e humilde satisfação que de lá parece vir.

E' tambem uma belleza o canto sentido que pela noite tepida e de almo luar solta o joven official ao som de queixoso violão como um éco da chorosa toada da sua terra.

E' bello ainda, é commovente, ver por exemplo o joven official ou o guarda-marinha distribuindo calices de vinho aos seus companheiros e pedindo-lhes que o acompanhem na saude a uma das pessoas que mais caras lhe são no mundo, e cujo anniversario esse dia é; pessoa que longe, lá na patria, deve á essa mesma hora, nesse mesmo momento talvez, estar a chorar a ausencia do filho, irmão ou esposo aqui distante.

.....

No dia 9 de Maio avistámos as desertas Gallapagos, ilhas-montanhas que surgem das aguas e vão topetar as nuvens que lhes circumdão os elevados cabeços. Ao anoitecer ouvimos troar uma peça de artilharia. Era a embaixada de Neptuno que chegava a bordo: vinha pedir ao commandante que marcasse a hora em que podia receber o rei das ondas e a sua comitiva, e ao mesmo tempo intimar aos que vinhão no navio para pagar a multa pela passagem da linha.

Logo após o ronco do canhão fez-se ouvir a voz de um guarda-marinha que dava as desencontradas vozes, com que simulava pretender fazer o navio atravessar.

« Pára a machina, » gritou elle á boca da escotilha respectiva.

« Que! pára a china o que!...

« Já o senhor está ahi com essas brincadeiras...» exclamou o velho 1º machinista, que se achava na tolda, e que ao ouvir essa voz quiz depressa descer para a machina com o fim de convencer ao machinista de quarto que aquella ordem não passava de gracejo.

Foi isso um motivo para boas rizadas.

Sobre a carreta da bomba de incendio vinha o enviado de Neptuno, com petentemente fardado, trazendo botas e cingindo uma espada velha de official, de longa cabelleira e longa barba de estôpa cacheadas, acompanhado de secretario, *ganté collé*, *cravaté*, *e frisé*, *frisé*, principalmente, pois a cabelleira que trazia, muito bem arranjada aliás, era de nitida lã de carneiro. Vinhão cercados de homens de lanternas, de um arauto que soprava a valer em um porta-voz. e um grupo de sujeitos que pretendião compôr uma orchestra com violões, pifaros, tambor, violas e tudo mais que podia emitir um som.

« Quem é o commandante deste navio? » preguntou o enviado. « Ven

da parte do rei Neptuno, senhor destes mares, saber quem ousa navegal-os sem pedir-lhe licença, e intimar a todos que este navio transporta que paguem o imposto de passagem da linha. Pagaráõ, pagaráõ, quando não para a tina da baldeação irão, disse elle servindo-se das palavras e tom sacramentaes.»

Teve a palavra o secretario, e eil-o a ler o discurso em que se encontra en cada linha uma allusão a cada official, a lembrança de uma má aventura, de uma comica infelicidade, que lhe tenha succedido, o que tudo provoca o riso.

Cumpre notar que esse discurso, como tudo mais que tem relação com os officiaes, é preparado occultamente por um official, e que só os officiaes podem perceber e comprehender as allusões.

O enviado pedio ao commandante que marcasse a hora em que podia no dia seguinte receber a visita de Neptuno e seu sequito, e retirou-se com as mesmas formalidades da vinda.

VIII

A FESTA A BORDO

No dia seguinte passámos a linha á 1 hora da tarde. Tinhamos á vista, por estibordo, uma das altas ilhas do grupo mencionado, e viamos, mais indistinctas, algumas outras ao longe.

Era a hora da festa do Equador, festa outr'ora universal como o mar, que hoje já vai cahindo em desuso, e que constitue o dia mais alegre nas tediosas calmás dessas regiões. Veio Neptuno, com o seu sequito, rei e côrte tão grotescos.

De tridente em punho (serve de tridente um harpão), de corôa de papel dourado na cabeça, com a vestimenta feita de bandeiras de signaes e outros pannos garatujados, grande cabelleira e barba de estopa, o Neptuno tinha um ar de magestade capaz de fazer curvarem-se reverentes os proprios Andes. Vinha sentado sobre a bomba de incendio, puxada por um novilho, cuja cabeça estava enfeitada com fitas de vivas côres, em redor ; tinha a graciosa Amphitrite e seus filhos e sequito, cujas vestimentas erão de variadas côres e do mesmo estofo que as do rei, ou de pelles de guanaco, etc., e a banda de musica tão correcta e harmoniosa como na vespera.

Mais dous ou tres *capetas*, cujo papel é recrutar os outros para o pagamento do imposto ou ir para a tina da baldeação e que vinhão caracterisados de demonios. Tal era o conjuncto da mascarada.

Chegando á escotilha da machina parou o prestito; o novilho recusava-se a ir adiante. Neptuno não teve remedio senão descer ahi mesmo; tambem elle já devia contar com isso quando em vez de vir puxado por cavallos ma-

rinhos, golphinhos, sardinhas ou tartarugas, seus subditos, foi-se pôr a reboque do muito terrestre ruminante.

Antes de apear, porém, quiz saber de que nação era o ousado navio que aventurava-se nos seus mares, e, sempre com sua stertorosa voz, intimou que todos pagassem o imposto de passagem da linha.

Teve então a palavra o secretario, o qual desenrolou uma extensa poesia que começou a lêr, passando depois a recitar de cór, o que deu occasião a ter de repetir o mesmo verso umas quatro ou cinco vezes, á espera que a memoria lhe viesse em auxilio. O que prova que mesmo os oradores e poetas da agua salgada embatucão tanto como os da agua doce, e que nem o secretario de Neptuno pôde contar muito com a infallibilidade da memorei. Entretanto não lhe faltava um ar decidido, um *imposant* que não casava mal com a sua casaca preta, os seus immensos collarinhos de papelão e a cartola de pello preto.

Terminado isso, Neptuno tomou lugar sobre um improvisado catavento, em redor do qual assentou Amphitrite e sua mimosa descendencia, e dahi começou a dirigir a manobra do navio, a cujo leme mandou postar-se o timoneiro da sua confiança.

Emquanto isso se passava, sentavão á mesa do jury o juiz, o secretario e o padre, todos na realidade muito bem caracterisados e de ademanes muito bem estudados. O juiz, embochechado em umas suissas brancas, armado de oculos escuros e em traje sério, e o padre em um comprido casacão-batina, que não sei onde foi buscar, e de livro na mão. Junto do padre ficava de pé o sachristão com a caldeirinha, que nada mais era que um balde, contendo cal, e uma broxa. Os *capetas* corrião pelo convez e subião pelos mastros com admiravel rapidez em busca dos fugitivos, que, não querendo ou não podendo pagar imposto, assim procuravão fugir do banho da tina da baldeação. Quando o sujeito era agarrado trazião-o ante o jury, que decidia da pena que deveria soffrer, caso não pagasse o imposto; e era engraçado ver-se que essa pena era quasi sempre pronunciada pelo padre, que, guardando sempre o seu ar de beatitude, ia se intromettendo nas attribuições do juiz que se achava muito preoccupado com a arrecadação do imposto recebido. Ora, quando o intimado não pagava o imposto, o padre salpicava-o de branco com uma broxada de cal, e ia recommendando aos *capetas* que o levassem á tina da baldeação.

Vejamos agora o instrumento do supplicio.

Junto ao portaló de bombordo estava uma grande tina com agua e em cima della uma pequena taboa onde se assentava o paciente, que para cumprir a pena tinha de soffrer uma operação preliminar que devia praticar o barbeiro que alli estava com todos os instrumentos necessarios: fazer a barba, cortar o cabello, arrancar um dente, ou frizar o bigode. Os instru-

mentos erão monumentaes, feitos de madeira, que alguns erão tenazes de trabalho. Assentava-se o paciente. O barbeiro ensaboava-lhe a cara como se tratasse da sua máca e sacava a navalha, ou escancarava-lhe a boca e introduzia a gigantesca tenaz para agarrar um dente, ou apertava-lhe e repuxava as barbas entre os ramos do instrumento de frizal-as.

Quando o paciente já estava meio esquecido do banho que o esperava, e cuidava assustado na operação por que ia passando, dous sujeitos vindo por detrás puxavão a taboa em que elle estava assentado, o barbeiro empurrava-o para dentro da tina, e um outro que estava no xadrez do portaló, de promptidão com um balde cheio d'agua, despejava-lh'o por cima da cabeça. Estava cumprida a pena imposta e livre o paciente. Seguia-se outro e depois outro, que ás vezes, apezar de ter pago, talvez por ser insignificante a contribuição, não deixava de ir tomar banho na tina da baldeação.

São realmente comicas estas peripecias, e é engraçado ver o temor ou resignação com que alguns mais ingenuos ou atrapalhados assentão-se na taboa e abrem a boca para dar ingresso ao formidavel boticão-tenaz, como se fossem soffrer na realidade a dolorosa extracção do seu melhor dente.

Era até para ter pena o ver como alguns, sobretudo os noviços, os calouros da linha, ficavão espantados, e ião esconder-se onde podião, subião aos galopes dos mastros, agarravão-se aos ataes ou escondião-se em alguma vela carregada.

Emquanto isto succedia com a guarnição, vejamos o que acontecia com os officiaes.

Neptuno do seu catavento dirigia sempre a manobra.

— Onde está a prôa? pergunta ao timoneiro.

— No rancho do Sr. commandante, respondia este.

— Ahi, vai bem com essa prôa.

E Amphitrite, e o sequito dos guardas lá fazião prôa á camara, empunhando uma pequena bandeja. D'ahi a pouco Neptuno, que consultava o tempo e o vento, dava vozes de manobra.

— Caça as escotas ao ventilador! Larga as velas ao pica peixe! Põe a retranca á prôa! E outras ordens e impossiveis que quanto mais extravagantes mais effeito traduzem.

Amphitrite estava de volta e podia buscar novo porto.

— Onde está a prôa? perguntava de novo o rei dos mares.

— No camarote do Sr. immediato.

— Sempre nesse canal.

Ao mesmo tempo gritava o arauto no porta-voz: «pagará, pagará, senão para a tina da baldeação irá.»

E assim com todos os officiaes. Em vez, porém, do timoneiro dizer que a prôa estava simplesmente no camarote de tal official, dizia que estava em

uma sua qualidade, em uma aventura que tinha tido. n'um accidente comico qualquer que tivesse occorrido em relação a elle, o que ás vezes o fazia encavacar, cousas ás vezes que o official suppunha ignoradas, ou quereria que fossem esquecidas. Gracejos inoffensivos, chistosos epigrammas que divertião os demais e até mesmo muitas vezes a propria pessoa a quem erão dirigidos.

Vão todos, pois, contribuindo com alguma cousa para a festa, e assim passamos uma, duas ou tres horas divertidos. De todas as peripecias da festa, porém, a mais engraçada, e com que se lhe deu fim, foi o banho que se deu no padre, que em vez de zangar-se e espalhar excommunhões, levantou-se pacificamente da tina, sempre de livro em punho, a distribuir brochadas para todos os lados, dando provas de uma grande resignação e boa idéa do clero neptunino.

Poucos momentos depois tudo tinha voltado ao curso ordinario; o extravagante carnaval sumira-se sem deixar vestigios, como um sonho....

Tanto fôra o tempo bonito e constantemente propicio até ahi, com a mesma constancia tinhamos agora o tempo nublado e a calma, phenomenos proprios da faixa equatorial.

D'ahi em diante o calor foi excessivo. As noites erão bonitas, e comprazíamo-nos em mirar aquellas constellações que ião surgindo no céo das novas regiões em que entravamos; dentro em pouco viamos a merencoria polar que sem descanso alli fita o hemispherio boreal.

O mar d'entre tropicos não é tão esteril como o de além. Tudo é vida na natureza aquecida pelo sol abrazador dessa região; assim roncava o trovão, scintillava o relampago, despenhava-se o aguaceiro; bandos de aves aquaticas de variadas especies acompanhavão o navio, e uma vez appareceu uma isolada que não conheço, de bico comprido e achatado, que seguio o navio durante muito tempo. Saltão sobre as ondas innumeras toninhas, apparecem sobre as aguas cardumes de voadores fugindo á perseguição dos dourados.

Estes approximão-se tanto do navio, que os vemos, graças á transparencia da agua, movendo as azuladas nadadeiras com que imprimem movimento ao corpo verde dourado. Encontrámos grande numero de tartarugas de todos os tamanhos, que quando o navio passava, ás vezes rastejando com ellas, alçavão a cabeça para fital-o como admiradas e nadavão em direcção a elle. Algumas forão arpoadas, e desse mesmo modo pescarão-se dourados e cações.

Quando a noite era sem luar e apenas scintillavão as estrellas no céo fazia gosto passar sobre alguma faixa de mar, que scintillava como o rasto do clarão da lua, espelhando-se em um mar arrufado. E' a phosphorescencia a illuminação das aguas. Ella não agrada muito; tem um não sei que de incommodo ou repugnante esse clarão que a agua despede no meio das trevas, clarão azulado como o dos fogos fatuos que sahem da terra nos cemiterios.

A's 3 horas da tarde do dia 25 de Maio entrámos em Acapulco, aos 16° de latitude norte. A barra é ampla; de um lado, á direita, estão terras montanhosas seguidas: primeiro a Ponta Marques, depois a enseada do mesmo nome, e emfim a Ponta Bruxa, onde se abre o porto; á esquerda a Ilha Rosquetta sobre que se ergue a torre de um pharol; depois a Ponta Gryfo, onde ha outro pharolete que só se accende quando se espera o paquete, e que faz frente á Ponta-Bruxa.

Ao entrar na barra nada se avista da cidade; vê-se apenas alvejar a praia norte da bahia, onde espumão as ondas, os densos coqueiraes que a beirão e que pela frequencia dos ventos de Oeste são um pouco inclinados para o lado opposto e a alta montanha que lhes fica por tras. Proximo á Ponta-Gryfo vão-se descobrindo á vista, á esquerda, primeiro o forte, depois um terreno liso e rú, plantado de arvores de larga cópa e que desce suavemente para a cidade, que pouco e pouco vai-se mostrando, sobresahindo entre as suas casas de côr escura, como que empociradas, a alva igreja que se eleva no ponto culminante da praça.

Eis-nos no porto. Na enseada de oeste que se subdivide em duas por uma ponta de terra que se avança para o mar, é que fica a cidade que tardava em mostrar se. Ella está situada na porção da enseada comprehendida entre a referida ponta e o forte; na outra porção mais ao sul ha apenas uns tres ou quatro barracões ou depositos, que creio pertencerem á companhia de paquetes, pois é nesse sacco que elles vão fundear.

Uma vez no porto, caminhámos para a esquerda em direcção á enseada, onde demos fundo ás 4 horas da tarde.

E' um excellente porto esse; diz-se mesmo que é um dos melhores do mundo.

Só pelo seu aspecto vimos que Acapulco não podia ser grande cousa. As terras vizinhas são montanhosas e de enfesada vegetação; parece que tudo está secco, calcinado pelo sol do equador. Os coqueiraes que de distancia em distancia estendem a sua verde e unida cópa e que nascem tambem entre as pequenas casas de um extremo da cidade, casas cobertas de palha, algumas sem revestimento de cal, de ripa e barro, tudo nos trazia á lembrança a cidade de Maceió, que apezar de revelar logo maior importancia apresenta na porção que se offerece á vista de quem chega em seu porto um aspecto bastante semelhante.

Era já para apostar que o povo havia ter ahi os mesmos costumes, a mesma indolencia, se não o mesmo typo.

Um paquete norte-americano, uma canhoneira mexicana, que içára o pavilhão de chefe quando entravamos, e uns dous ou tres palhabotes mais, eis o que havia no porto, e só por isso se póde fazer idéa de sua importancia.

E' triste e pobre, portanto, o aspecto de Acapulco, e bem grande foi a de-

epção por que passámos quando a vimos. Em vez da pequena e mofina cidade esperavamos um porto de mais vida e a actividade de um commercio florescente.

Logo depois de fundeados recebêmos a visita do capitão do porto. No dia seguinte pela manhã salvámos á terra, sendo a salva retribuida pelo forte, e depois ao chefe, respondendo-nos a canhoneira. Para essa salva foi preciso emprestarmos uma bandeira brazileira, que um official da canhoneira veio a nosso bordo buscar. E a proposito de bandeira, citaremos um facto que logo ao entrar fez-nos desmerecer em Acapulco, pelas inducções que delle se podem tirar: o forte não tinha a bandeira içada, e só a içou quando entrámos e reconhecêrão que o nosso navio era um vaso de guerra.

Depois recebêmos successivamente a visita do commandante da canhoneira mexicana *Democrata*, a do chefe que commanda a força naval do Mexico no Pacifico, e a dos officiaes da canhoneira.

VIII

EM ACAPULCO

Eis-nos no Mexico, no porto de Acapulco Juares.

Acapulco, outr'ora florescente, o porto principal do Mexico no Pacifico, onde vinhão ter os galeões hespanhóes carregados de aventureiros e de onde partião carregados de riquezas, é hoje um porto pouco frequentado. Sua população, de umas 10 a 12,000 almas, vive em boa parte disseminada em pequenas casas pobres e núas como as de nossas mais pobres povoações do Imperio.

Com essa população já podia ser uma cidade regular. O typo do povo é o mesmo que o daquella gente acablocada do norte, o mesmo que o da gente de classe baixa que vive em Maceió naquellas casinhas á sombra dos coqueiros.

Os homens de melhor condição trajão roupas de brim branco ou de côr, e os de classe baixa uma calça branca e camisa, que deixão fluctuar ao vento, usando todos do muito conveniente chapéo de palha de abas largas.

As mulheres do povo trazem muito simplesmente uma camisa que se faz notar pela alvura e pelos lavores, saias e uma pequena manta em que envolvem o busto e que lhes serve tambem de guarda-sol.

Anda-se, pois, bem á fresca nesta terra de Acapulco; e é para que o leitor possa fazer idéa de como se póde viver satisfeito com as ardencias de um tal clima que desço a estes pormenores.

Em qualquer classe o traste favorito é a rêde, e o instrumento predilecto o violão. Nas casinhas do povo é a rêde muitas vezes mesmo o unico traste.

Em tudo ha uma pobreza e ao mesmo tempo um ar de bem estar ou de satisfação que se contrastão de alguma sorte, o que tambem temos visto na nossa terra.

Em tudo, emfim, ha um asseio que encanta.

Acho escusado, leitor, occupar mais a vossa attenção com particularidades sem importancia. Para se poder fazer idéa disto dir-vos-hei que em tudo é esta gente semelhante á nossa gente baixa do norte; são frugalissimos: uma ninharia culinaria e alguns fructos serve-lhes de alimentação; estão quasi sempre em ociosidade, a palestrar, o que me excitava o desejo de saber como ganhão elles a vida, e a suspeitar que nessa terra não é preciso trabalhar para viver, embora tenha já passado o tempo do manná.

Quanto a hoteis, ha aqui uma casa de bilhares com pretenção a merecer esse nome, e disse. Mas ha tambem felizmente casas particulares que prestão o mesmo serviço. O mercado é á luz do sol e em plena praça. Não é comtudo concorrido sómente pela manhã, o é tambem pela noite, e quando por alli passava passeiando, a gozar do fresco dessa hora, bem recordava-me da praça de Jaguará, em Maceió, onde, nas noites de festa na pequena igreja que ahi ha, funccionava ruidoso o mercado de doces e confeitos em taboleiros illuminados por uma lanterna, symetricamente acampados.

Ha semelhança extrema, a differença está apenas na qualidade dos generos postos á venda, por isso que lá os compradores são os gulosos, aqui são os que têm fome; é a pobreza que ahi vem fazer refeição, ou o amante da chicha que ahi vem refrescar-se dos calores do dia.

Oh! que terra insipida! que terra quente. Que mosquitos!...

O thermometro centigrado chegava, pelas horas mais quentes, a 31,5 e a 32 gráos. Imagine, leitor, que só o lembrar isto está-nos fazendo suar a corregos; não podiamos passeiar com tal calor, de maneira que quando iamos para terra, quasi sempre pela tarde, iamos para uma casa, das taes que referimos acima, que prestão serviço de hotel, em que nos tinhamos alojado, e ahi na varanda interior, em trages mais frescos, deitados em redes, camas de vento, ou repoltreados em commodas cadeiras de balanço, entregavamo-nos ao prazer da palestra, deixando passar as horas mais quentes para podermos fazer um pequeno passeio pelas ruas e apreciar o luar, já que não tinhamos onde ouvir um pedaço do *Barbeiro de Sevilha*, ou do *Ruy Blas*, por exemplo, que então ás vezes me fazia cocegas á memoria do ouvido, que parece conservar ainda o éco daquellas maravilhosas notas da eximia Biancolini.

Malvinas, Punta Arenas, Acapulco, eis um mimoso ramalhete que temos conseguido formar em nossa viagem até aqui. Não podemos fazer a injustiça de nelle incluir Valparaizo; esse é uma rosa que por seu valor relativo merece estar só.

Formão os tres primeiros uma trindade bem pobre e bem para desanimar se não tivessemos em perspectiva os bons portos do Pacifico: em nada com effeito elles compensão o viajante, pois não trazem a idéa nem as terras da Arcadia nem os *boulevards* de Paris, nem a belleza da natureza intertropical, nem as maravilhas do engenho do homem civilisado. Ahi não ha nem o idylio, nem o soneto; nem os encantos da vida simples do campo, nem o artificio da vida industrio a das cidades.

O que nos consolava era a abundancia de fructas que ahi ha, e que o calor fazia tão apreciaveis. A laranja, apezar de não ser época propria; o sapoty, de que ha uma qualidade notavel pelo seu grande volume; a manga, extremamente abundante e de excellente qualidade, a banana, o ananaz, o abacachi, o cajú, o abacate, etc., etc.; e o côco, esse fructo que pela agua que encerra parece providencialmente collocado nos climas quentes.

Nos meus passeios crepusculo-nocturnos, passei uma vez por uma casa que estava illuminada, e a cujas janellas gradeadas se ajuntava a gentalha da rua a espreitar o que se passava. Indaguei do que assim attrahia a sua curiosidade e soube que ahi festejava-se um casamento. Approximei-me tambem e vi em uma sala, decentemente guarnecida, uma reunião de senhoras e cavalheiros que me parecião ser do *high life* de Acapulco.

As senhoras, assentadas no sofá e em cadeiras, occupando metade da volta da sala, terião uma attitude de quietação de uma fila de bonecas em exposição se não fosse o leque que movião em continuo exercicio; e os homens, do outro lado, não tinhão papel muito mais animado. Em tudo havia um embaraço, uma comica reserva, para não dizer um *matutismo*; o vestuario era tão illusoriamente pretencioso ao do estylo nessas occasiões, que vierão-me logo á idéa as festas de nossas villas do interior, onde as cousas andão pouco mais ou menos por semelhante fórma.

Isso que ahi notamos era tambem o que se notava nas poucas casas de familias que ahi visitamos, onde era uma felicidade encontrar um velho piano que fizesse os gastos da sociedade.

Nada mais, creio eu, posso dizer de interessante a respeito de Acapulco; e já fui bastante minucioso para que o leitor ficasse conhecendo bem o lugar e perdesse toda vontade de visital-o.

E assim passámos 8 dias.

No dia 3 de Junho, pelas 9 horas da manhã, deixámos esse porto. D'ahi a pouco estavamos em mar largo aproando para o sul. Acapulco fôra o porto extremo de nossa peregrinação pelo Pacifico; não deviamos ver S. Francisco da California, essa cidade que ha 26 ou 28 annos nada mais era do que um arraial de caçadores, e que hoje é o emporio do Pacifico: cidade cujo commercio rivalisa com o das primeiras cidades commerciantes do mundo, e que conta já 300,000 habitantes, numero que dentro em pouco estara duplicado

sempre com essa magica rapidez com que se erguem cidades populosas na grande republica americana.

Não esta longe o tempo em que S. Francisco chegue a constituir uma das mais bellas e opulentas cidades do mundo. Por folhas dessa cidade, que vierão-nos ás mãos em Acapulco, soubemos que o Imperador alli havia estado e congratulamo-nos com a noticia do acolhimento e provas de apreço que tem recebido o nosso sempre festejado monarcha.

Sentimos não ver essa grande e prospera cidade, quando já não muito distante della estavamos, pois parece que vir ao Pacifico e correr grande parte do litoral da America sem ver S. Francisco, vale quasi o mesmo que ir a Roma e não vêr o Papa, como diz o adagio; mas no intimo do peito segreda-nos com tanto agrado essa palavra — volta....

IX

DE ACAPULCO A GUAYAQUIL

Deixei-vos, leitor, ao sahirmos de Acapulco... Poucas novidades tenho a contar desde alli até chegarmos á embocadura do rio Guayaquil. Calor intenso, ventos inconstantes e calmas, céo constantemente nubiado, chuvas quasi sempre a tarde, trovoadas, noites em geral lindas, eis os elementos do pouco pittoresco painel que tivemos até os cinco gráos de latitude norte. Ali começarão a soprar ventos do sul que nos trouxerão uma temperatura mais agradavel e tornarão o céo menos nebuloso.

E nada mais; apenas no dia 17 avistamos á prôa por bombordo um patacho, que se dirigia para nós; queria evidentemente approximar-se, pois orçava o mais que podia, vindo antes com vento largo. Quando já se achava perto, tendo cada um dos navios içado a sua bandeira (a delle era dinamarqueza), virou de bordo a emparelhar comnosco, e fez signaes pedindo a longitude; tendo nós respondido, comprimentou agradecendo, e de novo virou de bordo, seguindo o primitivo rumo.

Era bonito e veleiro o pequeno navio dinamarquez. Seria elle com effeito de algum porto do longinquo archipelago, cuja bandeira trazia? Póde muito bem ser, leitor; esses pequenos navios têm a audacia das andorinhas do mar; o seu ninho é longe, muito longe, mas elles atirão-se na immensidade, ligeiros como se fossem alados, a correr sobre as ondas, como se brincassem em quieto lago.

Elles têm a vivacidade (desculpem a expressão) dessas pequenas aves a que os comparei: como ellas, são graciosos e esbeltos, e involuntariamente quem os vê correndo imagina que, se a tormenta rebentar, ha de poupal-os compadecida da sua pequenhez e admirada do seu atrevimento.

Nesse fragil e pequeno lenho vai a temeridade humana, leitor. E' tão grande o contraste entre o seu tamanho e a immensidade em cujo seio corre, que, se sobre elle desabasse desapiedada a tempestade, parece que ficaria esmagado, pulverisado como o verme que se esmaga com o pé de encontro o sólo, quasi sem deixar vestigios. Parece que uma rajada forte do tufão deveria fazel-o voltear no ar, como a leve penna compellida pela brisa.

Mas diante da grandeza e das forças dos elementos todos são pequenos e fracos. E' a agilidade e não o tamanho que mais vale então: quem melhor galgar uma onda ou salvar um abysmo, melhor póde affrontar a sua ira ou fugir á sua violencia.

Deixemos o faceiro patacho dinamarquez, e sigamos nosso destino que não nos tarda avistar terra.

Uma frisa esverdeada surge das aguas: é a ilha de La Plata. Mais além, por entre as nevoas do ar, percebe-se uma larga facha levemente azulada e de indistinctos contornos: são terras do continente. Mais umas bordadas para o mar e outras para terra, acende-se a machina e entramos no golpho de Guayaquil.

Através o ar embaciado desmaia o azul das terras guayaquilenses. Mais alguns momentos e avistamos a pequena ilha Clara com o seu pharol; deixamol-a á esquerda e penetramos no rio de Guayaquil, cujas margens não podemos avistar por serem pouco elevadas e estarem muito distantes.

Eu imaginava achar-me navegando no Rio da Prata em um dos seus felizes dias de socego. Era a mesma placidez de aguas, a mesma côr, a mesma temperatura da brisa, como a que lá sopra nos dias de verão.

Era isso no dia 27. Continuámos a navegar e em pouco emparelhámos com a ilha de Puna, ilha relativamente grande, raza com as aguas, donde parece surgir a viçosa e alta vegetação que a cobre. Viamos já então o pharol que se assenta sobre uma pequena ponta, Punta-arenas, que sahe um pouco para o rio; caminhámos até elle e ahi démos fundo ás 5 horas da tarde. E eis-nos dormindo em tranquillas aguas do territorio da Republica do Equador.

A's quatro horas e meia da tarde do dia seguinte, 28, seis mezes depois da nossa sahida do Rio de Janeiro, tendo o pratico a bordo, suspendèmos e seguimos até o pequeno povoado de Puna, trinta e tantas milhas distante. Iamos favorecidos pela enchente. Breve avistámos o pharol da ponta Hispaniola e depois o de Puna, proximo ao povoado em frente ao qual fundeámos ás 7 horas e tanto da tarde.

Até a ponta em que está este ultimo pharol, volvendo os olhos para trás ainda viamos pela pôpa scintillar lá ao longe, rente com as aguas, a luz do pharol de Punta-arenas. E', pois, este um caminho já bastante illuminado, que

desde logo dispõe o viajante a julgar vantajosamente da prosperidade do porto a que conduz.

A's 8 ½ horas da manhã deixámos a pequena Puna, uma reduzida agglomeração de cazinhas cobertas de palha, na maioria verdadeiras palhoças, e seguimos em direcção a Guayaquil.

De Puna em diante torna-se a viagem cada vez mais pittoresca. As margens approximão-se; são ainda e sempre baixas, mas sempre cobertas de frondosa vegetação. Rara esta abre-se e deixa vêr um taboleiro de relva, ou dá passagem a um estreito braço do rio, pois, é preciso saber-se, caminhamos através um archipelago fluvial. Vamos, ora approximados de uma, ora de outra margem. O sol está forte e o ar quasi immovel. A temperatura que no pharol de Punta-arenas era de 21 gráos centigrados subio agora a 29.

Eu me deleito mergulhando a vista, auxiliada por um binoculo, por entre as arvores das florestas que cobrem as margens, e em cujo seio penetrão os raios do sol, coados por entre as suas copas verdejantes, illuminando o interior com suave claridade.

Emquanto á beira do rio vagueião pacificamente os guarás e outras aves aquaticas, voão de arvore em arvore passaros de variadas fórmas, tamanhos e matizes. Passão pedaços de madeira ou grupos de verdejantes plantas aquaticas que a correnteza ou a maré transporta direitas e vicejantes, como se assim tivessem sempre vivido. Uma vez por outra vê-se uma choça á beira d'agua; os barcos indicão que nos approximamos de um centro povoado; mas tudo está inculto, no estado primitivo.

E' uma bonita viagem, leitor, mas é um tanto uniforme a paisagem, e por isso torna-se monotona. Em vão faz o rio suaves e graciosas curvas, as margens não têm accidentes, é sempre o mesmo arvoredo copado, frondoso como vegetação do Equador que é. Talvez que para quem não tenha tanto tempo de constante navegar seja ella de mais attractivos, mas para mim, sem contestar a sua belleza, não posso deixar de achal-a monotona.

Por onde passavamos então a vapor, ha 23 annos passava a *Bahiana* á vela.

Nenhum dos daquella viagem estava entre nós, a não ser o pratico que foi quem levou aquella corveta a Guayaquil. De entre os nossos nenhum. O velho pratico postado á beira do rio, como via as suas aguas renovarem-se, subir e descer com a maré, vio brazileiros de duas gerações distinctas aportar ao rio Guayas e reclamar o seu auxilio para subirem ao porto da cidade.

Era elle moço ainda quando isso aconteceu. Corrêrão os annos; o commandante daquella época tornou-se o venerado almirante de hoje, os officiaes, chefes: alguns desapparecêrão já da scena do mundo.

Quantos acontecimentos, quanta agitação, quanta mudança nesse periodo! O pratico é que não mudou. Ficou sempre alli como o anjo tutelar desse rio.

Os annos vierão e não trouxerão transformação na sua sorte: veio só o inverno da vida depor-lhe a neve sobre a cabeça.

Ainda a uma boa distancia já se avista os cerros, os arredores da cidade. Mas não póde o navio seguir esse caminho recto, que o rio offerece; é preciso que ora nos approximemos de uma margem, ora de outra, porque o seu caminho está cavado no leito do rio em caprichosas curvas. Dentro em pouco tornão-se mais distinctas as casas da cidade ribeirinha; pouco depois vamos emparelhando e logo deixando atrás, á esquerda, as primeiras habitações. São a principio casas erguidas sobre esteios, de paredès de taquara, de tecto de palha, semeadas irregularmente na orla da cidade; pouco a pouco agrupão-se melhor, são cobertas de telha e feitas de madeira propria para construcção, isto é, estamos já caminhando parallelamente á cidade.

Era uma hora e tanto da tarde quando dêmos fundo em frente á cidade de Guayaquil. Como o fundeadouro é proximo de terra podiamos já de bordo mesmo ir dando pasto á curiosidade, esquadrinhando a cidade a binoculo.

Guayaquil, situada na margem direita do rio, está assente sobre uma planicie pouco elevada acima do nivel das aguas e que é limitada ao Norte por uma cadeia de serros coberto de arvoredos que partindo da beira do rio prolonga-se para Oéste. No serro qne fica beira-rio ha um mastro de signaes para o movimento do porto. Em consequencia de estar toda sobre o mesmo plano só se offerece á vista a cazaria do cáes, por trás da qual vê-se surgirem aqui e acolá as torres das igrejas.

E' pittoresco o seu aspecto; se as suas casas em geral não são bonitas e algumas parecem, por velhas, estarem suspensas sobre seus esteios por um maravilhoso equilibrio, são entretanto singelas e placidas, attrahentes, com as suas varandas exteriores cobertas de grossas cortinas brancas e suas largas janellas de venezianas verdes; algumas são mesmo bonitas, mas á vista de outras, perguntariamos se erão pombos ou homens os habitantes dos immensos pombaes. O grande numero de bandeiras de diversas nações que se achavão hasteadas nas janellas de muitas dellas concorrião para dar-lhe um aspecto alegre.

São de um, dous e tres andares e sob os seus porticos está o passeio da rua, assoalhado, de modo que se póde andar na rua, á hora do sol mais forte, e mesmo com chuva, como se se andasse no interior de uma habitação. Mas é facil prever quanto diminue a animação das ruas esse caminho abrigado, escondendo os transeuntes.

E' uma cidade, cuja construcção condiz com o clima da região em que está: as casas são feitas de madeira e cobertas de telhas como já dissemos, e todas abertas ao ingresso do ar, ao mesmo tempo que são resguardadas por todos os lados dos rigores dos raios solares.

O cáes ainda não está concluido, mas já offerece um lindo *boulevard* e é

a rua mais bonita da cidade. Junto a elle, na orla do rio, achão-se casas de banho fluctuantes, umas barcas a vapor, uns poucos de navios em descarga.

Eu nunca vi a capital do Pará, mas diversos companheiros de bordo dizem que Guayaquil assemelha-se muito áquella cidade.

Mais pittoresca é a paisagem dos arredores.

O rio alarga-se em frente a Guayaquil desde as primeiras casas; as suas aguas turvas correm ora para cima, ora para baixo, pois até aqui influe a maré; na outra margem, que tambem é baixa, estendem-se verdes arvoredos e ao longe azula a cordilheira, cujo pico mais alto, o Chimborazo, se avista mais para o norte nos felizes dias em que a transparencia do ar o permitte.

E' realmente pittoresca a paisagem, mas a cidade tem um ar de morbidez e velhice; é preciso que se acabe de reedifical-a, mesmo pelo systema das suas construcções recentes, e então será alegre e risonha a cidade de Guayaquil. Em verdade, quem percorre suas ruas sem calçamento ou pessimamente calçadas e descuradas, e vê os desmantelados e sujos pardieiros que ameação desabar sobre o transeunte, e quem contemplar os alegres e bonitos edificios mais modernos, não póde deixar de desejar que o incendio, que tanto lugar tem dado já á reedificações, consuma ainda, porém acertadamente, esses montões de lenha que ahi estão afeiando a cidade. Mas o incendio é cego e muito voraz nas cidades de madeira; quando elle atira a sua lingua de fogo, devora um quarteirão. A's vezes já não queima só os ramos resequidos, queima tudo, rebentos viçosos e flôres murchas, e o galho todo ha de morrer porque já não ha seiva bastante para fazel-o recrudescer; e a seiva de uma cidade é o ouro que nem sempre abunda. E assim é que em grande extensão, onde já se erguêrão vistosas habitações, levantão-se hoje modestissimas vivendas.

Tem mais de suave do que de alegre a cidade de Guayaquil; as suas ruas são pouco animadas; ha ausencia de carros de toda a especie, pois quando muito ha dous ou tres cabriolés particulares, em que as familias que os possuem sahem a passeio á noite. De dia rara é a familia que sahe a passeio a pé. Tudo, emfim, quanto dá alegria a uma cidade, o movimento agitado, o commercio, o seu ruido, o transito dos homens, de familias, não existe alli. As janellas estão quasi sempre desertas, e raro á tarde vê-se em uma ou outra uma senhorita, que distrahe-se contemplando a scena da rua ou apreciando o fresco da viração que sopra então.

Estas janellas cobertas de cortinas ou venezianas e estes passeios das ruas sob os porticos das casas tudo escondem; parece que á força de evitar os raios ardentes, do sol, á força de procurar a sombra, a cidade evita a luz; sombrio, portanto, é o seu aspecto e tem alguma cousa de triste a impressão que infunde tal recolhimento. Dir-se-hia que a cidade dorme; pensa que é a

hora da sesta quem ahi salta pela primeira vez, mas breve vê que prolonga-se a mesma quietação e que não vêm pôr-lhe termo o ruido e a animação.

Guayaquil tem cerca de 25,000 almas. E' pequena e muito agrupada. Não caminha com passos agigantados, mas, entretanto, prospera.

X

EM GUAYAQUIL

Apenas chegámos, veio a bordo o capitão do porto, acompanhado do nosso vice-consul o Sr. Manoel Orrantia. Salvámos a bandeira do Equador, e, quando miravamos todos os pontos para vêr donde nos podia vir a resposta que já se fazia esperar, vimos desembocar no cáes um parque de artilharia a pé, que, desfraldando alli a bandeira brazileira, deu uma salva real.

No dia seguinte fui a terra. Os escaleres de bordo atracavão a uma balsa ou casa de banhos, de que nos utililisámos como cáes de desembarque, por offerecimento do proprietario. Esta circumstancia é importante, porque assim evitamos a pessima impressão que causão as difficuldades do desembarque nos cáes publicos, que nada têm de bons.

Pouco direi da impressão que senti aos primeiros passos que dei; pouco favoravel foi ella: achei em tudo um ar de atrazo, de indolencia e de descuido, que apezar de estar habituado ao que, em virtude das mesmas causas, ha tambem em boa parte na nossa terra, não me foi agradavel.

Bem me contrariava tambem a curiosidade, pouco commum, de que eramos objecto; por toda a parte seguia-nos o olhar indagador do povo, que parava na rua para mirar-nos attentamente, e ainda assim ficavamos satisfeitos quando não nos viamos acompanhados por um grupo de garotos, que nos escoltava por toda parte, parando onde paravamos, postando-se ás portas das lojas em que entravamos, para d'ahi assistirem ás nossas compras, tornando a acompanhar-nos á sahida.

Nesse dia o Sr. vice-consul veio a bordo fazer a visita official, e como tal, teve as honras que lhe erão devidas.

Comecei a fazer as minhas visitas costumeiras. Fui ver a cathedral, elegante e imponente edificio construido de madeira. Situado na praça mais central da cidade, é esse um bonito templo e tem bastante cunho de originalidade. Parecia-me entrar em um desses templos dos antigos povos destas regiões, dos tempos da America primitiva, segundo as pinturas que vi algures.

A igreja tem um só corpo, separado em tres por duas ordens de elegantes columnas de capiteis dourados, que supportão duas galerias, uma de cada lado.

No fundo está um amplo e elegante estrado cercado de gradil, bastante afastado da parede; alli se ergue o altar-mór. Atrás e aos lados desse altar, ainda sobre o estrado atapetado, ha algumas estantes de musica e genuflexorios. Aos lados existem seis altares e mais uma capella, que se abre á esquerda.

Subimos ao côro para ver o grande e bello orgão; visitámos todas as dependencias que ainda se achão em construcção ou reparos. Em tudo ha uma simplicidade magestosa, eu não podia penetrar no seu recinto sem sentir-me impressionado á vista daquelle altar elevado isoladamente no meio da igreja, cercado de altos cyrios, e com o cimo dourado, illuminado pela luz que penetra pelas vidraças, coada por vidros de variadas côres.

Aos lados do paravento ha duas enormes conchas de algum colossal molusco, que servem de pias de agua benta.

Não pude assistir a uma missa na cathedral, e tive pena, porque deve ser de bello e imponente effeito. E' alli que a melhor sociedade vai assistir a que reza o bispo de Guayaquil, ás 9 horas.

Nenhum dos outros edificios visitados, hospital, mercado, etc., merece menção.

A' tarde fui com dous companheiros fazer uma excursão até o extremo norte da cidade. Beirámos o cerro de que já fallei, em cuja fralda se assentão bonitas casas, que se aprumão por esteios sobre o rio, e fomos ter á um lugar, onde termina o rio Guayas, que de novo se alarga bastante e é cheio de graciosas ilhotas de verdura e de pequenas casas de madeiras, que formão uma aldeia fluctuante, que, comquanto pobre, tem uma feição bastante original. Esse lugar que indicamos na fralda do cerro é conhecido pelo nome de Penha e passa por ter um ar mais fresco e quiçá mais puro. Por isso é procurado como um estadio de convalescença.

No dia 1º forão o Sr. commandante e alguns officiaes, em companhia do nosso consul, fazer um passeio pela estrada de ferro até uma estação proxima. Para tomar-se o trem, vai-se embarcado em um dos pequenos vapores que, occupados na conducção dos passageiros, sobem o rio e vão entrar em um affluente, onde seguem até uma pequena povoação, em que se acha a estação de partida; mas não tiverão elles de esperar pelo vapor do costume: o Sr. governador, querendo obsequiar o commandante deste navio, pôz á sua disposição um pequeno vapor, em que fez-se representar por um cavalheiro encarregado de acompanhar os passeiantes.

Chegados á estação embarcárão-se no trem em uma viagem expressamente feita para esse passeio. Tudo emfim quanto podia ser-lhes agradavel foi-lhes proporcionado, e por isso voltárão penhorados pelas attenções de que forão sempre cercados.

Estava annunciada grande festança no Sallado para essa noite. Promet-

tia-se uma illuminação nunca vista, bandas de musica, concertos, *bufets*, jogos e não sei que mais. Lá fomos, prevendo bem o que podião ter de real tantas promessas, e scientes de qual seria a causa de tamanha festa, e para que o leitor faça idéa de tudo, principio dizendo o que é o Sallado, que eu já tinha antes visitado por conselho de gente do paiz, que m'o recommendava como um passeio muito aprazivel, um dos melhores passa-tempos que se podia encontrar em Guayáquil.

Guayaquil está sobre uma peninsula bastante comprida e estreita na sua base. Do lado de léste tem o rio Guayas e do'de oéste um braço de mar, que tanto como Guayas, no movimento das aguas e disposição das margens merece o nome de rio, mas que differe daquelle em ter aguas salgadas e não doces, pelo que tem o nome de rio Sallado. Ora, não bastavão os banheiros de agua doce sobre o rio Guayas; alguns enfermos carecião tambem de banheiros sobre o rio Sallado. Construirão-se, pois, os banheiros de agua salgada e estableceu-se uma linha de bonds da cidade até o lugar, onde se levantou uma elegante estação e construio-se uma bonita ponte sobre o rio, transformando assim, na realidade, aquelle lugar em um aprazivel sitio de banhos.

Os bonds partem da mais bonita praça da cidade, e, sem descreverem a menor curva, seguem por uma das mais bellas ruas até fóra da cidade, d'onde por uma planicie rasa e núa, e de certa parte em diante pantanosa, caminhão cerca de uma milha para chegar á estação.

Nada tem de interessante o tal passeio, pois não offerece á vista de um lado senão o descampado extenso terreiro, e do outro, a alguma distancia, os cerros ao norte da cidade, em cujo sopé se acha o novo cemiterio, a que vai-se ter por uma entrada pittorescamente arborisada.

O Sallado tem sua graça, sobretudo em uma bella noite de luar; mas é muito pequeno e tristonho. Póde o povo achar prazer em divertir-se ahi, mas, pelo que vi, parece-me que elle contenta-se com os banhos, banhos que aliás, a não ser como remedio, não comprehendo como possão ser agradaveis ou mesmo uteis, visto o negro lôdo que cobre o fundo e as margens do rio. No Sallado ha, entretanto, tudo: além da gymnastica, jogos de exercicio, etc., que já referimos, ha escola de tiro, bilhares e até leite de jumenta para uso dos enfermos.

A festa foi, portanto, um pretexto para attrahir passageiros para a pouco frequentada linha; mas o povo que lá havia tinha ido, em boa parte, no baratissimo locomovel — *calcante pede!*

Deixemos o Sallado com a sua illuminação *a giôrno*, com a garotada a rodar no *Pas-de-Geant* e a banda militar a estrugir os ares com os seu quarenta instrumentos.

Nessa mesma noite recebêmos a bordo cartões de visita das Exmas.

Sras. esposa e filha do governador de Guayaquil. Gratos á benevolente cortezia, alguns officiaes forão no dia seguinte fazer-lhes uma visita e de lá voltárão penhorados pelo trato lhano e amavel com que os recebêrão.

Lindas erão essas noites. Era, em verdade, de um esplendido effeito aquella bella lua que deixava extenso rastro luminoso sobre as aguas do rio Guayás e illuminava o *mallecon*, bonito boulevard de Guayaquil, onde passeiavão os apreciadores das formosas noites tropicaes.

No dia seguinte, recebêmos a bordo uma carta em que o nosso vice-consul, dirigindo-se a todos os officiaes, instava para que comparecessemos todas as noites em sua casa, para tomar chá. O estimavel cavalheiro, de quem ainda nada dissemos, é filho da Columbia e um dos negociantes mais acreditados e bemquistos da cidade; somos-lhe muito gratos, porque fez-nos um acolhimento muito cavalheiroso, como no correr destas linhas se verá.

No dia 3 veio a bordo o governador de Guayaquil. Nesses dias já muitos cavalheiros vinhão a bordo visitar o navio e passavão alguns momentos ou horas comnosco, acompanhando-nos no almoço ou jantar; aos domingos então crescia o numero dos visitantes.

Nessa occasião varios officiaes já havião sido apresentados em diversas casas de familia; e o magnifico club *Guayás* puzera a nossa disposição os seus salões e os recreios que alli ha e assim dentro em pouco já não estavamos em paiz inteiramente estranho.

Paiz estranho.... Rigorosamente fallando não ha paiz estranho para o official de marinha, porque em nenhum é elle de todo desconhecido quando traja o seu uniforme. E' elle debaixo deste ponto de vista um viajante bem aquinhoado de attenções de toda a especie. Não conhece ninguem, mas com todos falla, ri e graceja. Todos gostão da sua franqueza, desse trato facil, familiar e jovial que é partilha do homem do mar ainda moço. Por isso os officiaes facilmente se relacionão; ao primeiro homem de educação que encontrão estendem confiadamente a mão, e eis um conhecimento travado e quiçá o principio de uma amizade sincera.

Mas, apezar de tudo, ha sempre um indefinivel prazer, quando, tão distante da terra em que nascemos, entre a multidão estranha, ouve-se fallar o idioma nacional; é grande a satisfação quando se vê estampar-se a alegria no semblante de um desconhecido, que, ao fitar o nosso uniforme, reconhece em nós compatriotas; é principalmente grande o prazer quando isso acontece em uma cidade que, como esta, não tem talvez um só habitante filho do Brazil, e que só se póde encontrar algum de passagem.

Nos primeiros dias da nossa chegada entrou aqui um paquete procedente de Panamá. A' tarde passeiavão pelas ruas dous officiaes de bordo, quando virão approximar-se uma familia em quem reconhecêrão viajantes e presu-

mirão passageiros do paquete. Os officiaes caminhavão depressa, entretidos em animada conversa. Ao passarem por essa familia algumas palavras chegárão aos ouvidos da moça que ia na frente da familia; ella, surprendida, procurou vêr quem as tinha proferido, e logo, voltando-se com vivacidade para as pessoas por quem vinha acompanhada, exclamou: «São Brazileiros.»

Era uma distincta familia, dahi de Nitherohy, que de volta da Europa vinha visitar os paizes da America do Sul no Pacifico, com destino a nossa capital.

Disse muito aquella exclamação, leitor! Não quero interpretal-a, ou antes traduzil-a aqui, porque tudo quanto podesse dizer teria colorido muito pallido para exprimir quanta commoção encerra. Direi apenas que são tão raros os Brazileiros que a sorte conduz a estes paizes afastados, que quando se encontra um não sei contar o que se sente, mas dir-se-hia que é elle um echo da patria querida que vem impregnado de todo o perfume e suavidade de nossa natureza, de todos os rumores de que ahi estavamos habituados, das vozes dos amigos, da familia, de tudo que lembra as gratas impressões que de lá guardámos. Pensa-se que elle tambem no errar do viajante deve sentir-se orphão dos carinhos de sua terra e tem-se vontade de prodigalizar-se-lh'os. Uma exclamação assim é como si se dissesse: «Aqui estão nossos amigos, aqui estão nossos irmãos!»

Apertão-se as mãos, e principia-se logo uma conversa amigavel como se todos os interlocutores fossem antigos conhecidos.

Succedem-se as perguntas com febril rapidez. Que impressão produz n'um Brazileiro, longe da patria, a vista da bandeira nacional içada na carangueja de um navio!

« Quando vi a nossa bandeira em um navio de guerra, senti não sei o que aqui...», disse uma das moças levando a mão ao peito.

Parece que realmente ninguem póde exprimir o que sente então.

Foi pena que por escassez de tempo as patricias não podessem aceitar o convite dos officiaes para vir a bordo; foi pena que o paquete se demorasse tão pouco, porque quando os dous officiaes derão pouco depois a bordo a noticia do seu encontro, em todos nós despertou-se o desejo de recebêl-as e festejal-as no fragmento da patria em que andamos vogando. Alguns promettêrão mesmo, quando mais tarde ião para terra, que se acaso as encontrassem havião de mostrar como se trata as patricias que andão viajando por paizes estranhos e afastados.

Havia mesmo a bordo officiaes que tinhão a felicidade de cultivar relações com a familia patricia; se com elles fosse o encontro maior seria a surpreza, e elles bem sentirão que não lhes tivesse sido dada essa tão inesperada satisfação.

Mas paremos aqui, se não julgo-me transportado ao Brazil, conversando

com os amigos a respeito das impressões de viagem, e esqueço-me de Guayaquil, que entretanto está tão perto, o que seria uma grande ingratidão.

No dia 12 vierão á bordo o consul italiano e o commandante das armas em Guayaquil. Por occasião da salva de estylo disparou uma peça e o marinheiro que a carregava foi atirado ao rio.

Mais um dos nossos que não reverá a patria!

Tres dias depois o cadaver foi encontrado por uma canôa que o trouxe para bordo, donde, depois de receber os ultimos cuidados da religião, foi levado á sepultura.

No dia 13 deu-nos o nosso consul um baile em que reunio grande numero de familias e cavalheiros da mais fina sociedade de Guayaquil. Nada faltou ahi de um esplendido sarão: bellas toilettes, excellente serviço. Dansou-se até as 6 horas da manhã, reinando sempre muita animação.

Dir-vos-hei, leitor, que de tudo o que melhor me impressionou foi a elegancia perfeita, rara mesmo, destas sympathicas filhas do Equador. Foi o seu ar brando e suave; a sua physionomia languida e viva a um tempo, e seu trato ameno.

Bem se via ahi a eloquencia dessa natureza fertil que vivifica o sol dos tropicos. Os vivos e languidos olhos negros, os bellos cabellos de ebano, o suave tom moreno pallido só prosperão assim nessas regiões.

Una-se a isso uma simplicidade, franqueza, suavidade, que eu não sei qual dellas é, mas que me parece tudo isso ser, e se comprehenderá porque deponho aqui o meu tributo de admiração e sympathia á sociedade de Guayaquil.

Póde, certamente, haver n'outra zona mais belleza; mas, onde fóra dos tropicos essa doçura de traços, essa suavidade de expressão, essa magia do olhar, é que eu não sei.

No dia 14 chegou o general Prado, no paquete procedente de Panamá, conforme era esperado aqui. O paquete entrou tendo içada a bandeira peruana, como insignia do alto personagem que trazia á bordo, pois o general é o presidente recentemente eleito no Perú e vai tomar conta do cargo, o que se deverá effectuar no dia 2 de Agosto. Logo que o paquete deu fundo um parque de artilharia postado no caes deu uma salva de 21 tiros. Vierão buscal-o á bordo e levaram-no á casa que lhe tinha sido preparada.

A' tarde houve um grande jantar dado na casa da governação: os Srs. commandante e immediato desta corveta forão convidados á assistir a elle.

Pelas 11 horas da noite começou o baile, que teve lugar nos bonitos salões do club Guayás, convenientemente preparado. A officialidade de bordo, que tinha sido convidada para o baile, a elle concorreu em crescido numero.

No dia seguinte pela manhã o general seguio no paquete com destino á seu paiz.

No dia 16, domingo, vierão muitas familias á bordo, ouvir missa e visitar o navio, a convite do Sr. commandante. Tinha-se acabado a pintura do navio e bem assim de refrescar o apparelho; tirou-se algumas peças de ré a deixar espaço para dansar; forrou-se o toldo e sanefas com bandeiras; armou-se sobre o leme um trophéo de armas a que sobremontava o retrato do imperador.

A' noite fomos em grande numero ao theatro assistir a uma recita que nos tinha sido dedicada. Era a segunda que aqui dava uma companhia que tinha chegado do sul no ultimo paquete, e que se nomeia — Companhia dramatica sul-americana. O theatro estava enfeitado com galhardetes e bandeiras entre as quaes entretanto não figurava a brazileira.

Representarão o drama—*As travessuras de Joanna*—e a comedia—*Um creado para dous amos*. O pequeno theatro estava de plateia cheia, mas apenas havia um ou outro camarote occupado, além dos muitos que o erão pelos officiaes.

No dia seguinte 17, deu-nos uma tertulia o Dr. Pedro Bolonha, um dos praticos mais conceituados em Guayaquil. O Dr. Bolonha já tinha vindo antes á bordo com sua estimavel familia; no dia da tertulia veio de novo convidar pessoalmente ao Sr. commandante e officiaes. Foi uma noite bem agradavel essa que passámos ahi, no seio de completa familiaridade, sem etiquetas, como entre velhos conhecidos. Foi onde vi pela primeira vez dansar-se a habanera cantada.

E a proposito de habanera ou *dansa*, como se a trata commummente, aqui se a dansa de modo diverso do que vi no Rio da Prata. A cadenciada habanera de Guayaquil é um dos mais bellos bailados que se possa dansar.

Desde o dia do baile do consul em diante tivemos sempre visitas de familias que vinhão vêr o navio. Estavão travadas as relações: como acontecia em Valparaizo, ião os officiaes para terra e dispersavão-se por diversas casas de familia.

Esse acolhimento aqui como em Valparaiso, aqui principalmente, onde não eramos esperados e muito pouco conhecidos somos, deve lisongeiar-nos, ou ao menos, deve levar-nos a felicitarmo-nos. Dizião aqui, como já nos tinhão dito nessa outra cidade, que raro se movia uma familia para ir á bordo de um navio de guerra e que nunca se tinha dispensado á officialidade de um navio um acolhimento tão benevolente. Ainda no dia da partida vierão á bordo familias que só sahirão quando suspendêmos.

E' sempre quando a gente principia a relacionar-se que se tem de deixar o porto. Cousas da navegação! Em poucos dias de passagem creião-se amisades que a partida vem interromper talvez para sempre!

Se nos demorassemos mais haviamos de ter muitas festas, pois soubemos de projectos de bailes que devião ser offerecidos á officialidade da corveta. De toda a parte nos recommendavão guardassemos uma recordação do povo do Guayás que tanta sympathia nos votava; que era isso uma compensação dos gratos *recuerdos* que ahi deixavamos.

O dia 19 foi dado ás despedidas.

No dia seguinte estavamos todos á bordo á espera da enchente para descermos o rio. Grande numero de cavalheiros vierão á bordo fazer as despedidas e aqui estiverão até o momento da partida.

Pela 1 hora e tanto começou a maré a encher. O povo apinhava-se no caes; os balcões enchião-se de gente e por entre as gelosias mal abertas vião-se os binoculos, assestados sem descanço, esperando assistir á sahida da corveta.

Erão 2 horas quando esta começou a mover-se. Um pequeno vapor que estava atracado ao caes, e que devia levar os passageiros á estação do caminho de ferro, veio acompanhar-nos por alguns momentos e retirou-se a fazer sua viagem rio acima. O Sr. commandante mandou a gente subir ás vergas e ahi dar cinco vivas. Emquanto isso os guardas-marinha e officiaes trepavão á amurada e agitavão lenços e bonets. O povo respondia de terra com prolongados hurrahs, agitando os chapéos de palha, e das varandas acenavão e agitavão lenços e até lençóes.

No caes moravão poucas familias das com quem tinhamos tratado, creio mesmo que uma só; era da varanda da casa em que essa residia que o lençól nos acenava.

Foi bella a despedida. A' proporção que iamos deslizando ao longo do caes ouviamos os hurrahs com que o povo, que por elle todo se tinha agrupado, nos saudava ao passarmos.

Tão longe quanto podiamos distinguir bem ainda as casas lá estava na janella um lençol agitado fortemente.

Foi uma bella despedida. A posição da cidade á beira rio muito favorecia á belleza do quadro. A *Vital* descia o rio ao ruido daquellas acclamações com a calma magestade de quem tinha bem merecido da republica.

Ha alguma cousa de imponente e enlevador nesse adeus que grande numero de habitantes de uma cidade corre ao caes dizer ao navio que por alguns dias se hospedou em seu porto ; parece que o éco daquellas acclamações ha de nos retumbar ao ouvido até muito longe e faz-nos felizes com a lembrança da sympathia fraternal que nos vota a terra que acabamos de deixar.

Era já noite quando chegámos a Puna. Ahi dormimos e pela manhã seguinte continuámos a descer o rio. Ao passarmos pelo pharol de Punta Arena parámos para deixar o velho pratico, que sentidamente se despedio de

nós, manifestando a crença de que não havia mais ter occasião de vêr a nossa bandeira entrar aqui na carangueija de um navio de guerra. Elle saltou commovido para a sua canôa e nós continuámos nosso caminho.

Ahi pelas 2 horas da tarde passámos pela ilha Clara, e mais algumas horas mais, e das terras do Equador só nos restava o azulado indistincto que se perdia no horizonte.

E eis-nos em mar alto. Parecia um sonho a nossa estada em Guayaquil; eu tinha duvidas em acreditar que na vespera eu não tinha estado como então a mirar o mar crespo ao sopro do vento do sul, e o navio penso de un lado a bolinar, mostrando o cobre avermelhado e luzente sobre que vinhão espumar as pequenas vagas. Tanto distrahem o navegante os poucos momentos que passão em terra carinhosamente hospitaleira!

XI

DE GUAYAQUIL A CALLAO

De Guayaquil a Calláo a viagem não foi tão agradavel como em outras porções do nosso itinerario, porque tivemos sempre o céo encoberto, e o vento contrario obrigou-nos a constante bordejo, vento que soprava humido e bastante forte para levantar algum mar.

As nossas horas vagas erão dadas em grande parte ás palestras, em que se recordavão as gratas occurrencias e impressões da hospitaleira Guayaquil. As mimosas habaneras que alli tinhamos ouvido cantar, ou a cujos cadentes e queixosos acórdes tinhamos dansado, erão ouvidas com prazer á tardinha. E é já occasião de reparar a falta que tenho commettido não mencionando ainda o nome de quem nos tem proporcionado uma das mais agradaveis distracções de bordo; refiro-me ao guarda-marinha Arthur Velloso, moço dotado de um não vulgar talento musical, talento justamente apreciado por toda a parte onde temos chegado, e sobretudo por nós, que lhe devemos os melhores momentos que temos passado a bordo. Elle vai enriquecendo o seu repertorio com as mais maviosas musicas que vai ouvindo, e, graças a isso, sorriem-nos á lembrança os bons momentos que temos passado nessas terras, cuja recordação assim aviva.

A proposito de musica, a nossa esbelta *Vital* não ficou esquecida. Em Guayaquil um cavalheiro compôz e dedicou á officialidade da corveta uma valsa, a que deu o titulo—*Vital de Oliveira*. E bem se póde imaginar quanto nos é sympathico esse titulo. Se os marinheiros de hoje já não emprestão, como outr'ora, uma alma ao navio, dedicão-lhe comtudo ainda affeição, como se elle tivesse alguma cousa de animado. Como a gente affeiçoa-se á casa em que vive, ao lugar em que reside, com mais razão affeiçoa-se ao lenho fluctuante que parece ter mais alguma cousa de animado do que aquella por

causa do vapor que lhe move o helice, fazendo-o fender as aguas e das largas velas em que intelligentemente recolhe o sopro impulsor do vento. Quando elle não tenha no seio a machina palpitando como ferreo coração, é o seu vulto animado pelo esforço que emprega afim de aproveitar-se dos meios exteriores para caminhar.

Seria ocioso dizer quanto de animado ha nesse ente; todos sabem quanto é variada a sua attitude, segundo as peripecias da navegação e quanto a sua mobilidade anima-lhe o aspecto.

Navio e navegante formão além disso um só corpo no mar. Quando se o avista á distancia sem lobrigar-se nenhum dos que o tripolão, bem se compraz a phantasia, a despeito da razão, em ver nelle um ser intelligente, que busca o rumo certo, manobra, ageita-se para aproveitar o vento, ou zomba delle certeiro, rasgando as aguas a vapor, e move-se sempre como impellido por uma força propria. E' que, repetimos, apparentemente navio e navegante não fazem mais do que um ser; ser de que é corpo o navio e alma o homem, que do seu seio o dirige com o seu pensamento.

Não é para admirar que os selvagens da America considerassem animada a caravella descobridor, e que lhes fallasse á supersticiosa ignorancia o aspecto das *grandes aves* do oceano.

Copio em seguida um extracto que fiz das notas, embora imcompletas e pouco methodicas, que existem no meu caderno, e são relativas a essa secção da nossa viagem.

Dia 26 (Julho).—Passou rente pela nossa pròa um brigue hamburguez. Um marinheiro subio á retranca, e ahi desfraldou a bandeira respectiva. Içámos a nossa; elle comprimentou, agitando a bandeira, e nós retribuimos-lhe.

Dia 29. — O vento tem estado fraco e pouco favoravel, o céo nublado. Ao correr desta costa o vento sopra constantemente do sul; não é, portanto, o vento contrario nenhuma contrariedade inesperada.

Dia 2 de Agosto.—Nunca estivemos em mar largo com tantos navios á vista. Bordejando como iamos, passámos proximo á ilha dos Lobos (*mas a tierra*)—junto á qual via-se uma porção de navios fundeados, talvez trinta ou quarenta, formando com os mastros uma pequena floresta. São navios de grande tonelagem que alli vão buscar o *guano*. Atrás do ponto da ilha ainda viamos as pontas dos mastros de outros. Ao largo outros mais velejavão, approximando-se ou afastando-se.

Dir-se-hia que na pequena ilha havia uma cidade muito importante e commercial; no emtanto, segundo consta, não ha alli nem sequer uma aldêa. Não é o producto da industria humana que alli se vai buscar, é o da industria da natureza. E' o adubo para as terras, a fertilidade da joven America que se vem buscar para reparar o exhaurimento da velha Europa.

O Creador não deu só o vigor, a opulencia de vida ás terras do Novo Continente; fez mais, creou alli tambem grandes depositos de materias fertilisantes, como celleiros de uberdade para quando as terras se esgotassem. No meio das aguas levantou ilhas, onde se accumula o estrume de passaros em camadas de vinte a quarenta metros de espessura. Eis já uma cousa em que é util essa quantidade innumeravel de passaros que habitão a vastidão dos mares.

Dia 3.—Vimos a outra ilha dos Lobos, que fica umas trinta milhas ao Sul da primeira, e que, por estar mais separada do Continente, recebe o nome de *Mas a fuera*. E' menor do que a outra, mas, como ella, coberta de guano, que alveja e fórma elevações que simulão comoros de arêa. Quando mais perto chegavamos, uma pequena lancha que andava bordejando approximou-se de nós. Um dos quatro ou cinco homens que a tripolavão levantou uma bandeira hasteada em um páo e fê-la desfraldar-se. Era a bandeira peruana.

Seria o fragil barco vigia desses thesouros? A nossa curiosidade teve de contentar-se com as supposições. Junto á ilha estava fundeado um navio grande, que alli devia ter ido em busca do guano. Ao longe velejavão dous outros pequenos.

Dia 4. — Um pouco nublado pela manhã, tornou-se depois esplendido. Que prazer experimenta a gente, sentindo-se aquecido pelos raios do sol e vendo um céo azul, depois de ter andado por muitos dias constantemente sob um céo brumoso! Passou proximo um brigue, içou a bandeira peruana e comprimentou.

Dia 6.—Passou á distancia um paquete.

Que bandos de lindas pombas do mar têm nos seguido constantes por estes dias! Quando sentem-se fatigadas pousão n'agua; o navio em pouco deixa-as atraz; ellas de novo desprendem o vôo para vir alcança-lo pousando aos lados ou á pôpa e esforçando-se para acompanha-lo a nado. Vão esforço! Em breve distancião-se e de novo têm de desprender o vôo. O que ellas vem esperar junto ao navio são as migalhas, os restos das refeições que os marinheiros atirão á agua. E' interessante vê-las debaterem-se agrupadas sobre a preza que disputão. E' um contraste notavel o muito mimo e muita graça dessas pequenas aves com a rudeza do alto mar. Tão mimosas são ellas nas fórmas como na distribuição das côres da plumagem; mas tembem são silenciosas como a immensidade do oceano em calma.

Cousa para notar e para encantar é a pouca timidez desses passaros. Com que tranquillidade pairão, rastejando com as bordas ou com o apparelho do navio, e pousão junto ao costado! Com um pequeno anzol com isca pescão-se quantos se queira, com muita facilidade; mas os que são apanhados são logo postos em liberdade, porque para nada servem. Além desses têm

apparecido outros de differentes e tambem bonitas especies; mas erão os primeiros os nossos mais fieis e numerosos companheiros.

Dia 7.—Cresce o numero dos passaros. Temos á pôpa um bando já bastante numeroso. Passamos momentos contemplando-os, pois o espectaculo que offerecem não é tão insipido como á primeira vista póde parecer. Elles captivão bem a attenção por alguns momentos.

Dia 13. — O vento refrescou de maneira a fazer-nos experimentar o que ha muito tempo tinhamos a felicidade de não ter, isto é, balanços provenientes do mar, que elle tinha agitado fortemente. O céo ainda é constantemente nublado. Cahe ás vezes uma garôa, que é bastante densa, para molhar o convez.

Dia 15.—O tempo melhorou: o vento amainou e appareceu o amigo, o bemfazejo, o alegre, o bemvindo sol, que desde muitos dias não tinhamos o prazer de vêr, e por cuja saude já estavamos nutrindo cuidados. Felizmente não tinha havido cousa de gravidade; apenas passára alguns dias endefluxado, como quasi todos nós, em consequencia desse ar brumoso e chuvento, razão por que andava embuçado.

Dia 17.—Viamos grande numero de pequenos corpos azulados, brilhantes, que scintilavão por vezes com vivo fulgor, ao passar aos lados do navio, o qual, em consequencia da extrema fraqueza da aragem, muito lentamente se movia então.

Era isso pelas 11 horas do dia e com o céo encoberto. A luz azulada desses corpos, quando estava no maior fulgor, adquiria um tom mais claro, semelhante ao desses tubos de vidro azul em que se faz passar a centelha electrica ou a do fogo de Bengala da mesma côr.

O mar estava ainda de vagalhão; a agua um tanto turva. Elles subião e descião como corpos que obedecem passivamente á revolução das aguas; mas a agua do mar não se revolve em novellos como as de um pequeno rio, e por isso julguei que elles tinhão movimento proprio e não vi na sua scintillação um phenomeno só dependente de sua approximação á flôr d'agua, mas um phenomeno de producção no momento e de causa animal. Procurei apanha-los em um balde e observar de perto, mas não o consegui, e, sem excluir a duvida, fiquei muito propenso a acreditar que são esses os noctilucos, os animaes a que, segundo alguns, se deve attribuir a phosphorescencia tão frequente e bella nas regiões intertropicaes. O seu numero era grande, e, apezar da opinião em contrario de muitos autores, acreditei que elles podem ser, se não a unica, ao menos uma das mais importantes causas productoras do muito discutido e ainda mal elucidado phenomeno.

A proposito lembrava-me eu da ultima noite que passámos no rio Guayás, em frente á Puna. A noite era sem lua: e, fitando, por acaso, as aguas do rio, vi passarem rapidamente peixes grandes como botos, que alli são muito numerosos, que despedião vivo clarão. Bem tomei conta então de todas as cir-

cumstancias para não ser victima de alguma enganadora apparencia; em verdade o clarão era despedido por peixes, cujo fulgor era igual ao que eu tenho visto á vontade, em outras occasiões, despedir o cassão que, como se sabe, é dotado de muita phosphorescencia.

Dia 18.—Acende-se a machina. O vento é contrario, mas sempre vamos andando umas seis milhas.

Dia 19. — Pouco antes do meio-dia vimos terras de Calláo. Em pouco fez-se distincta a ilha de S. Lourenço, em cujo cimo se apegão densas nevoas, e em cujo extremo ha um pharol. Mais áquem, sahindo da flôr das aguas, viamos ás—*hormigas de afuera*—, formigas essas que carregão o guano, como os lobos, a que nos referimos supra.

Era já noite e noite escura quando apresentámo-nos á entrada do Boqueirão de Calláo. Viamos sobre a terra, no fundo da enseada, no céo, dous grandes clarões, como se as nuvens, ou antes, as nevoas do ar, reflectissem os clarões de dous vastos incendios. Era o reflexo das illuminações das duas cidades, Calláo e Lima: Calláo, o porto, de que distinguiamos as luzes dos lampeões de gaz, e um pouco mais para o fundo, no interior das terras, Lima, a capital do Perú. No porto, semeados aqui e alli, os pharóes dos navios fundeados.

Dia 20. — Suspendêmos pela manhã e caminhámos em busca dos fundeadouros dos navios de guerra, onde demos fundo pouco depois, ás 7 1|2 horas. A cerração, que é ahi quasi constante, tirava o quanto póde ter de bello o aspecto do vasto porto. Encontrámos entre os navios da esquadra peruana e de outras nações a fragata norte-americana *Omaha*, nossa conhecida de Valparaizo.

XII

EM CALLÁO

Calláo é um bom e vasto porto formado tão sómente pela costa e pela ilha de S. Lourenco, que se levanta ao sul como um quebra-mar e pára-vento natural. Terras altas as da ilha e as que beirão a costa mais a ém, para o norte, de um colorido escuro e sem vegetação. Mais para dentro da ilha de S. Lourenço, no pequeno espaço que a separa de terra, ha outra menor, cujo extremo é cortado a pique como se tivesse sido quebrado por desconhecida força. Parece que, abatendo-se o solo de subito, faltou-lhe o apoio e uma porção della desabou, abysmando-se no mar. Talvez uma convulsão vulcanica.

O aspecto do porto é tristonho, embaciado como quasi sempre o ar está pelas nevoas, ou assombreado pelas nuvens que ordinariamente encobrem o céo. Entretanto é animado. Além dos navios á véla que vêm de varios pontos do globo, ha alli um bom numero de paquetes, que navegão, uns para o sul,

até Valparaizo, outros para os portos do norte da costa, até Guayaquil, ou mais além até Panamá, por onde se faz grande parte do commercio, e que é o caminho preferido pelos viajantes que se dirigem á Europa.

E' Callão ainda o porto extremo em que tocão os bellos e grandes paquetes da Companhia do Pacifico.

A cidade construida sobre terras planas e baixas tem, vista do porto, um aspecto mediocre, sobretudo do lugar em que estavamos fundeados, donde pouco della se avistava, por encobrirem-a os navios numerosos que estavão fundeados de permeio ou atracados nas docas. Anima a cidade aos olhos do navegante o constante movimento dos trens de ferro que correm junto á praia, e de cujas locomotivas se vê a fumaça branca saltar de varios pontos a um tempo.

Nesse dia começámos a receber as visitas dos navios de guerra estrangeiros e peruanos, visitas que continuárão no seguinte.

No dia 22 veio a bordo o ministro brazileiro com seus filhos e o secretario da legação.

Dahi por diante tivemos visitas de varias autoridades militares e diplomaticas do Perú e estrangeiras. Erão o chefe da marinha peruana, o chefe da norte-americana, consules e ministros de diversas nações.

Os officiaes de marinha norte-americanos e francezes vierão fazer-nos a visita de camaradas. Fomos, emfim, recebidos por todos com um acolhimento sobremodo sympathico.

Algumas vezes fomos visitados por familias, que vinhão ver o navio. Entre ellas faremos menção especiel da do consul francez, que é casado com uma patricia nossa, estimavel filha da provincia de S. Paulo.

No domingo, como de costume nos outros portos, vierão algumas familias ouvir missa á bordo, mas em pequeno numero.

Permitta agora o leitor que, antes de dar parte do que vi em Callão e Lima, suspenda por um momento a narração que faço, para occupar-me de assumpto differente. Procurarei ser o mais breve que puder. Eis de que se trata:

No dia seguinte ao da nossa chegada em Callão recebi, remettido por um amigo, o artigo do *Globo* de 4 de Maio em que sob o titulo *Tres leviandades* se censura um trecho da minha correspondencia para o *Jornal do Commercio*, em que se dava noticia da nossa estada em Stanley Harbour, nas ilhas Malvinas. Ficárão envolvidas na censura as pessoas que tinhão tomado parte no facto alli narrado e o autor do alludido trecho.

Por mim não responderia a semelhante reparo; mas, sem pensar que seja attendido o appello que ahi se faz ao Sr. ministro da marinha, acho, entretanto, necessaria uma explicação da minha parte, porque nem todos dão ás cousas o valor real, e a censura do *Globo* de 4 de Maio desvirtuou o pensa-

mento de algumas pessoas que, se não fosse o tal artigo, terião lido e relido a minha correspondencia, sem achar nella cousa alguma inconveniente.

E como isto póde prejudicar o conceito de terceiros, dos jovens guardas-marinha, que, por felicidade de seu paiz, andão colhendo sympathias e louvores nas terras do Pacifico, eu não quero manter-me no silencio, porque elles são muito jovens para se poder crer que tivessem um procedimento menos reflectido e inconveniente, que, cumpre notar, só póde ser enxergado como tal pelo meu censor.

Peço ao leitor sensato que veja se não entendeu, pelo que leu em minha correspondencia, que tudo se passou do modo e nas circumstancias que passo a expôr.

As nossas reuniões não erão o que parecêrão ao meu censor. Alguns cavalheiros das pessoas de melhor trato em Stanley convidavão os officiaes a tomar chá, e, entre rapazes, cantava-se ao som do violão ou do piano, com a libertade culta que entre moços de educação facil se estabelece.

Aos Inglezes não interessava a letra que não entendião; tanto lhes importava que se cantasse o *Que dell'a chave*, o *Bitû* ou o *Bem doce*, como os mais bellos romances francezes, e as mais mimosas modinhas brazileiras.

Não erão, pois, reuniões de familia.

Mas já é uma solemne injuria, que só cabe no pensamento do meu censor, o suppôr que moços de educação irião permittir-se em casa de familia o canto de qualquer cousa menos conveniente, ainda mesmo que a ignorancia da lingua em que se cantasse destruisse tudo quanto fosse relativo á letra da cantiga.

Está, pois, explicado o que erão os gracejos, pois é um gracejo cantar —O Lopez comeu pimenta—com o ar de quem canta a Casta Diva, ou pôr em canto qualquer cousa sem nexo nem sentido, apenas para fazer thema á musica, cuja letra estava esquecida.

A mim resta pedir desculpa por não ter respondido por modo mais methodico, logico e acurado, no estylo grandiloquo da censura, como recommendão, diz-se, as regras de arte, e da artinha tambem. Mas não esteve em mim; a gravidade deslocava-as de tal modo aqui que força foi pôl-a de lado, e substituir-lhe, não o gracejo que tanto me repugna, mas a indifferença, que se fosse muda seria talvez a resposta mais apropriada ao seu infeliz artigo.

Com satisfação, e por ter mesmo alguma relação com o que precede, transcrevo aqui as linhas com que nos mimoseou uma folha de Guayaquil, de que alguns officiaes recebêrão exemplares enviados por amigos daquella cidade.

Na mesma folha vem a despedida que ahi mandárão inserir os officiaes desta corveta, como publico testemunho do quanto se confessavão gratos para

com os Guayaquilenos. O Sr. commandante já tinha feito publicar a sua despedida em numero anterior da mesma folha.

Eis o artigo a que nos referimos e que vem inserto na chronica local do *Los Andes* de 22 de Julho:

« *Vital de Oliveira.* — A's 2 horas da tarde de quinta-feira suspendeu ferros esta corveta de guerra brazileira e seguio rumo de Calláo. Era bello o espectaculo que ella apresentava, quando o seu pessoal dizia adeus a este porto, onde deixa gratas recordações e de onde não deve levar menos gratas.

« Fazemos votos pela feliz viagem da *Vital de Oliveira.* »

Damos tambem em seguida a despedida acima mencionada, e o fazemos, porque ella dá a medida do acolhimento que tivemos:

« A officialidade da corveta brazileira *Vital de Oliveira*, ao deixar o pittoresco porto de Guayaquil, deseja deixar bem patente quanto está reconhecida á esta hospitaleira cidade. O adeus cordial que aqui lhe envia não é o ultimo pensamento que lhe consagra; por onde quer que navegue a corveta, a sua officialidade levará sempre gravada na memoria, em caracteres indeleveis, a grata recordação das attenções com que foi recebida em Guayaquil.

« O Creador fez com que os nossos povos fossem povos irmãos, dando-lhes a mesma viçosa e esplendida natureza, um sol que brilha com o mesmo fulgor, e uma alma generosa, simples e boa, com igualdade de sentimentos elevados: é, pois, um abraço de irmãos que dá na sociedade quayaquilena a *officialidade da Vital de Oliveira.* »

Com que soffreguidão buscavamos as cartas em Calláo! Havia tanto tempo! desde Valparaizo que não as recebiamos. Triste e malfadada soffreguidão para alguns que nellas forão encontrar dolorosas noticias.....

Calláo é uma cidade pequena, mas activa. A parte mais commercial, a que beira o porto, é de uma planta muito irregular, de ruas estreitas e caprichosamente tortuosas.

A porção mais interior tem, porém, bellas ruas largas, rectas e compridas, que quando melhor edificadas e desenvolvida a arborisação de que são ornadas hão de vir a ser soberbas.

Mas todas ellas são mal calçadas e é uma verdadeira difficuldade para o estrangeiro o atravessal-as, se acaso não escolher lugar apropriado.

As casas são em geral baixas, mas na parte vizinha ao porto são de um sobrado e de architectura variada, mas têm quasi todas balcões á mourisca, que não direi ser cousa elegante, mas que são graciosas.

Tem alguns edificios bonitos, como: a alfandega, algumas igrejas, praças ajardinadas, um bonito caes, etc., etc.

Sendo tão facil a communicação para Lima, perde a gente o tempo, detendo-se em Calláo. Desta cidade áquella ha uma distancia de seis milhas que se vence em 20 minutos n'um commodo trem de ferro.

Ha alli duas linhas, uma do governo, outra de uma companhia: qualquer dellas é boa, porém mais luxuosa é a do governo, que sempre preferiamos por ir ter mais no centro da cidade. Ha trem de hora em hora.

E', pois, Callão em relação á Lima o mesmo que um dos nossos arrabaldes afastados em relação ao centro da cidade, com a differença que o intervallo que separa as duas cidades não tem habitações.

Dia virá, talvez, em que elle se povôe confundindo-se os limites das duas cidades, a ponto de não formarem mais do que uma só, mas ainda longe deve estar esse tempo; quem percorre hoje no trem a distancia que separa as duas cidades deve estimar que se conserve no estado actual esse terreno quasi plano, muito proprio para a construcção de uma cidade, mas talvez mais aprazivel á vista, assim coberto de plantações de pequena lavoura, de hortas, de gramados onde pasta numeroso gado de variada especie, de extensas e regulares plantações do bello eucalyptus, de milho e de outros cereaes, tudo em porções de terrenos limitadas por pequenos muros de barro, formando malhas irregulares de variado aspecto em que com prazer se contemplão as bem tratadas e viçosas plantações.

Proximo a Lima, a linha ferrea beira o Rimac, sob cujas pontes passa; pontes que sorprendem o viajante pela sua grandeza excessiva em relação á pequenez do curso d'agua, á pobreza do Rimac.

Esse rio, com effeito, estava muito minguado então. Elle, que já não é muito caudaloso no seu principio, soffre bastantes sangrias no seu percurso, de maneira que quasi nenhuma agua leva hoje ao oceano; mas, quando começa o degelo no verão, as aguas que descem da cordilheira augmentão-lhe consideravelmente o volume.

As estradas de ferro já formão uma certa rêde no territorio da republica, mas nenhuma das secções percorridas é mais interessante do que a de Oroya, que constitue um passeio muito apreciado por serem de uma belleza rara as paragens por onde passa o trem.

E' essa a linha de caminho de ferro transandina que um dia deverá communicar essa republica com o nosso imperio e, portanto, o Pacifico com o Atlantico.

Em geral os estrangeiros procurão fazer esse passeio para que todos chamão-lhes a attenção, como uma das maiores bellezas a admirar-se no Perú, mas nenhum de nós o fez, e no entanto, em um dia apenas e por modica quantia, póde-se ir e voltar. A estrada atravessa vinte e tantos tunneis e passa por lugares de sorprehendentes panoramas. Os tunneis sobrepõem-se; os combois serpenteião nas montanhas, indo ganhar successivamente cada um delles; e assim sobem, sobem, até chegar a uma altura a que em nenhuma parte do mundo tem subido a locomotiva.

Mas deixemos de fallar do que não vimos e que só conhecemos por ter

lido e ouvido contar, e desembarquemos na estação dos Desamparados, por onde se entra logo no centro da cidade.

Lima é uma boa, bonita e animada cidade, grande como se póde avaliar pela sua população de 200,000 alma. Tem bonitas ruas, das quaes as macadamisadas são melhores do que as calçadas, com excepção apenas das de parallelipipedos, que poucas são. Ruas compridas, bem alinhadas e que cortão-se regularmente em angulo recto. A construcção é em geral do mesmo systema que a de Calláo, tendo as casas na maioria um só sobrado e *balcões* á mourisca, envidraçados, que se prolongão sobre a rua, com uma saliencia de cerca de um metro, *balcões* que dão á cidade um aspecto interessante e bonito.

Como é geralmente sabido, neste litoral do Perú rarissimas vezes chove, como tambem raro é estar o sol a descoberto, de maneira que as casas não têm outra coberta mais do que um soalho de madeira ou taboado plano, que em muitas não ha, ficando as vigas a descoberto.

Algumas existem ainda que forão construidas pelos primeiros povoadores dessa cidade, e essas têm mais pronunciado ainda o estylo oriental. Mas muitas das casas de Lima não têm a apparencia oriental talvez tanto no exterior como no interior, onde é frequente encontrar-se verdadeiro luxo.

Ha ahi edificios de gosto moderno e de linda architectura, e entre os que vi mais me agradárão a municipalidade e o palacio da exposição.

Entre os edificios antigos primão pela sua importancia e vetustez as igrejas, algumas das quaes, como a cathedral, forão erigidas por Pizarro o conquistador do Perú. Em geral estes edificios não se recommendão muito pela elegancia, mas são de variado gosto e ornamentação. A cathedral, como mais antiga, mais vestigios tem da acção do tempo, mas ainda se vê nella um templo magestoso, de uma ornamentação bonita, apezar de não ter a elegancia das construcções modernas.

E não são pouco as igrejas em Lima, que o seu numero é pouco mais ou menos de 70. Visitei algumas e entre ellas a cathedral, e, comquanto seja curiosa a disposição desta, nada lhe achei que por extraordinario e a um tempo bello seja digno de prender a attenção. Poupo, portanto, ao leitor a sua descripção completa, como a que podia dar, pois m'a fornece o *Lima Illustrada*.

As ruas são bastante animadas, sobretudo as de União e Carabaya, que com a praça principal são os lugares mais frequentados e de mais commercio.

No meio de tanta animação, cousa que sempre se communica subtilmente ao espectador; no meio do movimento incessante de numerosos transeuntes, dos bellos carros puxados por bonitos cavallos, dos cavalleiros, etc., esquece-se a gente de que o céo está nebuloso, para attender ás scenas que offe-

recem as ruas da importante cidade. Mas, no meio de toda a animação, ha uma cousa que contraria mais que a nuvem que encobre o sol, apezar de ser essa a fonte de mais vida e risos para a natureza: é a manta, essa manta impertinente, infalivel, sem a qual não se vê passar na rua uma limenha de qualquer categoria social que seja; a manta avára que não deixa ver da elegante senhorita mais do que os olhos, e quando muito, o nariz; a manta, mais irritadora do que a nuvem porque muitas vezes occulta sem generosidade essa fonte de mais vida e risos do que o sol: o rosto mimoso da gentil limenha.

Ha ahi grande commercio de objectos da China, de que ha muitas casas especiaes, geridas por Chins. E cada dia cresce esse commercio com a Asia, embora elle se faça ainda na sua maioria pela California. Cresce tambem o numero dos immigrantes do celeste imperio.

Fui vêr o Pantheon. E' esse um bem disposto cemiterio, digno de ser visitado.

Os mercados são bons e bonitos. Em diversas ruas ha arcos ou portadas, algumas das quaes dignas de nota; nas praças ha columnas ou estatuas, sendo a principal columna a da Liberdade, e das estatuas são principaes a de Colombo e a de Bolivar.

E a proposito de Colombo, lembrarei que em todos esses paizes, em que temos aportado, ha estatuas erigidas ao descobridor da America, ou pelo menos, ruas e diversos estabelecimentos que têm o nome desse bemfeitor da humanidade.

São dignos de menção: o elegante circo de Acho, onde se celebrão as touradas, hoje menos apreciadas do que outr'ora. E' este com effeito um dos maiores circos que ha neste genero.

A alameda dos descalços, que sem ser feia nada tem de extraordinario, nem comprehendo como tenha podido merecer tanta nomeada. E' aliás um passeio pouco frequentado. Ha outra alameda em Acho, que, sendo mais simples, é talvez mais bonita.

Muita cousa ha emfim em Lima digna de menção, e que seria ocioso mencionar sem dar inteira descripção. Mas do que ahi vi nada me chamou tanto a attenção como o palacio da exposição, do qual procurarei dar uma idéa.

Expressamente construido para esse fim, está situado o palacio no meio de um lindo parque, em um extremo da cidade. Sorprehendeu-me bem agradavelmente a sua visita, porque, com franqueza, a realidade excedia a minha espectativa. Não havia agora exposição, o edificio estava fechado, mas estava aberto ao publico o parque, que é muito frequentado, por ser um bello passeio.

Sobre uma porção de terreno approximadamente duas vezes maior do

que o do nosso passeio, terreno cercado por um lindo gradil, onde há portões de arcos do mais delicado gosto e bem acabada construcção, eleva-se o palacio da exposição no meio de bosques cercados de relva e canteiros de flôres separados por bem tratadas ruas. Seu risco, de um delicado gosto, é imponente e mimoso a um tempo, simples e faceiro.

De um só sobrado, com o pavimento inferior um pouco elevado acima do solo, conduzem ás suas portas lavradas degráos de marmore. E' de um só corpo, tornando-se saliente na sua frente a porção central, ornado de varios emblemas, nos quaes domina, no centro, uma figura de mulher assentada, tendo na mão uma corôa de louro, como em acto de entregar o premio. O edificio bem proporcionado, de um comprimento talvez duplo da largura, tem as janellas em arco, e é ornado de estatuetas anichadas em sua parede, de delicados florões, etc.

Caminhando mais para o fundo do parque encontra-se um mimoso pavilhão destinado ao presidente da exposição.

Mais ao fundo está o chalet do director.

Na porção mais remota, emfim, está um grande relogio astronomico, que constitue um dos objectos mais notaveis de Lima, e estão os viveiros dos animaes, as estufas de plantas, lagos com barcos, repuxos, tanques, etc., etc.

Os viveiros de animaes e as estufas de plantas são bem dignos de attenção. A collecção zoologica é bastante numerosa, mais rica em specimens estrangeiros.

Ha leões, elephantes, camellos, pantheras, tigres, bufalos, lama, etc., grande variedade de especies de gado de differentes typos, rica collecção de aves, sobretudo de trepadoras e gallinaceas. O lama e o condor são os mais notaveis filhos do paiz que vi alli. Ha viveiros de peixes e de aves aquaticas.

Tem, emfim, Lima um já bastante rico jardim zoologico. Não entro aqui na enumeração completa dos specimens que contém, o que me levaria muito longe, mas resumindo direi que muito do que é digno de curiosidade e sobretudo do que é util ao homem, as especies que nos são uteis, as aves domesticas, ahi existem em escala consideravel.

O parque está semeado de estatuas, repuxos e tanques; de bellos combustores de gaz, de tubos preparados a receber arcos de illuminação, etc.

Hoje que se reunirão em exposição as maravilhas de todo o mundo, inda não ha muito em Pariz e Vienna e agora em Philadelphia, empallidecem os estabelecimentos dessa ordem que não podem hombrear com elles; mas apezar disso é digno de attenção o palacio da exposição em Lima, que revela um esforço louvavel que faz um paiz para ter um templo de industria onde celebre as festas do trabalho, em que reunindo as premicias de seu engenho ou do labor, anima a quem trabalha, recompensando-o gloriosamente, des-

pertando assim a nobre emulação, que faz crear prodigios e encher as fontes da prosperidade de uma nação.

De theatros conheci apenas o theatro principal, e não sei se ha outro. É esse um theatro pequeno mas bem arranjado e bonito. Agora funccionava nelle uma companhia lyrica italiana dupla, que era considerada a melhor que tinha vindo a essa cidade.

Terminando, lembrarei que Lima progride muito, que a sua população augmenta consideravelmente, e que portanto é dos mais promettedores o seu futuro. O seu clima é benigno, o seu ar salubre apezar da humidade, com que cedo o estrangeiro habitua-se, depois de ter pago um pequeno tributo de constipação e outros incommodos de saude semelhantes.

XIII

DE CALLAO A VALPARAIZO

Suspendêmos em Calláo a 4 de Setembro, pelas 9 horas e tanto da manhã. Momentos depois dobravamos a ponta extrema da ilha de S. Lourenço, passando por meio de uma numerosa frota de canôas de pesca (setenta e tantas), que de longe simulavão um bando de aves aquaticas, tranquillamente pousadas n'agua.

Fez esse crescido numero de canôas lembrar-me o numeroso bando de aves, que poucos dias antes tinhamos tido occasião de observar mesmo dentro do porto e que constituio um espectaculo muito interessante da natureza viva.

E' preciso ver para poder-se fazer idéa do que seja um bando numeroso de aves do mar. E' preciso ver para acreditar-se como se ajuntão em tão grande numero, que podem formar uma especie de nuvem, que, como a nuvem real, póde obscurecer a luz do sol, occultando-o a uma porção de terreno.

Não poderei dizer a quantos mil ascendia o seu numero, porque escapa isso á avaliação; mas uma nuvem de abelhas que foge irada do cortiço insultado não é mais numerosa nem mais densa.

Vinhão pairando em redomoinho. No centro pousava n'agua uma porção, e em derredor voava o resto; assim pousando umas, e outras despedindo o vôo, ião occupando alternativamente, ora o centro, ora a peripheria. Cada vez alargava-se em um sentido a volta da espira e ia o centro deslocando-se na mesma direcção. E dest'arte aproximavão-se com uma regularidade de exercitado bando.

Erão aves de duas ou tres especies differentes, de grandeza variada, na maior parte grandes alcatrazes. O ruido que produzião agitando a agua no despedir o vôo, ou no rastejal-o antes de pousarem, no bater das azas, etc.,

semelhava perfeitamente o rumor de uma grande cachoeira ouvido de certa distancia.

Esses bandos são as aladas caravanas dos desertos de agua, da atmosphera do oceano. Emigrão as aves do mar como as andorinhas com as estações, e atravessão largas porções do oceano, não sei se em busca de climas mais benignos, se de aguas mais piscosas.

Da ponta da ilha de S. Lourenço entrámos logo em mar agitado: fez-se parar a machina, largou-se o panno e puzemo-nos a navegar contra a corrente e contra o vento, isto é a bordejar.

No dia 7 de Setembro, o nunca esquecido anniversario da nossa independencia, achavamo-nos por uma singular coincidencia justamente em frente á bahia da Independencia. Estavamos imaginando a gala ruidosa de que havia de estar vestida essa extensa porção da America do Sul, de que tanto nos achavamos separados.

Nada de notavel se nos offereceu á vista até Valparaizo: encontrámos alguns navios, vimos grandes baleias que vinhão até bem proximo do navio, e no mais como sempre, o céo quasi sempre encoberto, ás vezes luminoso, e o mar ora molle a espreguiçar se na calma, ora arrufado, ou cavado por grossas vagas.

No dia 20 cahio gravemente doente um companheiro nosso, o 1° tenente Candido Tertuliano Ewerton Quadros. Cahia para não mais levantar-se; era Valparaizo o ultimo porto que devia ver, e esse mesmo com a morte no seio. Pobre companheiro!

No dia 25 entrámos em Valparaizo. Pela primeira vez vi um navio entrar em um porto sem que o prazer da chegada nos expandisse os semblantes. Era muito grave o estado do official doente.

XIV

EM VALPARAIZO

Poucas horas depois de nossa chegada em Valparaizo falleceu o 1° tenente Quadros.

Deitemos um véo sobre o triste acontecimento. Chore cada um no silencio a magoa da perda do amigo e companheiro, que para alguns de nós o foi desde os verdes annos da adolescencia. Eu detenho-me ante a dôr da familia maritima, que aqui deixa em solo estranho um membro estimado, um companheiro das mesmas fadigas e dos mesmos prazeres.

No dia 28 effectuou-se o enterro. Nessa triste e solemne occasião ainda se revelou a sympathia que nos vota o povo chileno. Além da officialidade do navio, grande numero de pessoas da sociedade de Valparaizo, grande parte da officialidade dos navios chilenos fundeados no porto acompanhárão

o prestito funebre até o cemiterio. Ahi vião-se pessoas gradas da sociedade chilena, que vinhão confundir-se comnosco no tributo de amizade ou sympathia que se votava ao que deixára de viver, ao filho do paiz amigo, que para sempre viera hospedar-se no solo da republica.

O caixão foi carregado até o cemiterio por officiaes de bordo, por officiaes da marinha e do exercito chilenos, e por paisanos da mesma nação.

Na occasião de dar-se o cadaver á sepultura o 1° tenente Tavares e o guarda-marinha Souza Reis disserão ao irmão d'armas que ia desapparecer da face do mundo o adeus que lhe enviavão a officialidade da corveta, a armada brazileira e a distante mãi patria.

.....

Valparaiso, nosso antigo amigo, recebeu-nos prazenteira como antes, prodiga de sympathia, como quando pela primeira vez hospedou em seu porto a corveta brazileira.

O que mais direi que o leitor não presuma? Sempre o incansavel compatriota, o nosso consul, a festejar-nos com jantares, em que reunia selecta sociedade, sempre o acolhimento amigo do Sr. Violher, que agora tivemos o prazer de encontrar como nosso vice-consul, e sempre a infinda benevolencia do povo chileno, sempre os carinhos da sociedade de Valparaizo.

O Sr. Montiel, superintendente das alfandegas do Chile, deu na casa de sua residencia um baile á officialidade da corveta, que apresentou-se nelle de grande uniforme. A sociedade Philarmonica convidou a mesma officialidade para a sua partida. Em Santiago deu-se um baile ao ex-presidente da Republica, por amor da boa administração que acabava de fazer, e enviarão-nos convites para bordo; e ainda em Valparaizo o Sr. Martinez deu-nos uma agradavel soirée.

Estava agora festiva a cidade como não podia estar da outra vez que por ahi passamos, por ser então a quaresma. Agora os theatros estavão abertos, as ruas e praças ou passeios erão muito frequentados a noite e pela manhã; não era mais aquella época do anno em que se cuida das cousas do céo, mas a em que se volve o espirito para as cousas da terra, entrando-se em communhão com a natureza, que veste então as galas da primavera.

Parecia que Valparaizo trescalava ainda o perfume das festas do anniversario da independencia chilena, que não havia muito se tinhão celebrado; uma festa destas parece deixar sempre alguma cousa subtil communicada ao ar, que nos faz ver mais nova, rejuvenescida e cheia das esperanças do raiar do dia, com o fresco colorido da alegre e vicejante infancia, a cidade que della foi theatro. E a terra do indomito Araucanio, como qualquer outra terra americana, expande-se alegre na manifestação do acrysolado amor patrio, enthusiasmada pelo grande e remoto facto que esse dia recorda.

Distante de Valparaizo, um quarto de hora de viagem em trem de ferro

está Vinha del Mar. Poetica como seu nome, a Petropolis do Chile reclina-se n'uma vargem que vem banhar a fimbria arenosa em uma enseada do porto de Valparaizo. Alli, no meio de bonitos jardins e de viçosas plantações, estão as bonitas casas de campo da gente abastada daquella cidade, vistosos chalets, alegres vivendas, que sorriem ao viajante por entre moitas de arvoredos. Lá vos levo, leitor, para presenciardes as corridas de cavallos.

E' um pouco incommodo esse divertimento porque não ha archibancadas e fica-se ao sol, mas vale a pena o espectaculo que offerece a multidão que concorre a esse divertimento tão apreciado no paiz. Apostai com os homens, que eu por mim vou apostar com as *senhoritas*.

Em quatro horas o trem de ferro leva-nos de Valparaizo a Santiago, a capital, situada proximo á cordilheira, sobre uma extensa planicie a uns dous mil pés acima do nivel do mar. Vai, pois, o trem subindo até Santiago: ora costeia montanhas, ora as atravessa, ora corre sobre as planicies que as circumdão; aqui, alli e mais além passa por um nascente e florescente povoado, que do solo ou da industria tira o contingente com que entra na vida da nação. A paisagem não é opulenta, mas amena e, graças á altura á que se vai subindo, a vista abrange quasi sempre larga porção de terreno, em cujos accidentes recreia-se com satisfação.

Santiago é uma cidade grande, com uma população de cerca de 150,000 almas. E' a mais grandiosa construcção de quantas cidades americanas tenho visto. E' uma cidade de palacetes. Sobre uma planicie vasta e de suave declive, ella está em uma localidade de muito feliz escolha. Póde crescer muito e muito que não lhe falta espaço, e nenhum obstaculo estorvará a regularidade de sua planta. A sua architectura não é só elegante, mas opulenta tambem, e, entretanto, as suas ruas não são alegres: falta-lhes para isto um calçamento regular que as embelleze e falta a animação do transito, que pouco é na maior parte dellas, sem exclusão das mais bonitas.

Como Lima, ella se agrupa em um ponto da extensa planicie e não tem estes faceiros arrabaldes afastados, que são os encantos da nossa capital e de Montevidéo.

Só ha um cerro na cidade, o de Santa Luzia, de cujas alturas se a descortina toda. Este cerro, outr'ora penhasco agreste, é hoje um bonito passeio de singular curiosidade, graças á idéa e esforços de um notavel cidadão chileno. Cortárão-o de ruas e escadarias, cavárão-o de grutas, e em todos os pontos aproveitaveis construirão uma variedade de estabelecimentos, desses que ha em todas as cidades, tudo, porém, em graciosa miniatura.

Ha, por exemplo, uma bonitinha ermida, convenientemente arranjada, uma casa de banhos, casa de imprensa, fortes, aqueductos, bibliotheca, botequim, catacumbas, etc., etc., algumas cousas dispostas á moderna, outras

imitando as de outras épocas, de que ás vezes tomão o nome, pois em tudo está escripto o destino e typo da construcção.

Corôão o cerro um observatorio astronomico e uma cruz de ferro. Isso deve ter a sua significação. Grutas, terraços, jardins, cascatas, coretos, gymnasios, estatuas, de tudo ha ahi e tudo é mantido com muita ordem.

Consomem-se bem umas cinco horas na visita minuciosa de tantas curiosidades que transformárão o cerro agreste em cerro encantado.

Para quem o vê de fóra o serro parece um grande rochedo lavrado, esculpido, pintado, marchetado, dourado e arborisado, que tudo foi feito de uma só peça, e que o penhasco assim trabalhado alli foi deposto pela mão do homem. Não é sem razão que os Chilenos o indicão á curiosidade do estrangeiro, como uma das maravilhas de sua capital e que só ella possue; em realidade, elle tem um dos mais valiosos titulos á attenção do viajante. é a sua originalidade. Não está perfeito, porque não corresponde a uma idéa bem concebida, ha alguma cousa de amontoado, o que cumpria estar mais disfarçado, e ha muita cousa que podia ter sido melhor executada, mas o mimo e graça da idéa transparecem nelle e já basta isso para que tenha valor; demais, com o tempo se corrigiráõ os defeitos, completando-se a obra.

Visitei bonitas igrejas em Santiago, percorri o imponente edificio da Universidade, o parque Cousino, cujos trabalhos ainda não estão concluidos, mas que já tem nas suas ruas pelas bellas tardes de verão, de 500 a 600 carruagens, em que o percorre o *grand monde* da capital. Mais me chamárão a attenção entretanto o bello e luxuoso theatro Municipal, o Congresso e os magnificos Clubs, que são estabelecimentos de que com bastante razão póde ufanar-se a capital chilena. O theatro pelo bello gosto de ornamentação e pelo seu risco é considerado o primeiro da America do Sul; o Congresso não parece ser o de um paiz tão novo; e os Clubs são indicio tanto da opulencia dessa capital, como do bom gosto e indole de seus filhos.

Seria muito longa a descripção da visita a todos esses estabelecimentos por que se recommenda a luxuosa cidade, mas, para que não se cifre a esteril enunciado a presente carta, direi algumas palavras com que espero poder auxiliar ou guiar a imaginação do leitor.

O theatro, que já foi reconstruido por ter sido devorado por um incendio, não ha muitos annos, consumio 600,000 pesos (1,200:000$) na sua construcção. E nada mais vos digo porque a enumeração minuciosa dos seus arranjos interiores, a descripção do luxo de ornamentação me levarião muito longe. O Congresso, que agora ia entrar em exercicio, foi lentamente construido sob plano e execução de architectos francezes e italianos. Tem uma secção destinada á camara dos deputados e outra á dos senadores, um grandioso e bello salão abobadado para a reunião das duas camaras, e no andar superior a bibliotheca. Tanto apresenta o edificio de propriedade, gosto e luxo no

exterior como no interior. A' riqueza corresponde o luxo das mobilias de todas as salas e principalmente das salas de sessão e o luxo dos apparelhos de illuminação. Tudo faz emfim do Congresso do Chile um estabelecimento de subida importancia.

Era no salão da assembléa geral que devia effectuar-se o baile que pretendião dar ao presidente Pinto, recentemente eleito, e que, a seu pedido, não se realizou, empregando-se a quantia que ia ser despendida nesta festa em beneficio de estabelecimentos de caridade. A época actual é um pouco difficil para o Chile, e o estado das suas finanças não é muito satisfactorio; d'ahi o louvavel pedido do presidente.

O edificio da Universidade é vasto e bem disposto. Percorrêmos os seus gabinetes de physica, chimica, mineralogia, anatomia, bellas artes, etc., os seus laboratorios, bibliothecas, etc.; ainda não completamente acabados e que se enriquecem a todo momento com acquisições novas. Está já bastante fornecido o gabinete de mineralogia, que encerra uma vasta collecção de especies de todas as partes do mundo, mais completa na parte que se refere ao Chile e ao Brazil. Fomos acompanhados na visita a esses estabelecimentos pelo nosso encarregado de negocios o Sr. Ponte Ribeiro, que bondosamente nos guiou e facilitou a visita, e a quem enviamos o nosso tributo de grata consideração.

Não tive tempo para visitar o palacio da exposição do Chile, o que senti muito. Elle deve acompanhar na grandeza os outros estabelecimentos publicos da cidade. A sua quinta é recommendada como um lindo passeio e foi n'um salão de seu edificio que se deu o baile de que anteriormente fallámos.

Tudo que é feito em Santiago respira um ar de grandeza em que se revela a indole da nação; é prova da largueza de vistas, do genio emprehendedor e grandioso de que é dotado esse povo, a recente exposição em que a pequena republica americana deu *rendez-vous* á industria de todas as nações do mundo.

O hospital que visitámos (o de S. Juan de Dios) é mediocre e muito antigo, mas está em construcção um grande e rico hospital, de cuja invocação não me lembro agora.

Se quizesse fallar minuciosamente de Santiago teria bastante que escrever; a capital da republica do Chile é, com effeito, a *perola dos Andes*.

Proximo á estação da estrada de ferro e ao entrar na cidade fica-se muito agradavelmente sorprehendido com a *Alameda*, bello passeio de 100 metros de largura e 5 kilometros de comprimento, que atravessa a cidade do nascente ao poente, e cujo ponto terminal escapa á vista occulto pelo abaulamento do terreno. Lindas fileiras de alamos e acacias limitão a larga rua central reservada ao transito a pé e no meio da qual se levantão de espaço em espaço estatuas de marmore ou bronze. As ruas lateraes são desti-

nadas ao transito de carros. E' esse o lugar de mais movimento de todo Santiago.

As praças são arborisadas, mas pouco têm de notaveis; em uma dellas, a principal, está o portal « Fernandes Concha », um dos mais bellos edificios de Santiago e em que ha pouco tempo se achava o *Hotel de Santiago*.

Para concluir. Santiago é uma cidade de opulencia e de arte. Como cidade situada no interior das terras é um pouco sombrio o seu aspecto; é de melhor e de mais bonita construcção do que Lima, mas não tem nem a animação nem a alegria daquella faceira cidade.

Nos poucos dias que ahi passámos não tivemos tempo de visital-a toda; tivemos tempo, sim, mas foi para vêr que em Santiago ha a mesma sympathica bonevolencia para o que é do Brazil, que ha em Valparaizo.

No dia 8 foi uma commissão de officiaes á casa de nosso consul entregar um album, que a officialidade da corveta lhe enviava, como testemunho de estima e gratidão. Sobre a capa de marfim fez-se fixar uma lamina de prata em que estava gravada a dedicatoria do album, que continha já as photographias dos officiaes.

No dia 11 seguio para o Rio de Janeiro, por doente, um dos mais distinctos alumnos desta corveta, o guarda-marinha Fructuoso Monteiro. Ao estimado companheiro, cuja partida tanto sentimos, desejamos que vá encontrar nos ares patrios o restabelecimento de sua saude.

No dia 16 despedimo-nos da sociedade de Valparaizo com uma *matinée dansante*, de que, como a ultima e a mais concorrida, havemos de guardar para sempre gratas e saudosas recordações. Ella não significa só o prazer de uma festa a bordo; não é só ainda a despedida ao povo chileno, é o adeus ás plagas do Pacifico, onde tanta compensação achámos para as fadigas do mar e onde folgámos de encontrar as provas de sympathia que esses povos votão ao nosso querido Brazil.

Não guarda éco desses dias festivos o casco da corveta, mas guarda o incentivo á memoria o seu nome: para o povo chileno e para o equatoriano, como para nós, o nome da *Vital de Oliveira* ha de trazer á lembrança os alegres momentos que a benevolencia desses povos vinha dar á corveta brazileira.

XV

DE VALPARAIZO A MONTEVIDÉO

Sahimos de Valparaizo pelas 10 horas da manhã do dia 8 de Outubro, com bonito tempo e soprando brisa de SO.

De todos os portos do Pacifico Valparaizo devia ser o ultimo visitado por nós: a elle diziamos, pois, o adeus ás terras transandinas. Partiamos com um duplo pezar, pois ausentavamo-nos de uma cidade onde fomos recebidos tão

cordialmente, e deixavamos alli em sólo estranho, embora amigo, um dos que comnosco tinha viajado, cheio de esperança de rever as amenas terras do nosso Brazil.

Agora não mais o veriamos entre nós, compartilhando os mesmos azares da navegação. Quando á tarde, depois de jantar, nos reunissimos na tolda no extremo da pôpa para palestrar ao ar livre, não ouviriamos mais aquella franca e tão innocente, quanto engraçada risada, tão conhecida dos nossos ouvidos e que tantas vezes nos provocava á hilaridade. O irmão de armas, o companheiro do mar alli ficou: funebre vestigio da passagem da corveta a sua tumba alveja no cemiterio do porto, pedindo uma oração ao navio brazileiro que alli aportar...

No principio da viagem tivemos ventos do norte e tempo agradavel. Caminhavamos em direcção de *João Fernandes*, ilha onde existe a celebre caverna de Robinson Crusoé, o conhecido heróe de Hoê. Não a avistámos, porém, passámos ao sul della e já n'uma distancia que a vista não alcançava.

Recorro agora ao meu caderno de notas, sempre muito incompleto, mas que tem a vantagem da concisão.

Dia 25.—Desde hontem reina um vento fresco do sul, que tem levantado muito mar. Balanços a valer. Frio de 10° centigrados. Chuva.

Dia 27.—Os albatros, o rei dos palmipedes, Diemedea da sciencia, apparecêrão á pôpa. São em numero de 10 a 15. Como estamos em calma elles ahi andão a mariscar, nadando. Um foi nosso hospede por algumas horas, graças ao convite por anzol. Alguns delles são brancos com dorso preto e outros todos escuros, côr de café torrado.

São aves enormes, de uma rica plumagem e de bonitas fórmas, como o leitor sabe; os brancos são os mais bonitos e maiores. São elles os condores do mar.

Dia 28.—Vento bastante fresco do sul, mar cavado, balanço. Estamos aos 39 42' de latitude, 85 de longitude.

Dia 29.— O vento abrandou a ponto de termos inteira calma; veio depois uma aragem de NNO., que passou a ENE., fazendo-nos andar de 4 a 5 milhas. Densa cerração: não se vê cousa alguma á mais pequena distancia do navio. Garôa abundante todo o dia, crescente á noite. Vagas grandes ainda. Balanço.

Dia 30.—Vento fresco de E.

Dia 7 de Novembro.— Temos visto por estes dias alguns navios vindos do sul, e ainda hoje pela madrugada passou bem perto uma galera ingleza. São navios que têm aproveitado os felizes ventos de E. para dobrar o Cabo, o que não é felicidade que aconteça muitas vezes.

Não vos cansarei mais a attenção, leitor, com as notas do meu caderno; dir-vos-hei, resumindo, que até o Cabo, comquanto não tivessemos má via-

gem, foi ella aborrecidamente vagarosa, sendo nesta região os ventos quasi sempre pouco favoraveis; mas as cousas não andárão pelo modo do costume para nós: o vento soprou caprichosamente de rumo não frequente nestas paragens, e em lugares constantemente visitados por ventos frescos tivemos calma e um mar tranquillo como no mais socegado porto. O frio foi apertando, e nós a encadernar-nos nas celebres roupas malvinenses. Tempo encoberto quasi constantemente; raros os dias bonitos.

E assim andamos até perto dos 90° de longitude O. de Greenwich e dahi fizemos prôa ao cabo Horn.

Dia 13 de Dezembro.—No Cabo Horn.—A's 6 horas da manhã passámos pela ilha Diego Ramires e agora ao meio-dia estamos NS. com o cabo Horn, que distinguimos ao longe, bem como as terras proximas, cujas partes mais altas alvejão cobertas por um lençól de neve. Muitos navios desde hontem. Tempo feliz para todos, tanto para os que vão como para os que vem, pois o vento é de N:NNO. Mar de vagas á pôpa. O navio quasi que não balança. A temperatura é suave: 8° centigrados na tolda. O céo não muito annuviado deixa, de vez em quando, apparecer o alegre sol; por vezes tem mesmo ficado limpo, mostrando a sua côr azul claro, esverdinhado junto ao horizonte, como é proprio das altas latitudes. Um dia alegre pois; muito concorrendo para isso a companhia dos demais navios, o que ás vezes entretanto, devemos confessar, é motivo de desprazer, quando com o mesmo rumo que nós algum delles adianta-se, vencendo-nos na carreira.

São navios estes de todas as partes do mundo. Elles vêm da Australia, das ilhas do Pacifico, da costa occidental da America, desde o Chile até a California, e dos portos da activa e culta Europa. E' aqui que elles se encontrão. Na sua maior parte tremula a bandeira ingleza: trazem os productos de Manchester, a manufactureira, de Liverpool, a fabricante, ou as mercadorias de Londres, a commerciante? Transportão o cobre do Chile, o guano do Perú, ou as perolas de Darien? As pelles preciosas ou o carvão de pedra? E' aqui que a gente imagina o mytho do commercio, a alma da humanidade. E' essa a circulação do grande individuo; os navios são os globulos, o mar o plasma.

Bravos marinheiros das longas viagens, é aqui que vos encontrais, depois de muito andar sós na immensidade do mar, para de novo vos espalhardes na solidão immensa. No lugar em que se confundem as aguas dos dous oceanos, no lugar onde convergem os caminhos por que se communicão, é onde se cruzão os peregrinos do mar, as aladas galeras!

Eu me figuro a America estendida diante de mim e o meu pensamento a abraça. Digo adeus ao Pacifico que deixamos, ás praias, aos portos amigos, onde pousamos no seio da carinhosa hospitalidade, e saúdo o Atlantico, em que vamos entrar, e que banha as nossas terras, as alvas praias da fertil e

risonha mãi patria, a moderna Chanaan. Em um relance de olhos retrospectivo lembro a sorte dos paizes que deixámos, a indole de seus povos, a sua historia, e sonho com o seu futuro; e vejo do outro lado da America, como já á estender-nos os braços, o patrio Brazil, por cuja prosperidade tanto estremecemos, e em cuja vida tanto meditamos.

Em cada um daquelles paizes reflecte-se o colorido do clima de que é dotado Nas suas instituições, nos seus usos, nas suas legendas, na toada de seus hymnos, em tudo se encontra traços bem caracteristicos de sua indole. E em parte nenhuma do mundo talvez se póde apreciar melhor a influencia do clima, sobre o typo dos filhos de cada paiz, de cada latitude, do que nesse longo litoral do Pacifico, nessa longa fita de terra comprehendida entre o oceano e a cordilheira, cuja povoação procede de uma mesma raça européa.

O Mexico clama—liberdade! E' essa palavra a legenda de suas armas. Como se sempre soffresse a oppressão de um jugo, elle debate-se, tentando sacudi lo. E não é isso o que se infere da sua historia? Desde Cortez, o conquistador, até a não remota imposição estrangeira, quanto não tem elle lutado pela sua liberdade?

E a sentida e melancolica Equador? Sympathico povo!... De differente origem européa, embora, o clima a fez nossa irmã; aquelle mimo de fórmas e aquella romantica languidez de seus filhos, só os dá o sol abrazador da zona equatorial. Só a calma suave, tepida, da natureza dessa região póde filtrar nas feições de seus filhos essa doçura de que estão tumidos os olhos; só ella póde imprimir nellas assim a expressão dos mansos e bondosos sentimentos, e tal amenidade em suas maneiras. Quando eu vi o distico da pequena republica — o poder na constituição — reconheci nelle a expressão dos sentimentos da nação. Parece o de um povo tranquillo, amigo da paz, á cuja sombra quer prosperar, e que sem temer a aggressão do estrangeiro, de quem deseja apenas a sympathia, resguardando a singeleza de suas aspirações, só cuida na propria felicidade. Parece o de um povo, que, odiando a guerra, que lhe rouba a tranquillidade, que tanto preza, e o jugo do despotismo, de cujo pezo já tenha soffrido, recommenda com infantil gravidade áquelle a quem entrega o cuidado da administração: usa apenas do poder que te dá a constituição, não abuzes delle, não exorbites.

No seu bellissimo hymno, que é tocante e cheio de enthusiasmo, ainda transparece a mesma feição. Nas suas notas vibra a voz de um povo docil e pacifico, mas que, cansado da oppressão, a sacode doloroso e severo ao mesmo tempo. E' um canto em que ha muita melancolia, dôr, dignidade e energia. Tal foi a impressão que elle em mim produzio, quando pela primeira vez o ouvi, executado por uma banda militar em Guayaquil, impressão a que sempre fui sensivel nas outras muitas vezes em que o ouvi depois.

No Perú o homem já não tem o mesmo grão de doçura, uma sensibilidade tão caracteristica; já não volve a vista sómente para a sua vida intima, já olha tambem para o estrangeiro; mas ainda transparece muita mansidão na sua divisa, elle quer sobretudo a união em que com a affectuosidade fraternal dos seus concidadãos anceia construir a sua felicidade: — « Firme e feliz pela união » —, diz a divisa.

Ha de ainda reconhecer a influencia do clima que dota de tanta sensibilidade o filho dessas zonas quem attender ás sentenças, ás maximas, á indole das instituições dos povos que ahi vivião antes da vinda do europeu. Quanta tristeza, quanto sentimento respirava nellas! Quanta melancolia e doçura nas doutrinas dos tempos dos Incas!

No Chile a indole do homem já respira mais actividade e arrojo. Não é o encanto indolente do lar patrio a preoccupação da sua legenda, não são os placidos sentimentos, a vida do coração, o seu enlevo: altivo, brioso, decisivo, não é á nação que falla; na sua divisa parece dizer ao estrangeiro · « Pela razão ou pela força.» Já não se trata do molle e pacifico filho da zona torrida, mas do activo e emprehendedor filho da zona temperada. O amor patrio tudo domina: é a prosperidade da nação, a sua integridade e os seus direitos que, pela razão ou pela força, elle está prompto a defender.

Isto que deixamos escripto nada mais é do que traços accentuados que a observação faz reconhecer na feição do individuo homem ou do individuo nação; se outros caracteres que não constituem o fundo da indole avultão, encobrindo os referidos, é que elles pertencem aos de ordem mais mutavel, e que são influenciados pelas circumstancias de momento.

Póde-se bem notar que nem todos esses paizes têm conseguido realizar as aspirações que annuncião nas suas divisas, mas o voto d'alma da nação não deixa por isso de ser esse que nellas vêm expresso, e que dá indicio de sua indole.

Apezar da concisão com que bosquejamos esses traços, acreditamos ter fornecido elementos á comprehensão do nosso pensamento.

Em resumo, podemos dizer que do extremo sul da America até o Equador, na costa do Pacifico, caracterisando a indole dos povos dessas regiões: é feroz o Fueguino, é bravio o indomavel Araucanio, é arrojado e altivo o Chileno, é brando e affectuoso o Peruano, é sentimental o Equatoriano.

Eis ahi pois uma escala que, comprehendendo todos os climas habitados, bem falla da influencia do clima sobre a indole do homem.

No dia em que com tanta felicidade passavamos pelo cabo Horn, fallecia mais um companheiro de lides, o guardião Porfirio da Silva Pinto. Foi esse um desses factos que fazem a gente scismar indagadoramente na natureza das cousas humanas; são coincidencias que chocão o espirito, que avido de interpretações debate-se em descobrir o poder occulto que prepara os factos,

cuja realização recusa-se então a attribuir ao acaso. Laivos de superstição que delinea na fraqueza humana a contingencia e o apoucamento de seu ver, e de que não se póde pôr em guarda a razão indecisa ante o successo que não comprehende, emprestando-lhe sempre uma significação a que não lhe é dado chegar pela razão.

No dia seguinte deu-se ao mar o cadaver do guardião, com o ceremonial usado em taes tristes circumstancias, ceremonial que, se sempre reveste-se de muita solemnidade á bordo, de mais revestia-se ainda naquella paragem. Todos formados na tolda, assistiamos mudos á partida do companheiro que por tanto tempo vogára sobre essas aguas em cujo seio ia dormir o somno da eternidade. Elle transpoz o portaló de honra carregado por officiaes que lhe derão este ultimo testemunho de apreço e acompanhado pelo Sr. commandante. Dahi a pouco ouvio-se o ruido do baque do corpo n'agua, e ao mesmo tempo á voz de — fogo! — as descargas de fuzilaria diziam adeus ao homem do mar que no mar se sepultou trajando o uniforme de guardião da armada imperial.

Escuso é descrever minuciosamente aquelle ceremonial para que o leitor faça idéa do quanto tem de solemne e de triste; basta para isso que se lembre do lugar em que passa o facto, figure a numerosa guarnição muda e silenciosa formada sobre a tolda de cabeça descoberta, o silencio a que só interrompe o marulho da agua no costado do navio e a voz do sacerdote que resa as orações pelos mortos, o vento, o frio, etc., que facil lhe será a sua imaginação completar o quadro, e o seu coração sentir toda a tristeza do momento.

Tinhamos de tambem pagar o nosso tributo ao mar; não queria a sorte que no longo caminhar chegassemos ao termo da viagem sem deixar no leito da estrada um cadaver: o mar cuja ira tinhamos affrontado sempre incólumes teve emfim a sua presa. Elle não a roubou irado; calmo a recebeu no seio voraz. Como não guarda vestigios da passagem do navio, não guarda indicios do que sepulta em sua profundidade. Lá jaz o marinheiro brazileiro no extremo do continente onde está sua amena terra, alli no mar austral, onde talvez até anniquilar-se de todo, não lhe passe sobre os restos a sombra do casco de um navio brazileiro.....

No dia 15 avistámos a ilha dos Estados e o estreito que a separa do continente, o estreito de Lemaire.

Quantas recordações gloriosas para a historia da navegação prendem-se a esses nomes! Elles symbolisão o quinhão de gloria que a Belgica veio partilhar com as nações da Europa que enviárão seus galeões á descoberta.

Approximamo-nos a dobrar a ponta Leste da ilha com o fito de passarmos entre as ilhas de Falkland e o Continente, mas o caprichoso Eolo dessas paragens veio recordar-nos a sua pouca amabilidade e soprou-nos

com desfavor. E o navio a amoldar-se resignado a esses caprichos buscando outro caminho; haviamos passar por fóra das Falklands, o que nos fazia crescer a distancia a percorrer.

No dia 16 o vento soprou rijamente de O:ONO. O dia estava lindo entretan o. Mar muito cavado, atirando frequentemente agua por sobre a amurada; dá cada sopapo no navio que o faz estremecer e resoar como se disparasse um tiro. Avistamos a ilha Bauchene, que demora ao sul das Malvinas.

O vento foi sempre forte até passarmos as ilhas de Falkland; elle foi rondando de maneira que sempre soprou-nos ao largo. Lá avistámos á noite o pharol do cabo Pembroke, a que tão grata lembrança dedicamos. Pela manhã ainda viamos as terras das Malvinas, das cercanias de Stanley Harbaur, a quieta e amoravel enseada em que repousámos do muito que tinhamos soffrido dos rigores do máo tempo, quando nos dirígiamos ao estreito de Magalhães.

Adeus, terra hospitaleira, és o ultimo conhecido do caminho desta longa viagem, a quem acenamos antes de chegar ao lar, ao lar sim, que em Montevidéo já veremos a bandeira brazileira tremular nos mastros dos navios e já se nos abrirão braços de irmãos a festejar nosso regresso.

Das Malvinas a Montevidéo nada occorreu de importante. O vento rondou, depois enfraqueceu, e afinal cahimos em região de calmas, como são as proximidades do 40° parallelo. Passavão aquelles camalotes de algas marinhas, nossas antigas conhecidas que agora tinhão o mesmo rumo que nós.

Pela primeira vez nesta longa viagem tivemos então occasião de vêr em toda imponencia a phosphorescencia no mar: não se tratava mais, como até ahi, apenas de uma faixa de mar que scintillava como o rastro luminoso da lua; era o mar todo que até o horisonte ardia em luz como se a agua se tivesse transformado em alcool incendiado. O vento estava fresco, o mar arrufado e as pequenas vagas que se eriçavão com as frisas a quebrarem-se em espuma, simulavão labaredas que parecião dever devorar o navio que avistavamos á distancia, caminhando em rumo contrario ao nosso.

Como tardava a chegada em Montevidéo! Entretanto caminhavamos depressa e quando nos dias de calma acendeu-se a machina, o navio correu com uma velocidade que nunca lhe tinha dado igual o vapor durante esta viagem. Mas que quer, leitor, com a approximação crião-se anciedades que antes não havião, e depois de tanto navegar fica o homem tão desconfiado do mar, conta tão pouco com a constancia da benignidade dos elementos, que se teme que surja de subito a contrariedade a nos deter o passo, retardando o momento da chegada. Indaga-se sempre da velocidade do navio e ao menor indicio de que o vento prometta vir pela prôa a gente entristece, como acreditando que por muitos dias mais deve-se ser contrariado pela impertinencia do vento.

Entramos em Montevidéo a 25 de Novembro pela manhã. Em nenhuma parte vi pintar-se tão francamente nos semblantes o prazer da chegada.

Logo vierão ter á bordo muitos dos companheiros alli embarcados nos navios da nossa estação expor-se á chuva de interrogações.

No dia 2 de Dezembro, anniversario natalicio do Imperador, Montevidéo esteve de gala. Os edificios publicos, fortes, etc., tinhão içada a bandeira brazileira.

Nesse dia a guarnição da *Amazonas* deu um jartar á guarnição da *Vital*. No dia seguinte esta retribuio. Além da banda de musica vierão umas trinta praças. A mesa perfeitamente preparada e adornada foi disposta na coberta. O serviço esteve magnifico segundo me referirão. Nada mais engraçado nessas occasiões do que os discursos e a *pose* dos rudes e simples marinheiros. Brindou-se muito aos bravos companheiros que tinhão dobrado o cabo Horn. Devo dizer que muitas vezes esse brinde era erguido por algum que tinha vindo no navio, e que assim incluia-se no numero dos bravos.

XVI

DE MONTEVIDEO AO RIO DE JANEIRO

Sahimos de Montevidéo no dia 4 de Dezembro, dez mezes depois do dia em que ahi chegámos, quando viemos do Rio de Janeiro.

No dia seguinte cahio o vento Sul, fresco e aberto, e eis-nos a correr sob um céo limpido e bom mar. Abençoado vento!

No dia 6 o vento soprou OSO. Céo limpo; temperatura muito agradavel. O navio corre sem balanço. Tudo nos sorri. O tempo está tão bonito e as circumstancias são tão favoraveis que a gente fica com vontade de librar-se tambem ao sopro desse vento, no seio dessa natureza que nos ri.

Passou para o sul á pouca distancia um paquete da companhia de Liverpool.

Dia 7. — Ainda o mesmo tempo. E' uma viagem igual á que fizemos de Valparaiso a Acapulco.

Começão as fantasias. Cada um sonha com a emoção que ha de experimentar ao vêr os arredores do Rio, as altas montanhas de beira-mar; pensa na alegria de vêr-se entre os amigos e a familia.

Quando se avistar o Pão d'Assucar, diz, me chamem, por favor, que eu quero fazer uma grande barretada ao vôvô Pão d'Assucar, ao velho, ao amigo Pão d'Assucar.

Sempre lindo o tempo e o vento fresco a soprar-nos á pôpa. Parecia que a *Vital* tinha reconhecido as aguas e tinha tambem ancia de chegar.

No dia 10 resoou emfim o grito de —terra!—, terra brazileira. A ilha de S. Sebastião apparecia por bombordo. Todos querem avista-la. « És tu mesma, terra do Tupi, tu mesmo, meu Brazil. »

— Lá está a Gavea!

— Aonde?

— Alli pelo turco de vante daquelle escaler.

— Lá está ella; é verdade.

Como se tinha esforçado em avistar e reconhecer todos os pontos do littoral de que cada vez approximavamos-nos mais, com o mesmo afan se procurava descortinar todas as eminencias da vizinhança do porto.

— O Pão d'Assucar! diz um d'ahi a pouco. Venhão vêr o Pão d'Assucar.

> « *Objets inanimés avez-vous donc une âme,*
> « *Qui s'attache à nôtre âme, et nous force d'aimer?* »

Tinha-se levantado um grande aguaceiro pela nossa prôa; tudo elle nos encobrio em breve. Não deu felizmente em grande cousa; mas sempre era para estranhar a má catadura com que nos recebia o Rio de Janeiro, o ingrato.

Quando dissipava-se o aguaceiro era já noite; brilhava ao longe a luz do pharol da ilha Rasa e nas nuvens reverberava o clarão da illuminação da cidade.

Como a noite estava bastante escura estivemos pairando á espera do amanhecer. Para consolar-nos deste retardo obsequiou-nos o official rancheiro com uma esplendida ceia, perfeitamente servida, e com que deviamos festejar a chegada ás praias de nossa terra.

Ao amanhecer do dia 11 de Dezembro de 1876 entravamos e davamos fundo na bahia do Rio de Janeiro.

G 540 .V4 C.1
Viagem da corveta Vital de Oli
Stanford University Libraries
3 6105 035 936 124

Stanford University Li
Stanford, Californ

Return this book on or before d